

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA POLITÉCNICA E DE ARTES  
CURSO DE DESIGN

LETÍCIA BISPO ALVES RONCEN

**FEITO À MÃO:** O ENCONTRO ENTRE DESIGN E ARTESANATO PARA A  
VALORIZAÇÃO CULTURAL

Goiânia  
2025

LETÍCIA BISPO ALVES RONCEN

**FEITO À MÃO: O ENCONTRO ENTRE DESIGN E ARTESANATO PARA A  
VALORIZAÇÃO CULTURAL**

Monografia e Projeto apresentados ao Curso de Design da Escola Politécnica e de Artes da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para a obtenção do grau de Bacharel em Design.

**Orientador: Prof. Me. Tai Hsuan An**

Goiânia

2025



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
GABINETE DO REITOR

Av. Universitária, 1069 • Setor Universitário  
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010  
Goiânia • Goiás • Brasil  
Fone: (62) 3946.1000  
www.pucgoias.edu.br • reitoria@pucgoias.edu.br

## RESOLUÇÃO nº 038/2020 – CEPE

### ANEXO I

APÊNDICE ao TCC

#### Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante LETÍCIA BISPO ALVES RONCEN do Curso de Design, matrícula

2022.1.0042.0031-9, telefone: (62)99907-3995, e-mail leticia.bisporoncen@gmail.com

na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do Autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Feito à Mão: O Encontro entre Design e Artesanato para a Valorização Cultural, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto(PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 16 de Junho de 2025

Documento assinado digitalmente



LETICIA BISPO ALVES RONCEN

Data: 17/06/2025 08:52:30-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do autor: \_\_\_\_\_

Nome completo do autor: Leticia Bispo Alves Roncen

Documento assinado digitalmente



TAI HSUAN AN

Data: 17/06/2025 23:57:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do professor-orientador: \_\_\_\_\_

Nome completo do professor-orientador: TAI HSUAN AN

## AGRADECIMENTOS

Agradeço todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória e contribuíram, para que eu concluísse mais um ciclo importante da minha vida.

Ao meu pai, Pedro, minha maior inspiração e exemplo de vida, com ele aprendo todos os dias um novo ensinamento, sou profundamente grata por todo o esforço, dedicação e apoio para que eu pudesse cursar um ensino superior. Sempre estive ao meu lado me incentivando e mostrando que, apesar dos obstáculos, sempre existe um caminho possível. Aprendi com ele que, com calma e persistência, tudo se resolve.

Estendo minha gratidão à minha família, em especial às minhas avós, Maria e Francisca. Foram elas que me ensinaram os primeiros passos no mundo do artesanato, saberes que me inspiraram e deram forma a este trabalho. Este projeto é, também, uma homenagem à força e à criatividade de vocês.

Aos meus professores do curso de Design, e ao Sérgio, que fizeram um papel importante na minha vida acadêmica, contribuíram compartilhando conhecimentos, além de muitos ensinamentos profissionais e pessoais, os momentos com vocês foram valiosos para a minha trajetória. Em especial o meu professor orientador Tai Hsuan An, que sua calma e conhecimento foram fundamentais para que este trabalho pudesse se tornar realidade.

Por fim, agradeço as artesãs e alunas da Casa Tressê que me acolheram como uma família e compartilharam lindas histórias para este projeto. Ao meu namorado, Odeni, pela presença constante, carinho e apoio, aos meus colegas e amigos que estiveram comigo nessa jornada, obrigada à todos por tornarem tudo mais leve e por compartilharem tantos momentos especiais.

“Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma...”

- Cris Pizzimenti

“Minhas mãos doces Jamais ociosas  
Fecundas. Imensas e ocupadas. Mãos laboriosas.  
Abertas sempre para dar ajudar, unir e abençoar...”

-Cora Coralina

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Feito à mão: o encontro entre Design e Artesanato para a valorização cultural”, tem como objetivo promover a revalorização do artesanato brasileiro, reconhecendo esse saber manual como uma herança histórica e cultural essencial para as futuras gerações. A proposta busca dar visibilidade às histórias de artesãs, especialmente mulheres artesãs do Estado de Goiás, valorizando seus conhecimentos, técnicas e criações. Para isso, foi desenvolvido um projeto editorial na forma de um livro-objeto lúdico e didático, que permite ao leitor experimentar diferentes técnicas artesanais de forma acessível e sensível, independentemente da idade. O projeto estabelece um diálogo entre o design e o feito à mão, proporcionando uma vivência imersiva por meio de elementos manuais e afetivos. Ao estimular a experimentação e a interação com o conteúdo, o livro promove o reconhecimento do valor do artesanato, contribuindo para sua preservação cultural e reforçando sua importância no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: valorização, artesanato, afetivo, preservação, editorial.

## ABSTRACT

This Final Course Work, entitled “Handmade: the meeting between Design and Crafts for cultural appreciation”, aims to promote the revaluation of Brazilian crafts, recognizing this manual knowledge as an essential historical and cultural heritage for future generations. The proposal seeks to give visibility to the stories of artisans, especially female artisans from the State of Goiás, valuing their knowledge, techniques and creations. To this end, an editorial project was developed in the form of a playful and interactive object-book, which allows the reader to experiment with different craft techniques in an accessible and sensitive way, regardless of age. The project establishes a dialogue between design and handmade, providing an immersive experience through manual and affective elements. By encouraging experimentation and interaction with the content, the book promotes the recognition of the value of crafts, contributing to its cultural preservation and reinforcing its importance in the contemporary context.

Keywords: appreciation, crafts, affective, preservation, editorial.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Exposição Fargo 2024.....	16
Figura 2. Bolsas costuradas e bordadas manualmente.....	18
Figura 3. A artesã Francisca Luiza, fazendo saída de banho em crochê.....	18
Figura 4. A Festa da colheita do Capim Dourado é celebrada todos os anos pela comunidade do Mumbuca.....	23
Figura 5. Capa do livro “Casa Brasileira” editado pelo Sebrae.....	23
Figura 6. Pulseiras de capim dourado.....	24
Figura 7. Anéis de capim dourado.....	24
Figura 8. Palhas de taboa colhidas.....	25
Figura 9. Artesanato sendo feito com taboa.....	25
Figura 10. Cestos feitos com a palha taboa pela artesã Mariele José de Souza.....	26
Figura 11. Artista popular Vinícius Fagundes com sua obra artística.....	27
Figura 12. Obra de arte de Vinícius Fagundes na novela “Terra e Paixão”.....	28
Figura 13. Toalha feita por Francisca Luiza para sua neta Letícia.....	29
Figura 14. Artesanato Yudjá ou Juruna.....	31
Figura 15. Pulseira feita pelo povo Gavião, também conhecido como Parkatêjê.....	31
Figura 16. Exposição “Bancos Indígenas do Brasil - Grafismos”.....	32
Figura 17. Exposição “Bancos Indígenas do Brasil - Grafismos”.....	32
Figura 18. Exposição “Bancos Indígenas do Brasil - Grafismos”.....	33
Figura 19. Caneca Teta Livre.....	34
Figura 20. Filtro de água Mosca.....	34
Figura 21. Cerâmica com etiqueta.....	36
Figura 22. Bolsas com etiquetas.....	36
Figura 23. Máscara Burkina Fasso, etnia Bobo.....	39
Figura 24. Berimbau pintado.....	39
Figura 25. Bordado livre em Goiás.....	41
Figura 26. Peças artesanais, mulheres coralinas.....	41
Figura 27. O carvão existente no subsolo da Inglaterra favoreceu o crescimento da	

indústria.....	44
Figura 28. Panelinha de barro com pintura feita pela artesã Luceni, de Goiás.....	47
Figura 29. Jum Nakao apresenta a coleção e filme “Caelestis”.....	49
Figura 30. Jum Nakao apresenta a coleção e filme “Caelestis”.....	49
Figura 31. Espelho editorial - miolo.....	57
Figura 32. Impressão do título para desenhar o bordado.....	58
Figura 33. Bordado desenhado.....	59
Figura 34. Testes de bordado, ponto corrente no tecido etamine.....	59
Figura 35. Testes de bordado, tecido etamine.....	60
Figura 36. Teste no tecido algodão cru.....	60
Figura 37. Bordado escolhido - ponto haste em algodão cru.....	61
Figura 38. Bordado finalizado, ponto haste e ponto atrás.....	61
Figura 39. Esboços.....	62
Figura 40. Esboços.....	63
Figura 41. Esboços.....	63
Figura 42. Esboços.....	64
Figura 43. Esboços.....	64
Figura 44. Metodologia por Rodolfo Fuentes.....	65
Figura 45. Teste de impressão das fontes.....	67
Figura 46. Testes tipográficos.....	68
Figura 47. Tipografias finais escolhidas.....	69
Figura 49. Título e desenho com aplicação em bordado.....	70
Figura 50. Aplicação do bordado, flor de crochê, encadernação e costura na capa.....	71
Figura 51. Paleta de cores e textura.....	72
Figura 52. Ilustração, pontos básicos de bordado.....	74
Figura 53. Ilustração, pontos básicos de crochê.....	74
Figura 54. Ilustração, passo a passo prato com decoupage.....	75
Figura 55. Ilustração das cartas de decoupage.....	75
Figura 56. Ilustrações das cartas de bordado, crochê e costura criativa.....	76

Figura 57. Cartas de desafios, vista frontal.....	77
Figura 58. Cartas de desafios, vista posterior.....	78
Figura 59. Cartas de desafios, vista frontal.....	78
Figura 60. Cartas de desafios, vista posterior.....	79
Figura 61. Fotografia das cartas.....	79
Figura 62. Teste de dobradura do envelope.....	80
Figura 63. Envelope fechado.....	80
Figura 64. Fotografia do envelope e cartas.....	80
Figura 65. Fotografia do envelope e cartas.....	81
Figura 66. Fotografia do envelope e cartas.....	81
Figura 67. Processos da capa.....	82
Figura 68. Algodão cru colado em papelão paraná.....	83
Figura 69. Capas encapadas.....	83
Figura 70. Capas internas.....	84
Figura 71. Impressão no papel pólen.....	84
Figura 72. Furos com agulhão.....	85
Figura 73. Processos da costura copta.....	85
Figura 74. Costura copta.....	86
Figura 75. Produo de três livros costurados.....	86
Figura 76. Dobradura interna com os depoimentos.....	87
Figura 77. Dobradura vista posterior.....	87
Figura 78. Vista do topo.....	87
Figura 79. Vista frontal.....	88
Figura 80. Vista lateral.....	88
Figura 81. Vista superior sem capa.....	88
Figura 82. Vista superior com a capa.....	89
Figura 83. Livro finalizado.....	90
Figura 84. Livro finalizado.....	91
Figura 85. Livro finalizado.....	91

Figura 86. Livro finalizado.....	92
Figura 87. Livro finalizado.....	92
Figura 88. Livro finalizado.....	93
Figura 89. Livro finalizado.....	93
Figura 90. Livro finalizado - costura e dobraduras.....	94
Figura 91. Página com pedaço de algodão cru.....	94
Figura 92. Livro finalizado - local para anotações e criações.....	95

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 Objetivos da pesquisa e do projeto.....	11
1.2 Objetivos gerais.....	11
1.3 Objetivos específicos.....	11
1.4 Justificativa.....	12
<b>2. ARTESANATO.....</b>	<b>12</b>
2.1 As relações entre a arte, técnicas e produção artesanal.....	12
2.2 Artesanato como herança cultural.....	16
<b>3. ARTESANATO BRASILEIRO EM CONTEXTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICOS.....</b>	<b>18</b>
3.1 Origem do artesanato brasileiro: (Brasil e mundo).....	18
3.2 Categorias e tipologia dos artesanatos brasileiros.....	19
3.2.2. Artesanato.....	19
3.2.3 Arte popular.....	24
3.2.4 Artesanato doméstico ou trabalho manual.....	26
3.2.5. Artesanato tradicional.....	27
3.2.6. Artesanato dos povos indígenas.....	27
3.2.7. Artesanato conceitual.....	31
3.2.8. Artesanato de referência cultural.....	33
3.3 Artesanato dos afro-brasileiros.....	35
3.4 Artesanato de Goiás.....	37
3.5. Vozes do artesanato.....	40
3.5.1 Protagonistas do artesanato.....	40
3.6 Influências das máquinas na preservação das tradições artesanais.....	41
3.7 Situação atual dos artesãos.....	43
3.7.1 A desvalorização e a perda da tradição artesanal.....	44
3.7.2 A preservação e o resgate da herança cultural do artesanato.....	45
<b>4. ESTUDO DE CASO.....</b>	<b>46</b>

4.1 Coleção e filme “Caelestis” .....	46
<b>5. PRESERVAÇÃO E RESGATE DO ARTESANATO POR MEIO DO DESIGN.....</b>	<b>48</b>
5.1 Os métodos da preservação e do resgate do artesanato.....	48
<b>6 PROJETO.....</b>	<b>49</b>
<b>7 DEFINIÇÃO.....</b>	<b>50</b>
<b>8 APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA.....</b>	<b>51</b>
8.1 Problema.....	51
8.1.2 Criatividade.....	55
8.1.3 Solução.....	62
<b>9 IDENTIDADE VISUAL.....</b>	<b>63</b>
9.1 Naming.....	63
9.2 Tipografias.....	64
9.3 Título - Aplicação em bordado.....	67
9.4 Paleta de cores e textura.....	68
9.5 Diagramação.....	69
9.6 Ilustrações.....	70
9.7 Cartas.....	73
<b>10 PRODUTO FINAL.....</b>	<b>78</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>94</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe a valorização do artesanato como expressão cultural e meio de sustento, com ênfase nas histórias e nos saberes de mulheres artesãs do Estado de Goiás. A proposta parte da observação de que, apesar da riqueza e importância do trabalho manual, muitas dessas mulheres ainda enfrentam invisibilidade e falta de reconhecimento. Diante disso, foi desenvolvido um projeto editorial em forma de livro-objeto lúdico, que busca promover a visibilidade, o reconhecimento e a experimentação das técnicas artesanais, estimulando o contato afetivo e prático com o fazer manual.

O projeto se baseia em uma pesquisa qualitativa, com entrevistas informais e visitas de campo realizadas no ateliê Casa Tressê, em Goiânia, onde foram ouvidas artesãs e alunas. Além disso, o trabalho inclui referências bibliográficas e estudos que exploram a relação entre design e artesanato, com o objetivo de compreender como o design pode ser uma ferramenta para fortalecer, comunicar e expandir práticas tradicionais.

Portanto, o livro propõe uma experiência sensível e participativa, onde o leitor é convidado a tocar, criar e refletir sobre os valores culturais e sociais que o artesanato carrega. Com isso, pretende-se contribuir para a preservação desses saberes trazendo visibilidade para os trabalhos manuais. O artesanato, nesse contexto, é entendido não apenas como técnica, mas como linguagem viva que conecta histórias, memórias e identidades, é preservando esses saberes e técnicas que evitaremos o apagamento cultural, pois o artesanato conecta as pessoas às suas raízes sendo um patrimônio cultural que precisa ser resguardado.

### 1.1 Objetivos da pesquisa e do projeto

### 1.2 Objetivos gerais

Valorizar as histórias de mulheres artesãs do Estado de Goiás, destacando suas histórias, técnicas, criações e saberes, reconhecendo o impacto cultural e econômico do artesanato brasileiro. Para isso, será desenvolvido um livro-objeto lúdico que promova visibilidade, interação e reconhecimento do valor dessas tradições manuais.

### 1.3 Objetivos específicos

- Propor entrevista com artesãos e encontros locais para mapear técnicas e conhecimentos tradicionais
- Analisar estudos da história do artesanato, de suas técnicas e da relação entre design e o feito à mão
- Pesquisar referências editoriais interativas para explorar alternativas criativas.
- Desenvolver um projeto editorial de um livro-objeto lúdico valorizando o artesanato brasileiro.

### 1.4 Justificativa

A proposta deste projeto surgiu a partir de vivências pessoais com minhas avós, Maria e Francisca Luísa, que trabalharam por muitos anos com técnicas manuais e, apesar da habilidade e dedicação, enfrentaram a desvalorização constante do seu ofício. Essas experiências despertaram em mim a vontade de aprofundar o estudo sobre a valorização do artesanato brasileiro por meio do design. Segundo dados do IBGE, o artesanato movimenta aproximadamente 3% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, sendo uma importante fonte de renda para milhares de famílias, apesar de ainda pouco valorizado. Mesmo com a regulamentação da profissão em 2015, as artesãs continuam enfrentando dificuldades em precificar e divulgar seu trabalho. Além disso, observa-se uma perda de interesse pelas técnicas manuais entre as gerações mais jovens, o que compromete a preservação desses saberes tradicionais. Diante desse cenário, o projeto propõe a criação de um livro-objeto lúdico didático que una o design à prática artesanal, contando histórias de artesãs goianas, ensinando técnicas e promovendo uma reconexão com o feito à mão. A proposta busca, portanto, despertar o interesse pelo artesanato, incentivar a prática entre diferentes faixas etárias e valorizar o conhecimento manual como forma de expressão, geração de renda e preservação cultural.

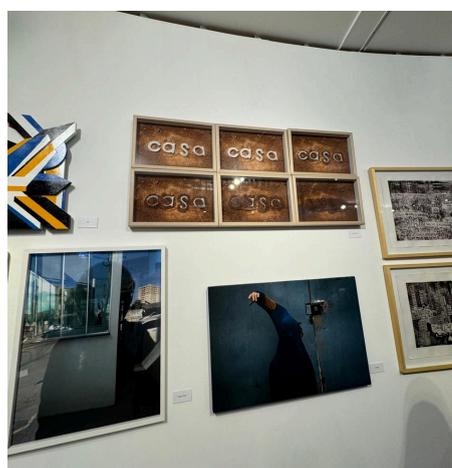
## **2. ARTESANATO**

### 2.1 As relações entre a arte, técnicas e produção artesanal

Com base em pesquisas a arte se baseia na expressão e conceituação da criação, o artista possui o intuito de transmitir uma mensagem por meio daquela arte

única, geralmente as obras artísticas são expostas com o objetivo de ser apreciada pelas pessoas sem exatamente ter um foco de produção dessa arte, pois uma obra é feita de forma exclusiva. Desse modo, pode-se ser feita de diversas formas, seja movimentos, sons, expressões e linguagens, sua expressão se comunica de forma simbólica com as pessoas, tanto que na Pré-História a arte rupestre era um símbolo de comunicação para aqueles povos. Diante disso, para se fazer uma arte não necessita de sempre ter uma produção para ser usada pelos indivíduos, pois é algo que depende do próprio artista, não tem uma produção em larga escala ou seja não tem uma funcionalidade.

Figura 1. Exposição Fargo 2024.



Fonte: Autoria própria.

Sendo assim, de acordo com Fischer (1987, p.51), “[...] o artista continua sendo o porta voz da sociedade.”, isto é, os artistas possuem a responsabilidade de transmitir em suas obras a realidade do ambiente em que vivem, de questionar, de trazer críticas sociais e voz para temas que não tem muita visibilidade e importância para algumas pessoas, a arte é deixar as pessoas reflexivas e pensativas sobre sua verdadeira interpretação, para finalizar Fischer (1987, p. 51-52) fala sobre “A tarefa do artista é expor ao seu público a significação profunda dos acontecimentos, fazendo-o compreender claramente a necessidade e as relações essenciais entre o homem e a natureza e entre o homem e a sociedade”

Segundo Paz (2000):

O artesanato corre junto com o tempo e não quer vencê-lo. O artesanato não quer durar milênios nem está possuído pela pressa de morrer logo. Transcorre com os dias, flui conosco, desgasta-se pouco a pouco, não busca a morte nem a nega: aceita-a. O artesanato nos ensina a morrer e, assim, nos ensina a viver. ( p.21)

Logo os artesanatos possuem uma produção das criações só que geralmente em pequena escala, porém podemos dizer que o artesanato também é uma expressão artística só que não é considerado arte, porque os artesãos colocam em seus trabalhos elementos expressivos de seus cotidianos, aprendizados, cultura, mas possui uma elaboração de peças usuais pelas pessoas só que de maneira diferente em cada peça, no artesanato sempre vai ter uma variação nas produções como é algo artesanal não fica completamente igual todos os produtos e isso que o torna único. Assim, essa habilidade manual é passada por gerações nas famílias, tendo o aprendizado de técnicas diferentes, a prática deste trabalho reflete uma identidade cultural que transmite histórias por meio das peças.

Além disso, conforme o quarto capítulo da Portaria 1007-SEI (2018):

Art.19 diz que Artesanato é toda produção resultante da transformação de matérias-primas em estado natural ou manufaturada, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade. (p.6)

Pode-se presumir que o artesanato é um processo de produção que expressa técnicas e identidades locais, é um meio de se expressar na execução mas geralmente sempre pensando em como aquele artesanato será utilizado e para ser considerado um artesanato precisa ter essas características, pois não é somente algo feito com as mãos, mas exige técnica e uma simbologia cultural. Portanto, pode-se comparar alguns aspectos entre arte e artesanato como por exemplo, as duas partem da premissa de transmitir aspectos culturais, significados da realidade local, tem criatividade e técnica para se fazer, porém a arte é mais um meio apreciador e de expressão, enquanto o artesanato tem sua admiração e expressão só que pode ser feito de diversos materiais diferentes trazendo uma funcionalidade para o dia a dia das pessoas, seja como decoração ou uso.

Figura 2. Bolsas costuradas e bordadas manualmente.



Fonte: Autoria própria.

Figura 3. A artesã Francisca Luiza, fazendo saída de banho em crochê.



Fonte: Fotografia tirada por Luzia Cátia.

## 2.2 Artesanato como herança cultural

Se tornar artesão é um aprendizado que desde a muitos anos na história é passado de gerações em gerações, antigamente muitas mulheres não tinham dinheiro para comprar roupas, somente as pessoas ricas da nobreza tinham um

acesso a isso, sendo assim, desde novas aprendiam com as mães, avós ou até mesmo sozinhas a fazerem roupas, enxovais para a casa, panos de pratos, bordados e até mesmo cobertores e cortinas de crochê, nas regiões frias se tinha o costume de fazer roupas, acessórios de tricô e crochê. No dia 20 de outubro fiz uma visita ao Museu Casa de Cora Coralina na cidade de Goiás, segundo relato da guia da exposição Cora Coralina além de ser uma grande poeta, sabia costurar, ela mesma fez vários dos seus vestidos que se tornaram um símbolo da sua imagem e naquela época todas as mulheres que não tinham condições precisavam aprender a costurar, dito isso, pode-se observar que o artesanato é considerado uma herança cultural passada por diversas famílias seja por questões de necessidade ou até mesmo como veremos adiante como forma de renda.

Segundo a Revista ARC Design 2002:

Em Alagoas se encontram bordadeiras e rendeiras, que conservam intacta a tradição vinda com a colonização, ou melhor, com os colégios de freiras que educavam moças da sociedade para as prendas domésticas, entre elas o bordado. De acordo com Lia Monica Rossi, designer e engenheira de produção dedicada a pesquisa da tradição do bordado no Brasil, a origem das comunidades de bordadeiras e rendeiras do norte de nordeste brasileiro não é tão antigo “As comunidades dedicadas ao bordado e a renda não tem mais do que meio século” afirma a designer. (p.10)

Sendo assim, independente do artesanato as técnicas eram ensinadas como até mesmo uma tradição, como dito por Lia Monica até mesmo nos colégios de freiras as moças aprendiam artesanatos, como por exemplo o bordado, antigamente a sociedade intitulava muito as atividades que tinham que ser aprendidas por mulheres devido ao machismo da época em que as mulheres tinham que ficar cuidando da casa e aprendendo somente coisas a favor de funções domésticas. Porém, com o tempo esse trabalho manual passa a ser também uma fonte de renda dessas mulheres, as pessoas passam a se interessar pelos seus lindos trabalhos, diante o relato de Divina dos Santos Nogueira - artesã e empresária destaca que “Atualmente tem artesãs que já são idosas e não fazem mais, mas os filhos fazem, o artesanato para a dona de casa é muito importante e tem até mesmo homens que aprendem e fazem” conforme o que a artesã disse pode-se afirmar o quanto essa

tradição é passada pelas famílias e o quanto é importante para diversas pessoas, a seguir tem mais um relato de uma artesã sobre essa questão.

Silvia Cristina Coelho Nogueira, artesã, compartilha sua experiência:

Aprendi crochê com 8 anos com a minha mãe, na época minha mãe fazia colchas e ela me ensinava a fazer as franjas que eram pontos mais simples, depois fui aperfeiçoando a sua técnica e hoje em dia parte da minha renda é o crochê, ela diz que faz muito bem para ela também como uma terapia e não consegue se ver em outro trabalho [...].

Observa-se que esse relato com certeza se aplica a história de muitas artesãs que aprenderam com a família, desde novas aprendem primeiramente os pontos simples das técnicas para depois terem conhecimento de outros pontos e aprimorarem os seus trabalhos, sendo uma cultura que permanece presente em muitas regiões e que se faz necessário permanecer sendo repassada como uma herança cultural de suma importância.

<sup>1</sup>Documentário “História e tradição do artesanato” - Matéria da TV aparecida realizada pela repórter Camila Lucci, entrevista com Divina dos Santos Nogueira.

Cora Coralina aprendeu a costurar desde nova para poder fazer suas próprias roupas. <sup>2</sup>

### **3. ARTESANATO BRASILEIRO EM CONTEXTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÔMICOS**

#### **3.1 Origem do artesanato brasileiro: (Brasil e mundo)**

Conforme contextos históricos o artesanato surgiu na Pré-História, mas precisamente no período neolítico, cerca de 6.000 a.c., nesse período os seres humanos como forma de sobrevivência iniciaram a criação de objetos de forma artesanal para serem usados em seus cotidianos. Desse modo, um dos primeiros trabalhos manuais que os indivíduos começaram a fazer foi o polimento de pedras, depois tecer fibras para fazer objetos e roupas, ferramentas para caça, cerâmicas e pinturas rupestres, a qual ficou foi uma arte e técnica que ficou marcada na história.

---

<sup>1</sup> Documentário “História e tradição do artesanato” - Matéria da TV aparecida realizada pela repórter Camila Lucci entrevista com Divina dos Santos Nogueira.

<sup>2</sup> Informação fornecida por guia do Museu Casa de Cora Coralina, durante visita realizada em 20 de outubro de 2024.

Portanto, nesse período da Pré-História é o momento em que vai desde o surgimento da Terra até o surgimento da escrita, nessa fase teve diversas espécies de hominídeos, os Neandertais por exemplo, eram uma espécie que viveu na Ásia e na Europa por volta de 400 mil anos atrás, com base em estudos antropológicos e arqueológicos seu corpo, estrutura óssea e cérebro eram diferentes dos Homo Sapiens, apesar de terem semelhanças, saber dessas características se faz importante para retratar a inteligência dessa espécie, a qual para conseguir alimentos fazia objetos e ferramentas para poder caçar. Assim, em busca de sobreviver os seres conseguiram criar produtos artesanais com base em suas necessidades, sejam para adquirir alimentos ou para se expressarem entre si. Nesse sentido, com a extinção da espécie Neandertal e com a vinda do Homo Sapiens, pode-se citar um momento de suma importância para a história que foi a conhecida Arte Rupestre, como esses povos não falavam só se comunicavam por meio de sons e gestos, com a necessidade de comunicarem entre si, os primeiros humanos passaram a se expressar por meio da arte em abrigos ou paredes das cavernas, as representações nesses locais eram feitas de acordo com o que essas pessoas ouviam e passavam a representar de forma visual desenhando como achavam que era aquela determinada situação, sendo assim tinha muitas interpretações de desenhos de animais, de pessoas caçando, mostrando o que estava realmente acontecendo em determinadas situações de suas rotinas. Desse modo, se faz essencial as pesquisas dessas artes manuais para poder entender o surgimento de tantas técnicas artesanais que se fazem presente até os dias atuais, mas de forma desvalorizada.

Sendo assim, na Idade Média tinha os mestres artesãos que na época faziam os produtos artesanais para uso da população, porém com as Grandes Navegações europeias, começou uma expansão de conhecimentos avançados que trouxeram novas técnicas para as produções manuais, mas isso trouxe infelizmente algumas problemáticas como a perda de técnicas tradicionais devido ao processo de aculturação e da dizimação de povos indígenas no Brasil, além das civilizações Maia, Inca e Asteca no domínio espanhol. Antes dos portugueses invadirem o Brasil os indígenas já estavam presentes como donos das Terras brasileiras a muito tempo e foi por meio deles que o Brasil teve seus primeiros artesanatos, sendo os indígenas os primeiros artesãos brasileiros, os quais se destacam até nos dias

atuais com cerâmicas, cestos, tinturas naturais, bancos, ornamentos e entre outros produtos artesanais.

### 3.2 Categorias e tipologia dos artesanatos brasileiros

A categorização do artesanato segundo o Termo de Referência do Programa Sebrae de Artesanato, define as categorias desse trabalho manual de acordo com suas origens, uso e destino. Desse modo, as classificações podem ser separadas em (artesanato; arte popular; trabalhos manuais; artesanato doméstico ou trabalho manual; artesanato tradicional; artesanato dos povos indígenas; artesanato conceitual; artesanato de referência cultural).

#### 3.2.2. Artesanato

Primeiramente, de acordo com o conceito do Conselho Mundial do Artesanato, “define-se como artesanato toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade” (Sebrae 2010, p.12). Conforme isso, o artesanato é conceituado como um trabalho feito à mão com técnicas culturais que cada objeto tem uma forma única, e esses produtos são feitos geralmente em pequena escala, sendo assim podemos separar o artesanato em dois conceitos sendo primeiro “artesanato urbano” e segundo “artesanato rural”, o primeiro seria artesanatos que na maioria das vezes as matérias- primas vêm de outras localidades para ser feita a produção, devido ser difícil o acesso de materiais naturais, sendo assim, segundo o Sebrae essas matérias são de origem processada como (vidros, metais, tecidos) ou até mesmo matérias-primas recicláveis (couro, madeira, papel). Já os artesanatos rurais é a definição de fazer produtos com técnicas tradicionais e materiais locais que são naturais, um exemplo disso são as plantações de capim dourado e taboa, que muitos artesãos plantam e fazem objetos com isso.

Figura 4. A Festa da colheita do Capim Dourado é celebrada todos os anos pela comunidade do Mumbuca.



Fonte: Esequias Araújo

Figura 5. Capa do livro “Casa Brasileira” editado pelo Sebrae.



Fonte: Lena Trindade.

Figura 6. Pulseiras de capim dourado.



Fonte: Autoria própria.

Figura 7. Anéis de capim dourado.



Fonte: Autoria própria

Figura 8. Palhas de taboa colhidas.



Fonte: Documentário “História e Tradição do Artesanato”- TV Aparecida.

Figura 9. Artesanato sendo feito com taboa.



Fonte: Documentário “História e Tradição do Artesanato”- TV Aparecida.

Figura 10. Cestos feitos com a palha taboa pela artesã Mariele José de Souza.



Fonte: Documentário “História e Tradição do Artesanato”- TV Aparecida.

Assim, como já dito anteriormente em outros tópicos, o feito à mão pode ser passado por gerações, é um aspecto cultural ser passado para a família e é um trabalho que pode ser feito tanto individualmente quanto em grupo, dependendo do artesanato que será feito e é um trabalho manual único que cada peça tem seu diferencial.

### 3.2.3 Arte popular

Conforme a Revista Sagarana a arte popular e o artesanato se diferenciam da seguinte forma “Enquanto a produção artesanal atualmente é fruto da necessidade e se volta frequentemente a uma lógica de mercado, a arte popular é fruto da criação individual e reflete com mais força as crenças e tradições de um povo” (Claúdio 2021). Desse modo, nota-se que as diferenças entre essas categorias são poucas, mas esses pequenos detalhes passam a se tornar nítidos a partir do momento em que olhamos a arte popular como uma forma de expressão artística de culturas locais, traz consigo sentimentos e críticas, suas peças são obras únicas, já o artesanato tem peças únicas mas no sentido de que a produção desses objetos por serem feitos manualmente sem equipamentos mecânicos, cada peça tem detalhes únicos, pois em trabalhos feitos à mão os produtos podem ser os mesmos, com a mesma técnica, mas não será sempre iguais.

Os artistas precisam ter domínio também das matérias - primas, porém não tem uma repetição da técnica no mesmo objeto igual dito anteriormente no artesanato, sendo uma produção individual, seu objetivo é um reconhecimento do público e expressar algum conceito vindo do artista. Um exemplo de artista popular é o Vinícius Fagundes que de acordo com a ASN (Agência Sebrae de notícias), na pandemia do Covid-19 ele encontrou uma maneira de colocar o seu conhecimento como engenheiro ambiental e sua proximidade com produtos naturais transformando isso em arte, a qual ganhou visibilidade na novela “Terra e Paixão” da rede globo. Conta Vinícius que “Um curador de renome adquiriu duas de minhas maiores esculturas, que estavam em exibição. Em uma feliz coincidência, o curador sugeriu à Rede Globo que utilizasse minhas obras para compor o cenário da novela”, sendo assim ele traz elementos naturais do cerrado em suas obras e questões de preocupação ambiental.

Figura 11. Artista popular Vinícius Fagundes com sua obra artística



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12. Obra de arte de Vinícius Fagundes na novela “Terra e Paixão”.



Fonte: Rede Globo.

#### 3.2.4 Artesanato doméstico ou trabalho manual

O artesanato doméstico ou como alguns chamam de trabalho manual é um tipo de técnica que exige habilidade e prática para sua execução, mas não tem exatamente um processo criativo desenvolvido por trás dessas criações, pois esse trabalho manual é feito por meio de padrões e moldes já existentes. A diferença do artesanato para o artesanato doméstico é que além dessa técnica mexer com cópias de trabalhos já existentes e formas, seu processo produtivo é assistemático, isto é não segue um sistema ou padrão para fazer seus trabalhos, já o artesanato como já definido ao longo dessa pesquisa é um processo sistemático tem um padrão e um sistema por trás das técnicas só muda na verdade o formato ou conceituação daquele produto.

Assim, o trabalho manual normalmente utiliza matérias-primas semi industrializadas ou industrializadas, como por exemplo um pano de prato ou toalha que já são um produto pronto e muitas vezes as pessoas só fazem um bordado com o nome da pessoa ou desenhos simples para dar de presente ou vender. Esse

artesanato doméstico já tem esse nome por ser um tipo de produção feita mais por lazer, como passatempo de muitas pessoas.

Figura 13. Toalha feita por Francisca Luiza para sua neta Leticia.



Fonte: Autoria própria.

### 3.2.5. Artesanato tradicional

Nota-se que o artesanato tradicional consoante ao Sebrae são artefatos que representam tradições culturais, podendo fazer parte da cultura de determinados grupos, são técnicas que fazem parte de seus dia a dia. Portanto, seus ensinamentos geralmente são passados por gerações de famílias, são artesanatos produzidos por famílias ou vizinhos e devido a experiência nas técnicas possibilita a criação de desenhos originais.

Esse artesanato é um resgate à técnicas que são passadas em diversas gerações por famílias e culturas, é uma forma de representar a importância dessas tradições permanecerem perpetuando ao longo dos anos, para esses artesanatos continuam sendo admirados pelas pessoas e valorizados.

### 3.2.6. Artesanato dos povos indígenas

Nota-se que o artesanato no Brasil veio por meio dos povos originários indígenas antes mesmo dos portugueses invadirem seus territórios, eles já faziam

objetos artesanais para suas sobrevivências, conforme o Sebrae “A partir de suas mãos geraram biodiversidade e produziram objetos riquíssimos, belos e funcionais (CRAB Sebrae 2024). Assim, os artesanatos feitos pelos indígenas são realizados em comunidade, o aprendizado sobre as técnicas de artesanatos já nascem nas comunidades indígenas, pois estão em seus cotidianos fazer produtos artesanais que serão usados em seus dia a dias ou que serão feitos para serem vendidos também. Desse modo, as atividades são separadas de acordo com as habilidades de cada pessoa, fazem diversos tipos de artesanato como por exemplo, instrumentos de caça ou pesca, ou até mesmo objetos ritualísticos como cocares, adornos e vestimentas.

Nesse contexto, o trabalho manual faz parte da cultura dessas comunidades, é algo passado por gerações e que necessita continuar sendo passado ao longo dos anos. Atualmente, esses trabalhos feitos à mão por esses povos têm ocupado espaço nas cidades e na comercialização para pessoas até mesmo para outras culturas, mostrando uma valorização desses produtos artesanais, um exemplo disso foi uma exposição que ocorreu no Vila Cultural Cora Coralina em Goiânia- GO, a qual pude estar presente intitulada como “Bancos indígenas do Brasil – Grafismos”, segundo a Secretária de Estado da Cultura de Goiás

Segundo a Secretaria de Estado da Cultura de Goiás (2024):

As 258 peças foram esculpidas por artistas de 40 etnias que habitam o Território Indígena do Xingu, a Amazônia brasileira e o estado de Santa Catarina. A mostra também apresenta registros, em imagens e vídeos, do premiado fotógrafo Rafael Costa. (p.1).

Consoante a isso, observa-se a riqueza de elementos e técnicas trazidas por essas comunidades, nessa mostra tinha bancos indígenas inspirados em diversos animais encontrados por essas aldeias e que alguns nomes foram até intitulados por eles mesmos, a criatividade e a forma como eles trazem um artesanato somente de materiais naturais, desde um óleo de pequi como dito nos vídeos na exposição que foi usado como verniz até mesmo tintas feitas a partir de frutos como o urucum e a beleza das peças é surpreendente, esse é um trabalho de valorização dessas etnias extremamente rico. Além disso, nessa exposição tivemos a presença do artista e professor indígena José Alecrim, o qual é formado em Design e relações públicas

na PUC, ele deu relatos da importância desses trabalhos estarem sendo mostrados em uma exposição para tantas pessoas e que é algo em que eles se orgulham de ver, ele mesmo traz em seus trabalhos artísticos sua ancestralidade e a presença dos povos indígenas nas cidades.

Figura 14. Artesanato Yudjá ou Juruna.



Fonte: José Neto.

Figura 15. Pulseira feita pelo povo Gavião, também conhecido como Parkatêjê.



Fonte: Loja Tucum.

Figura 16.Exposição “Bancos Indígenas do Brasil - Grafismos”.



Fonte: Autoria própria.

Figura 17.Exposição “Bancos Indígenas do Brasil - Grafismos”.



Fonte: Autoria própria.

Figura 18. Exposição “Bancos Indígenas do Brasil - Grafismos”.



Fonte: Autoria própria.

### 3.2.7. Artesanato conceitual

A definição do artesanato conceitual é basicamente objetos feitos em ateliês e oficinas por pessoas que possuem alguma formação artística, no âmbito de conhecimentos culturais maiores para serem transmitidos nas obras. Logo, é um artesanato que pode-se ser descrito como contemporâneo devido ter aspectos inovadores em seus formatos ou maneiras de pensar mesmo utilizando algumas técnicas tradicionais, esse tipo de trabalho manual é feito geralmente em menor escala, sendo produtos mais caros e que alcançam mais pessoas com maior renda, portanto segundo o Programa do Artesanato Brasileiro, artesanato conceitual é

Base Conceitual do Artesanato Brasileiro (2012):

Objetos resultantes de um projeto deliberado de afirmação de um estilo de vida ou afinidade cultural. A inovação é o elemento principal que distingue este artesanato das demais classificações. Nesta classificação existe uma afirmação sobre estilos de vida e valores. (p.29).

Por fim, nesse trabalho feito à mão notamos que basicamente são objetos artesanais feitos com estéticas e mensagens que não vão necessariamente representar uma cultura ou região igual os artesanatos tradicionais ou até mesmo

populares, mas sim trazer novos temas e inspirações de diversas temáticas para suas criações, um exemplo disso são algumas coleções de lojas feitas em cerâmica. A Mosca Cerâmica, por exemplo é uma marca 100% artesanal as quais as peças de cerâmica desde a parte conceitual, criação e execução são feitas pela dona da marca, Paula Mosca, suas peças proporcionam experiências de conforto, aconchego e bem-estar, além de terem algumas coleções que representam o feminismo em algumas peças, todas de forma muito autêntica e inovadora.

Figura 19. Caneca Teta Livre.



Fonte: Mosca Cerâmica.

Figura 20. Filtro de água Mosca.



Fonte: Mosca Cerâmica.

### 3.2.8. Artesanato de referência cultural

Essa categorização é resultante de um trabalho planejado por designers e artesãos na aplicação do artesanato tradicional, então essa junção do design com o artesanal faz com que traga soluções para melhorar o processo de fabricação, da qualidade e até mesmo da ergonomia dos produtos para serem comercializados, só que sempre mantendo a presença dos aspectos culturais envolvidos nesses projetos.

Nesse contexto, geralmente esses artesanatos de referências artesanais são feitos em formatos de coleções, tem etiquetas de identificação da origem e forma de produção, sendo visível a importância dessa união com o design para trazer elementos importantes para o consumidor de identificação do produto, além da forma que esse produto será embalado e mostrado de forma que seja valorizado. Desse modo, de acordo com o Programa do Artesanato Brasileiro.

Base Conceitual do Artesanato Brasileiro (2012):

[...] Os produtos, em geral, são resultantes de uma intervenção planejada com o objetivo de diversificar os produtos, dinamizar a produção, agregar valor e otimizar custos, preservando os traços culturais com o objetivo de adaptá-lo às exigências do mercado e necessidades do comprador [...].  
(p.29).

Portanto, essa definição reafirma o que foi dito anteriormente que essa forma de diferenciar o produto, colocar identificação, ter um olhar para como esse trabalho manual pode ser entregue para os clientes de forma concisa, diferente e atendendo as atualizações do mercado consumidor faz com que agregue valor para esses objetos que trazem tantos aspectos culturais. Segue a seguir alguns exemplos da Associação Mulheres Coralinas que fica localizada na cidade de Goiás, essa associação ensina e faz para vender diversos artesanatos de várias artesãs, elas são uma comunidade que valoriza o artesanato e ensina pessoas em vulnerabilidade a terem uma fonte de renda, os seus produtos tem alguns aspectos de design juntamente com todos seus conceitos e técnicas locais, observa-se nas imagens que têm etiquetas nos produtos, trazendo uma identificação com um

designer, elas também vendem suas próprias caixas feitas de kraft com a logo da marca e ainda embalam os produtos com embalagens identificadas, com isso elas se diferenciam no mercado e agregam valor para esses artesanatos.

Figura 21. Cerâmica com etiqueta.



Fonte: Mulheres Coralinas.

Figura 22. Bolsas com etiquetas.



Fonte: Mulheres Coralinas.

### 3.3 Artesanato dos afro-brasileiros

A cultura africana tem uma história de resistência e luta, na história da África juntamente com o Brasil ficou marcada principalmente pelos tráficos atlânticos de escravos, essas pessoas eram trazidas para o Brasil e eram escravizadas pelos portugueses, nesse período a África fornecia escravos para outros países como se fosse uma prática social normal para questões de trabalho. Nesse mesmo período algumas pessoas já viram cristianizadas, naquele tempo já tinha uma influência europeia da igreja católica em catequizar os africanos e os indígenas, para que fosse a única religião empregada por eles, mas sabe-se que esses povos possuem culturas ricas e que muitos tinham suas próprias religião e crenças, mas devido serem escravizados não podiam ir contra à isso.

Assim, a arte/artesanato afro-brasileiro demorou muito tempo para se ter uma categorização, mesmo tendo objetos artísticos e com técnicas manuais feitos à muito tempo na história, somente no século XX que foi criado o termo “arte afro-brasileira”, então o surgimento dessa arte e técnica vem por meio das exportações de artífices que tiveram mudanças devido a influência de outros grupos como os indígenas brasileiros, reformulando seus designs, arte e artesanatos, mas mantendo suas essências das origens da cultura africana.

De acordo com o Museu Afro Brasil Emanuel Araújo (2017):

Essa realidade começou a ser modificada, entretanto, com o crescimento econômico fornecido pela extração e o processamento da cana-de-açúcar no nordeste brasileiro. Pode-se dizer, por isso, que a “cultura do açúcar” ou a cultura criada no Brasil em torno dos canaviais em meados do séc. XVI, com aprofundamento no séc. XVII pavimentou o surgimento de uma arte popular afro-brasileira no Nordeste justificando, em partes, o conceito de “pré”-história da arte afro-brasileira, no sentido daquelas elaborações visuais produzida por africanos e descendentes e que vieram antes do surgimento dos museus de arte no país. Nesse período, vê-se a aparição de folguedos e inúmeras manifestações populares que serão posteriormente desenvolvidas nas formas de arte populares como os Maracatus, bumba-meu-boi, congadas etc....(p.2).

Nesse contexto, nota-se que a arte popular como intitulada englobando tanto arte como artesanatos, foi ocupando algumas regiões brasileiras que puderam ter

mais influência com alguns movimentos que contribuiu para a criação da expansão dessa arte, além de poder concluir que as primeiras expressões artísticas desses povos eram as danças e músicas que representa até hoje essa cultura, com isso começaram outras maneiras de se expressarem e de criarem também objetos de necessidade. Portanto, conforme a coleção de objetos de Capoeira do MAFRO/UFBA (2013).

“A Coleção é composta de 104 peças, conforme tabela em anexo, sendo 70 peças dos mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde, assim distribuída: 10 utensílios - inclusive uma peça de mobiliário; 11 peças de vestuário, incluindo acessórios como bengalas e guarda-chuva; 40 instrumentos musicais - especificamente berimbaus, pandeiros e reco-reco, 10 artefatos artísticos, sendo três quadros pintados pelo Mestre Cobrinha Verde, e desenhos retratando passos de Capoeira feitos pelo Mestre Pastinha”.(p.4).

Essa coleção mostra alguns artefatos e adornos feitos artesanalmente por essas pessoas dessa etnia, nessa produção manual pode-se notar muitos elementos de dança e música que os representam como a capoeira trazendo desenhos e simbologias nos objetos. Por fim, não se tem muitos registros científicos sobre os artesanatos feitos pelos afro-brasileiros, o que se sabe é que eles também faziam alguns objetos utilitários de sobrevivência como os indígenas, com materiais fornecidos pela natureza, que está presente a produção de máscaras que são muito usadas em rituais e cerimônias, geralmente são feitas de madeira, esculturas e também seus artesanatos eram mais voltados para instrumentos musicais ou acessórios, com padronagens geométricas, coloridas e até mesmo com desenhos simbólicos culturais.

Figura 23. Máscara Burkina Fasso, etnia Bobo.



Fonte: Museu Afro - Brasileiro (MAFRO).

Figura 24. Berimbau pintado.



Fonte: Olavo da Bahia.

### 3.4 Artesanato de Goiás

Conforme o CRAB - Sebrae (2020), o artesanato goiano é uma expressão autêntica da cultura popular, reunindo tradição, inovação, afetividade e acolhimento em um mesmo repertório criativo. Enraizado nos saberes do cotidiano e na forte relação com a terra, esse fazer manual traduz uma cultura marcada pela simplicidade poética e pela valorização da memória afetiva, muitas vezes construída à beira do fogão ou nos gestos herdados de gerações anteriores.

As peças artesanais produzidas em Goiás não apenas resgatam experiências do cotidiano rural, como também representam modos de vida e de estar no mundo. Práticas como o bordado e a criação de objetos utilitários ou decorativos refletem o cuidado, a criatividade e a ancestralidade de seus autores, revelando um fazer manual que nasce da necessidade e se transforma em arte.

A religiosidade também é uma característica marcante do artesanato local, presente em festas, romarias e celebrações tradicionais. As criações associadas ao calendário religioso revestem de cor, alegria e fé temas sagrados, muitas vezes sem preocupação com normas estéticas, mas com uma força expressiva. Assim, o artesanato popular de Goiás opera como uma extensão da vida, transmitindo poesia, memória e identidade por meio das mãos de quem transforma o cotidiano em expressão artesanal.

De acordo com dados do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), mais de 10.450 artesãos estão cadastrados no Estado de Goiás. Trata-se de um número expressivo de profissionais que atuam com técnicas manuais, sem considerar os muitos outros que ainda não estão inseridos no sistema. Esse dado evidencia a força do artesanato local, mas também reforça a importância de sua valorização e continuidade por meio das novas gerações. Caso contrário, corre-se o risco de que parte significativa desse patrimônio cultural se enfraqueça ou desapareça com o tempo.

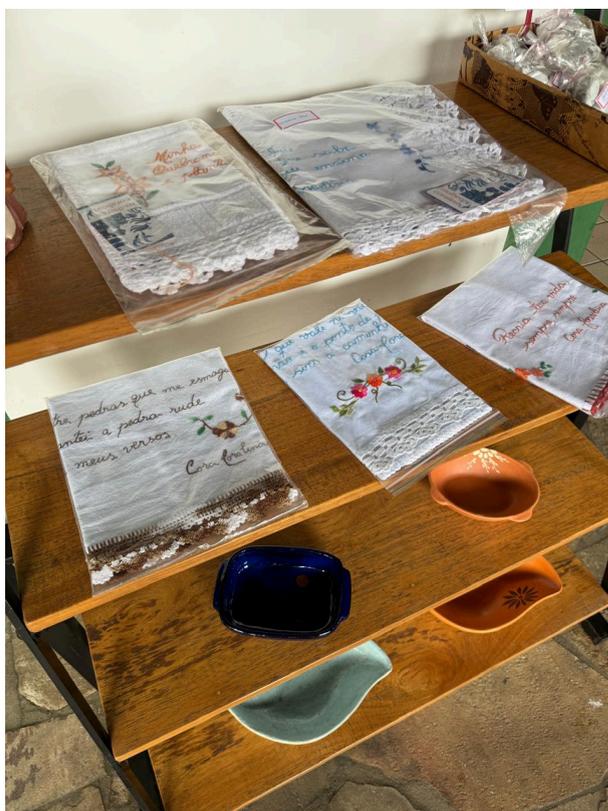
Logo abaixo algumas imagens de artesanatos encontrados em uma visita técnica à cidade de Goiás.

Figura 25. Bordado livre em Goiás.



Fonte: Autoria própria.

Figura 26. Peças artesanais, mulheres coralinas.



Fonte: Autoria própria.

### 3.5. Vozes do artesanato

Ao longo da história do artesanato popular brasileiro, especialmente nas comunidades tradicionais, o protagonismo feminino sempre esteve presente, embora nem sempre reconhecido. No convívio doméstico, muitas mulheres desempenharam papel central na transmissão dos saberes manuais, formando e inspirando novas gerações de artesãos e artesãs. Essa troca afetiva, silenciosa e cotidiana acontece entre mães, tias, avós, vizinhas e amigas, reforçando uma rede de aprendizado profundamente enraizada na oralidade, no gesto e na convivência.

Conforme Silva (2016):

Mamãe sentava para fazer aqueles cavalinhos de barro e dizia “senta aí pega um bolinho de barro e faça um também!”[...] E com esse incentivo da minha mãe eu aprendi e com esse incentivo ensinei aos meus filhos. Ela disse: “o barro é o nosso sustento, é o nosso ouro!”. (p. 76)

#### 3.5.1 Protagonistas do artesanato

De acordo com o Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), dos artesãos cadastrados 80% são mulheres, tendo também o maior número na representatividade, “De 19 cooperativas cadastradas, 12 são lideradas por mulheres. Além disso, entre 289 associações registradas, 231 possuem presidentes mulheres” (Governo do Brasil, 2025).

Nesse sentido, deve-se buscar formas de aumentar a visibilidade dessas mulheres, assim, reconhece-se que a divisão social do trabalho é marcada pelas diferenças de gênero, pois “o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um ‘destino’ biológico, mas sim de construções sociais” (SILVA, 2011, p. 115). Essa compreensão está alinhada à conhecida afirmação de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, o que reforça a ideia de que os papéis femininos são ensinados, reproduzidos e reforçados culturalmente ao longo da vida.

No campo do artesanato, essa construção social se manifesta de maneira explícita. Tradicionalmente vinculado ao espaço doméstico e ao universo feminino, o

fazer manual foi, por muito tempo, reforçado como uma prática pedagógica para as mulheres. A Igreja Católica e as instituições escolares desempenharam papel ativo nesse processo, incluindo os “trabalhos manuais” em seus currículos como forma de ensinar os chamados “papéis femininos” às meninas. Assim, habilidades como bordar, tricotar e costurar eram consideradas atributos fundamentais para a formação da feminilidade. Esse modelo educativo, baseado na repetição geracional, permitiu a perpetuação de saberes manuais dentro das famílias, esses vínculos afetivos, que atravessam a história de vida de muitas mulheres, mantiveram viva a prática artesanal por gerações, consolidando-a como um importante patrimônio imaterial.

Nesse contexto, ainda que historicamente muitas mulheres tenham aprendido o ofício por necessidade ou falta de alternativas, esse envolvimento tornou-se uma importante conquista feminina dentro da cultura popular. Foi no cotidiano doméstico, que o artesanato se manteve vivo como forma de subsistência, mas também como expressão de identidade, afeto e resistência. Valorizar essas trajetórias é reconhecer o artesanato como parte da história das mulheres e da construção social de seu protagonismo.

### 3.6 Influências das máquinas na preservação das tradições artesanais

De acordo com Ashton (1948), em seu livro “A Revolução Industrial 1760-1830” antes de ocorrer a Primeira Revolução Industrial no início do século XVIII, os tecidos de lã que eram apreciados pela a Europa, tinham uma produção artesanal, os artesãos faziam com a ajuda de seus filhos ou de algum funcionário para o processo ser mais rápido e somente depois que era vendido para os comerciantes. Desse modo, era um processo manual que demandava tempo e técnica também para efetuar, sendo difícil ser uma produção em larga escala.

Portanto, com o tempo o ser humano passou a ter a necessidade de criar ferramentas que pudessem produzir e vender os produtos em larga escala sem precisar ficar tanto tempo produzindo manualmente, com isso os primeiros passos tecnológicos foi em 1733, quando John Kay inventou a lançadeira volante de tecelagem, logo depois em 1764, James Watt criou a primeira máquina a vapor realmente eficiente para ser usada na produção. Assim, foi uma inovação para a

sociedade, pois a introdução de máquinas que aceleram a produção fez com que as pessoas tivessem interesse devido ao capital que poderiam proporcionar, além de poderem pagar os funcionários com qualquer valor mínimo, já que com a Revolução Industrial muitas pessoas que faziam trabalhos manuais como os artesãos foram perdendo os seus empregos e ficando em situações lastimáveis.

Nesse sentido, depois no decorrer da história tivemos muitos avanços tecnológicos trazidos tanto inicialmente pela primeira Revolução Industrial, como também pelas outras revoluções como a segunda e a terceira Revolução Industrial que permaneceram trazendo a criação de equipamentos de ponta. É visto que é de alguma forma importante o avanço tecnológico já que os tempos vão sofrendo mudanças, mas as substituições drásticas de trabalhos que foram tão importantes na história e que até hoje são invisibilizados devido ao sistema capitalista, se faz ter um enfraquecimento das tradições artesanais para a população.

Figura 27.O carvão existente no subsolo da Inglaterra favoreceu o crescimento da indústria.



Fonte:Grandes Personagens da História Universal, (vol. IV, 1972, p. 858).

### 3.7 Situação atual dos artesãos

Atualmente, no Brasil algumas leis fizeram com que trouxesse algumas melhorias para os artesãos, mas mesmo assim essa profissão que traz consigo aspectos culturais tão ricos e tanto capital para a economia do País ainda não tem seu reconhecimento e direitos de forma efetiva.

No Brasil conforme os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o artesanato movimenta cerca de R\$100 bilhões por ano – aproximadamente 3% do Produto Interno Bruto (PIB) do País – mostrando-se cada vez mais fortalecido com mais de 8,5 milhões de artesãos espalhados por todos os estados. Outro aspecto importante é que 90% do artesanato brasileiro é feito por mulheres. Desse modo, é visível o quanto o artesanato contribui tanto economicamente e culturalmente também para o País, porém permanece tendo algumas precariedades para esses trabalhadores que fazem eles mesmos não valorizarem suas próprias artes.

Além disso, uma lei que foi de suma importância foi a regulamentação dos artesãos, conforme disposto no artigo 3 da lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015, que “O artesão será identificado pela Carteira Nacional do Artesão, válida em todo o território nacional por, no mínimo, um ano, a qual somente será renovada com a comprovação das contribuições sociais vertidas para a Previdência Social, na forma do regulamento”. Sendo assim, a regulamentação com o uso de uma carteira de identificação desses artesãos foi de suma importância para o crescimento profissional dos artesãos e para poder participar de diversas feiras que agregam reconhecimentos. Portanto, na contemporaneidade se tem muitas problemáticas ainda a serem resolvidas para o reconhecimento devido para esses artesãos, mas já se tem algumas realizações governamentais que ajudaram de certa forma esses profissionais. Para finalizar, de acordo com Scrase (2003, p. 455), “As intervenções governamentais apresentam as seguintes falhas: em reconhecer e promover as necessidades dos trabalhadores do artesanato; em reconhecer os saberes locais; a reprodução das políticas top-down; e um processo seletivo (apoio a uns; abandono a outros)”.

### 3.7.1 A desvalorização e a perda da tradição artesanal

Devido a Primeira Revolução Industrial o artesanato passou a ser desvalorizado na sociedade, antes o trabalho que era feito manualmente passou a ser substituído por máquinas, além de na atualidade não ter mais o costume de aprender a fazer artesanatos seja com a avó ou a mãe.

De acordo com a história e relatos de pessoas da minha família, muitas técnicas manuais eram ensinadas para mulheres, devido ao machismo estrutural os artesanatos feitos por mulheres artesãs eram feitos dentro de ambientes domésticos, tendo que cuidar da casa, dos filhos e ao mesmo tempo fazer suas produções manuais. Consequentemente, era raro suas habilidades serem reconhecidas e ir além das atividades domésticas, pois ainda na atualidade os trabalhos feitos por mulheres permanecem sendo desvalorizados devido ao gênero. De acordo com Barbosa e Lona (2019, p.28) afirmam que “[...] antes do século XIX, a mulher era excluída da maior parte das expressões artísticas”, com isso, conclui-se que a mulher não tinha espaço para mostrar suas artes, somente era visto e valorizado se fosse feito por um homem.

Consoante a isso, permanece tendo uma desvalorização quanto ao gênero, já que a maior parte dos artesãos são mulheres e fica um questionamento do porque esses trabalhos não são vistos como valiosos pela população, além dessa questão, tem a falta de valorização pelas próprias artesãs, ações públicas que ajudem a expandir esses artesanatos pelo mundo afora e dentre outras formas. Em uma pesquisa de campo em Goiás conversei com uma artesã chamada Luceni, ela trabalha a 40 anos pintando vasos de barro e seu trabalho é extremamente rico nos detalhes, são pinturas lindas que retratam a cidade de Goiás, mas quando observei os preços das peças vi o quanto estava abaixo do valor que aquela peça valia, não é sobre dinheiro e sim saber que aquela peça vale muito mais do que aquele valor, é agregar um valor digno para as peças e isso automaticamente me trouxe uma reflexão, quantas pessoas pensam que as peças são caras, isto é nós brasileiros desvalorizando os próprios artesanatos de nossas terras. Já passou da hora da população visualizar o trabalho árduo dessas artesãs e o quanto elas se dedicam, pois o artesanato não é somente um trabalho manual, mas ele tem o poder de transformar vidas, é por meio dele que tantas mulheres se sustentam e expressam suas culturas, histórias em cada detalhe.

Figura 28. Panelinha de barro com pintura feita pela artesã Luceni, de Goiás.



Fonte: Autoria Própria.

### 3.7.2 A preservação e o resgate da herança cultural do artesanato

Para manter a preservação de produtos feitos à mão e resgatar essa tradição que está presente por tanto tempo nas famílias brasileiras, é importante ter um incentivo à produção artesanal, seja passado por gerações aprendendo com familiares ou por meio de incentivo de oficinas e cursos que ensinem as pessoas a preservarem esse aspecto cultural e gerar renda com esse trabalho para diversas famílias. Assim, pode-se observar o quanto é necessário preservar essas técnicas, pois fazem parte da cultura do Brasil.

Conforme o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, conforme o Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995, tem como finalidade desenvolver atividades que buscam valorizar o artesão brasileiro, potencializando oportunidades de profissionais, social e econômica. Nesse viés, é de suma importância trazer essas formas de potencialização para manter a preservação cultural do artesanato no país e para que se torne um incentivo para outras pessoas permanecerem dando continuidade a tal herança cultural. Nogueira diz que “[...] saberes tradicionais ligados à vida cotidiana se perpetuam e renovam a partir das relações interpessoais e familiares, em um universo de experiências coletivas” (Vieira, 2018).

## 4. ESTUDO DE CASO

### 4.1 Coleção e filme “Caelestis”

O estilista Jum Nakao depois de 20 anos da sua última coleção de roupas feitas com papel, esse ano de 2024, ele surpreendeu a todos com sua linda coleção e filme “Caelestis”, essa produção traz diversas reflexões e valorização para uma comunidade de mais de 40 artesãos d que fica localizada em Goiás, segundo a (revista Vogue,2024). Sendo um projeto importante para a visibilidade dos trabalhos manuais de pequenas comunidades que são invisibilizadas por tantas pessoas.

Nesse viés, juntamente com alunos do Senac do estado de Goiás que Jum Nakao desenvolveu a conceituação da sua coleção inspirada em 12 seres fantásticos inspirados nos signos do zodíaco, no processo de produção foi usado apenas materiais naturais e do Cerrado goiano, como a palha de milho e broto de buriti, de acordo com a (Vogue,2024). Desse modo, consoante a descrição do filme “Caelestis” de (Nakao, 2024), “Olhos D’Água” abriga uma fenda na terra que se estende por 3 quilômetros, formando um canyon, como um corte no ventre do planeta. Inspirado por esse cenário, Jum Nakao sonhou com seres míticos gigantes, surgidos das profundezas da Terra, moldados por materiais naturais e pelas mãos humanas”.

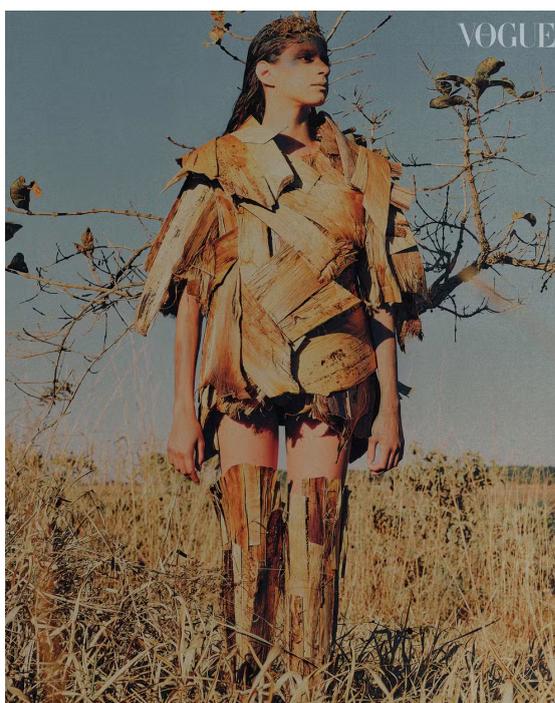
Portanto, esse projeto traz consigo uma aproximação do mundo natural e humano, do artesanato e a natureza, essa coleção de Jum, mostra uma maneira de representar essas artesãs locais, mostrando principalmente nesse mundo da moda como o trabalho feito à mão pode ser visto de forma valorizada e como valorizar as artesãs que fizeram juntamente com ele essas peças, o mais incrível desse trabalho é ver que ele como estilista acolheu essa comunidade, buscou conhecer e retratar seus trabalhos. Essa forma de valorização, traz voz para essas pessoas e a visibilidade de um artesanato tão rico que a população necessita se valorizar. Além do mais, conforme (Nakao,2024) “Está totalmente alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, fazendo um apelo global para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e garantir que todas as pessoas, em qualquer lugar, possam viver em paz e prosperidade”.

Figura 29. Jum Nakao apresenta a coleção e filme “Caelestis”



Fonte: Fotografia por Guilherme Nabhan

Figura 30. Jum Nakao apresenta a coleção e filme “Caelestis”



Fonte: Fotografia por Guilherme Nabhan.

## 5. PRESERVAÇÃO E RESGATE DO ARTESANATO POR MEIO DO DESIGN

### 5.1 Os métodos da preservação e do resgate do artesanato

A preservação e o resgate do artesanato são essenciais para manter vivas as tradições culturais e garantir a sustentabilidade de práticas que representam a identidade e os saberes de comunidades. Com o avanço da globalização e as mudanças nas demandas de consumo, o design tem se tornado uma ferramenta indispensável para renovar o valor cultural do artesanato, equilibrando tradição e inovação (MANZINI, 2015).

O primeiro passo para a preservação é o registro e a documentação das técnicas, materiais e histórias associados ao artesanato. Segundo Lacerda e Veiga (2021), essa sistematização é fundamental para evitar que conhecimentos sejam perdidos, especialmente diante do envelhecimento dos mestres artesãos. Bancos de dados digitais, exposições e livros têm desempenhado um papel importante na organização e disseminação dessas práticas.

A colaboração entre designers e artesãos também é um método eficaz para revitalizar a produção artesanal. Essas parcerias promovem a inovação no design dos produtos enquanto respeitam a autenticidade das técnicas locais, além de prevalecer os aspectos culturais brasileiros. Outro aspecto importante é o design sustentável, o qual também desempenha um papel importante na preservação do artesanato. Manzini e Vezzoli (2008) destacam que a utilização de materiais locais e processos de baixo impacto ambiental permite criar produtos que respeitam tanto o meio ambiente quanto às práticas culturais. Além disso, o uso de tecnologias digitais têm expandido o alcance do artesanato. Plataformas online e redes sociais são utilizadas para divulgar e comercializar produtos, enquanto ferramentas como QR codes conectam consumidores às histórias por trás das peças, valorizando ainda mais o processo artesanal (LEITE; ANDRADE, 2020).

Por fim, políticas públicas têm sido determinantes no apoio à preservação do artesanato. Programas governamentais e incentivos, como feiras, exposições e subsídios, promovem a valorização cultural e facilitam a entrada dos artesãos no mercado formal (LIMA, 2017). Um exemplo disso são as feiras locais por exemplo, presente em Goiânia, como a Excêntrica, Feira do Cerrado e Feira das Minas, as

quais são feiras importantes para os artesãos locais terem reconhecimento e venderem seus produtos. Essas ações, em conjunto com os métodos mencionados, contribuem para manter o artesanato relevante, tanto culturalmente falando, quanto economicamente, garantindo sua continuidade para as próximas gerações.

## **6 PROJETO**

O Brasil possui uma rica tradição artesanal, mantida por artesãos que continuam criando e comercializando seus trabalhos, seja como fonte de renda extra ou como profissão. A pesquisa sobre o feito à mão e sua valorização por meio do design levou à concepção de um projeto que busca solucionar a desvalorização do artesanato.

Ao longo da história, o artesanato sempre esteve presente na vida das pessoas. Ainda hoje, encontramos peças artesanais em feiras e cidades turísticas, mas, apesar de sua presença constante, a sociedade nem sempre reconhece o valor desse trabalho. O artesanato carrega cultura, ancestralidade e expressões artísticas, com histórias incorporadas em cada peça. A ideia deste projeto surgiu de uma vivência pessoal com o artesanato. Desde pequena, acompanhei minhas avós, Maria e Francisca, criando peças em crochê e costura. Para elas, além de fonte de renda, era uma forma de expressar criatividade e liberdade. Esse contato despertou em mim a curiosidade de entender por que trabalhos tão minuciosos e ricos em detalhes não recebem a valorização merecida, seja financeiramente ou por reconhecimento social, especialmente entre os jovens.

Antigamente, as técnicas manuais eram transmitidas de geração em geração, como aconteceu comigo e minhas avós. No entanto, com o avanço do digital, esse costume tem se perdido. Muitos enxergam o artesanato como algo ultrapassado ou caro, perpetuando sua desvalorização. Para reverter essa realidade, surgiu a ideia de um projeto editorial lúdico, um livro-objeto que incentiva jovens a valorizar o artesanato por meio da interação. A proposta é transmitir a afetividade e as memórias contidas no feito à mão, dar visibilidade ao trabalho dos artesãos e incentivar a experimentação de técnicas artesanais, resgatando o contato com o analógico. Portanto, foram realizadas pesquisas de campo no ateliê da Casa Tressê, local escolhido para fazer entrevistas com professoras artesãs e alunas.

Assim, nasceu “**Entrelaços: A Arte de Reconectar**”, um nome que une o conceito de artesanato com afetividade, simbolizando a conexão entre pessoas, saberes, tradição e tempo. Este projeto se torna essencial para promover essa reconexão, incentivando a prática artesanal e contribuindo para a valorização dos artesãos, seja pelo reconhecimento social ou pela valorização financeira de seus trabalhos.

## **7 DEFINIÇÃO**

Na execução do livro-objeto foi necessário criar uma identidade visual a qual comunicasse as mensagens propostas no briefing que são criatividade, lúdico, afetividade, aprendizados, tradições e laços de memórias, através disso <sup>3</sup>que se baseou na pesquisa das tipografias, paleta de cores, encadernação, diagramação e a escolha dos materiais.

## **8 APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA**

Para a execução deste projeto foi utilizado uma abordagem metodológica prática e criativa inspirada nas etapas propostas por Rodolfo Fuentes em seu livro “A Prática do Design Gráfico: uma metodologia criativa (2006)”, diante dessa metodologia, temos um planejamento do produto, garantindo que o projeto atenda às necessidades do público-alvo e proporcione uma experiência envolvente. Portanto de acordo com Rodolfo temos algumas etapas para se iniciar um projeto que veremos logo a seguir, que são elas problema, criatividade e solução.

### **8.1 Problema**

Nessa etapa resumidamente temos a definição do problema e uma análise de dados, para a elaboração do livro-objeto lúdico teve o processo de analisar a problemática e fazer um briefing para entender o público-alvo, como será feito o produto, os materiais, paletas de cores, tipografias, dimensões, pontos positivos e negativos, e outras análises importantes para começar a construção do livro. De acordo com algumas questões colocadas no briefing a seguir.

### **Briefing**

---

<sup>3</sup> Os termos de autorização de uso de imagem e som de voz das artesãs estão anexados.

O que vou solucionar com esse produto?

- A falta de valorização do artesanato seja no valor agregado e pelas pessoas
- O afastamento das pessoas do processo manual e do significado cultural do artesanato
- A falta de reconhecimento

Porque esse projeto é necessário?

Porque ele cria conexão entre pessoas com a prática do artesanato, incentivando as pessoas terem essa experimentação e por meio dessa vivência sentir o quanto o trabalho desses artesãos é árduo e assim agregar valor seja monetariamente falando para comprar os produtos ou permanecendo essas práticas na sociedade passando por gerações. Além disso, traz visibilidade para artesãos reais que trazem tantos frutos para a economia brasileira mas não são vistos como merecem e também a importância das suas técnicas e processos.

Qual é o meu público alvo?

Jovens adolescentes devido ser um material pedagógico com uma ação educativa para pessoas que tenham interesse por trabalhos manuais, consumidores de produtos com experiências criativas sensoriais e pessoas que gostam de artesanatos.

Qual será o formato e a estrutura do livro-objeto?

Tamanho – 148x210mm - tamanho de uma A5

Materiais – Capa com bordado, papel texturizado nas cartas, papel pólen para a impressão dos livros, tecido de algodão nas capas.

Encadernação – Costurada à mão com costura copta.

O que o livro precisa conter?

- Páginas lúdicas com desafios práticos e instruções de técnicas artesanais
- Histórias e inspirações de artesãos
- Espaço para o usuário personalizar e criar
- Técnicas básicas dos artesanatos feitos pelas artesãs entrevistadas.

Quais técnicas serão ensinadas?

- Crochê
- Bordado
- Costura criativa
- Decoupage

Palavras-chaves do conceito do produto:

- Criativo, lúdico, afetivo, reconexão e tradições.

Qual mensagem o livro objeto deverá transmitir?

A mensagem de um livro-objeto lúdico que valoriza o artesanato brasileiro através de elementos visuais e materiais divertidos, transmitindo a mensagem de um projeto editorial artesanal que traz consigo criatividade, lúdico, afetividade, aprendizados, tradições e laços de memórias.

Qual mensagem não deverá ser transmitida pelo meu livro?

A mensagem de seriedade e desvalorização do feito à mão.

Estéticas que possam agradar o público.

Estética artesanal com bordados, tecidos, texturas, versatilidade, fácil de locomover e ter compartimentos para guardar os itens e não perder.

Preferência de cores?

Cores alegres e intensas como paleta primária e variação de cores claras de acordo com as cores bases escolhidas, remetendo a um produto descontraído, afetivo e delicado.

Que características e diferenciais que se adequam com o meu produto?

Ser um projeto autêntico totalmente criativo e artesanal. Além disso, o livro também tem o intuito de um projeto social, o qual maior porcentagem das vendas serão doadas para os artesãos poderem usar em projetos de Design seja para divulgação de seus produtos ou para o que precisarem para alavancar a valorização de suas produções.

Qual é o valor que o produto agrega?

- Resgata técnicas tradicionais e mostra seu valor como forma de expressão e design.
- Ajuda a preservar a cultura artesanal, destacando histórias reais de artesãos.
- Ensina como aplicar o artesanato de forma moderna e funcional.
- Aprendizado prático e didático
- Tem o poder de fazer manter na sociedade técnicas artesanais que antes eram normais serem passadas por gerações e começar a despertar interesse nos jovens para aprenderem esse lindo trabalho feito a mão.

Pontos negativos e positivos desse projeto?

Pontos negativos:

- Talvez devido ao preço do produto, mesmo não sendo caro, algumas pessoas não conseguiriam comprar.
- Aprendizado limitado para alguns públicos.
- Dificuldade na acessibilidade de adquirir outros materiais para poder manter a prática de artesanatos.
- Tempo e dedicação, muitas pessoas infelizmente não possuem paciência para aprender algo que tem processos e leva tempo para ser feito. Então se a pessoa não se esforçar e ter paciência não conseguirá dar continuidade, artesanato é sobre apreciar os processos.
- Concorrência com plataformas com conteúdos digitais.

Pontos positivos:

- Valoriza o artesanato brasileiro
- Traz visibilidade para os artesãos
- Aproxima as pessoas de algumas técnicas manuais
- Cria conexão das pessoas com a história dos artesãos e até mesmo pelos aprendizados registrados
- Conexão entre gerações
- Faz as pessoas deixarem um pouco os meios tecnológicos e emergir em uma prática analógica seja por ser um livro ou seja por aprender técnicas manuais isso incentiva jovens a preservarem o feito à mão e podem conseguir uma renda com isso.

- Traz experimentações sensoriais com o tocar no livro, materiais, com o ver, com o sentir, é um produto que mexe até com os nossos 5 sentidos.
- Instiga curiosidade
- Traz para o leitor uma visão do artesanato também pode ser um produto contemporâneo e desejável

Nome do livro?

“Entrelaços: A Arte de se Reconectar”

### 8.1.2 Criatividade

Na etapa criativa temos os materiais que serão usados, experimentação, modelos que seria o espelho editorial do miolo dos cadernos que compõem o livro, o teste do bordado da capa e além disso, os desenhos construtivos que são os esboços, para o processo do livro foi uma etapa crucial, pois é um momento onde teve uma expansão da criatividade para poder chegar em definições com base na conceituação do produto, também fiz vários testes de impressão para chegar em uma produção efetiva.

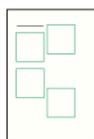
### **Miolo**

Diante disso, em seguida temos o espelho do miolo do livro, com a ordem das páginas, disposição dos conteúdos e títulos, como foi usado no livro uma costura copta, a ordenação de páginas foi diferente, então além do miolo em sequência, foi feito um boneco físico em papel da ordem das páginas, sendo demonstradas a partir da segunda imagem mostrando um exemplo da ordem dos cadernos. Essas etapas foram essenciais para elaborar as ordens das páginas e sequências dos conteúdos do livro, pensando em como a leitura ficaria harmônica e sem cansaço visual para o leitor.

Figura 31. Espelho editorial - miolo

Capa 1	Ilustração Sumário 3	Querido leitor 5	01 Fios de memória 7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31	32	33	34	35
Abra aqui. 37	38	39	Abra aqui. 41	42	43	Abra aqui. 45	Depoimentos 46
47	02 Tecendo Saberes 49	50	51	52	53	54	55
56	57	58	59	60	61	62	63
64	65	66	67	03 Encontros Que criam 68	69	70	71
72	04 Espaço Entre nós 73	74	75	76	77	78	79
80	81	82	83	Contracapa 84			

## LEGENDA:



Páginas com  
imagens.



Dobraduras.



Páginas com  
espaço livre para  
criar.

Fonte: Autoria própria.

## Testes do bordado

O nome do título do livro foi feito com aplicação em bordado, portanto foram desenvolvidos alguns testes em tecidos e de pontos de bordado para escolher o tecido que ficasse melhor com a proposta e o ponto que se harmonizasse esteticamente com o livro. Primeiramente, fiz um teste no tecido etamine na tonalidade bege, esse tecido é ideal para ponto cruz, mas como havia gostado da textura decidi testar em bordado livre, porém não teve um acabamento bom, portanto devido a esse problema, teve uma mudança para o tecido de algodão cru que é usado normalmente para bordados livres, assim, foi bem mais eficiente o processo do bordado, sendo mais fácil para fazer os pontos e ficaram com melhor acabamento.

Figura 32. Impressão do título para desenhar o bordado.



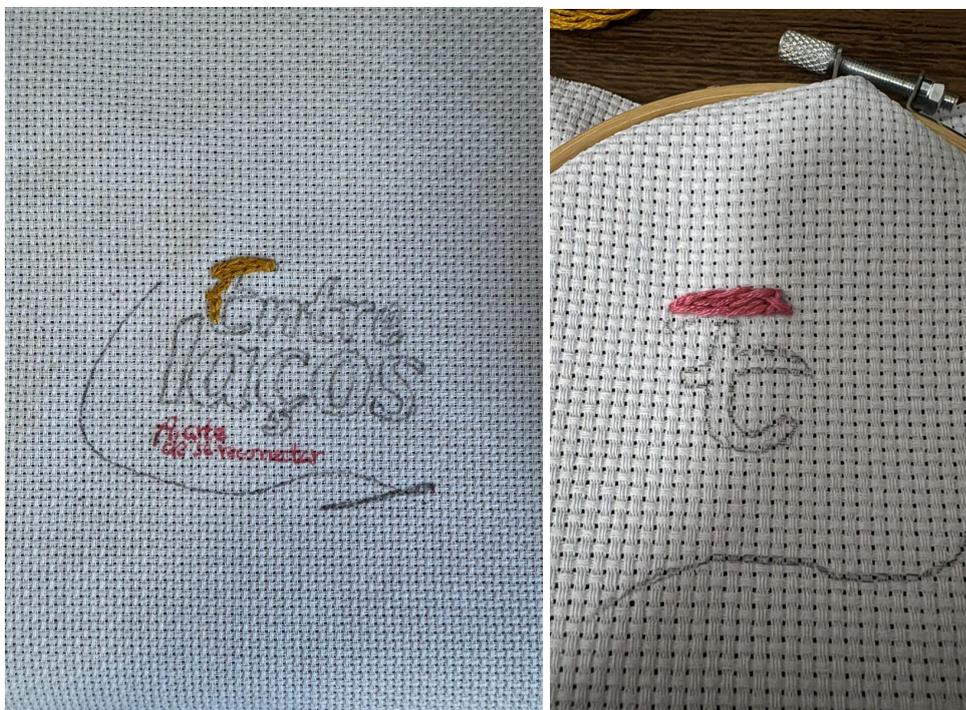
Fonte: Autoria própria.

Figura 33. Bordado desenhado.



Fonte: Autoria própria.

Figura 34. Testes de bordado, ponto corrente no tecido etamine.



Fonte: Autoria própria.

Figura 35. Testes de bordado, tecido etamine.



Fonte: Autoria própria.

Figura 36. Teste no tecido algodão cru.



Fonte: Autoria própria.

Figura 37. Bordado escolhido - ponto haste em algodão cru.



Fonte: Autoria própria.

Figura 38. Bordado finalizado, ponto haste e ponto atrás.



Fonte: Autoria própria.

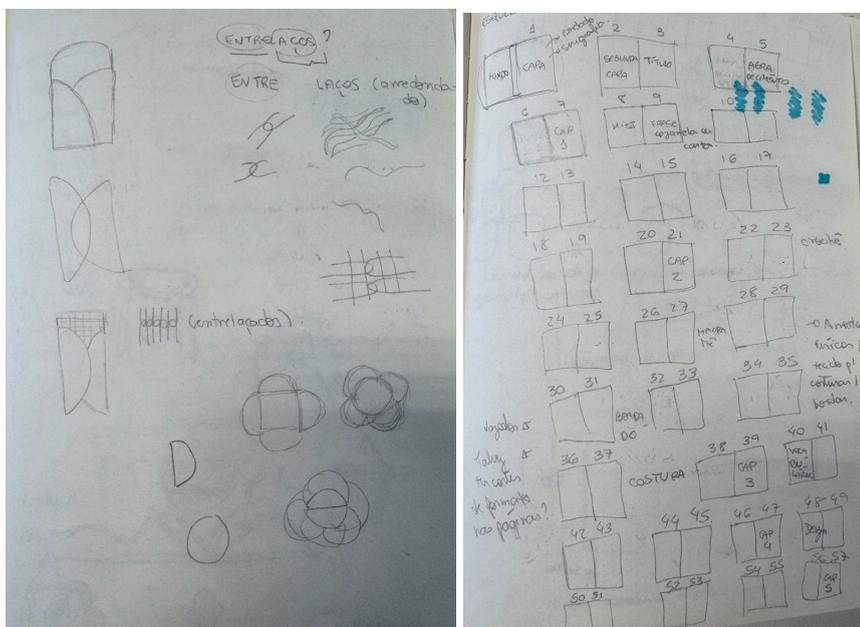
Dessa forma, o ponto de bordado escolhido foi o ponto haste, pois observa-se que tem um melhor acabamento para as tipografias escolhidas para o título “Entrelaços”, logo abaixo está o subtítulo “A arte de se reconectar”, o desenho de um fio com uma agulha e em seguida o nome da autora “Por: Leticia Roncen”, todos

esses foram bordados com ponto atrás, o qual é um ponto mais simples que deu um ótimo acabamento para as letras pequenas e o desenho.

## Esboços

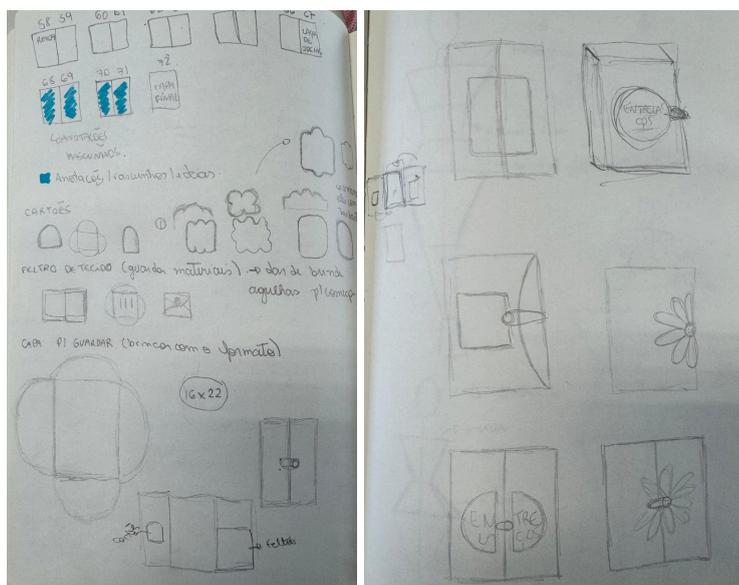
Assim, foram feitos alguns esboços com ideias do formato do livro, como seria algumas aplicações lúdicas, qual seria o nome, a capa, se teria alguma estampa, como seria o esqueleto editorial do miolo, foram ideias que tiveram mudanças ao longo do projeto, mas que foram cruciais para o desenvolvimento do produto final. Diante disso, logo abaixo segue alguns esboços.

Figura 39. Esboços.



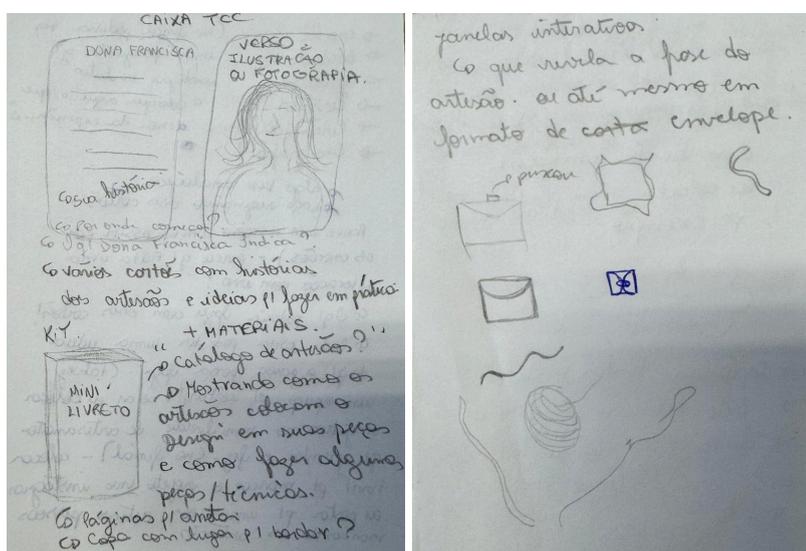
Fonte: Autoria própria.

Figura 40. Esboços.



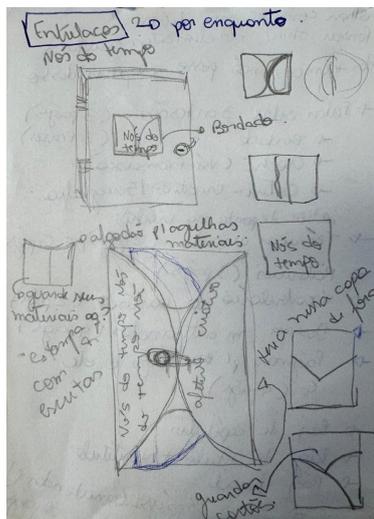
Fonte: Autoria própria.

Figura 41. Esboços.



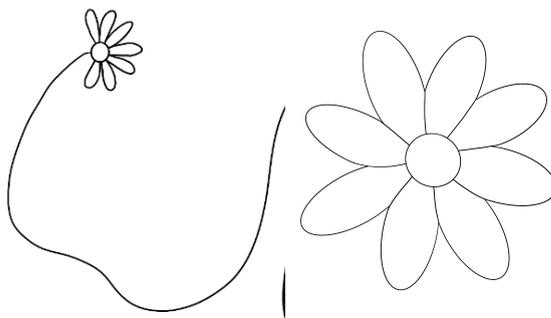
Fonte: Autoria própria.

Figura 42. Esboços.



Fonte: Autoria própria.

Figura 43. Esboços



Fonte: Autoria própria.

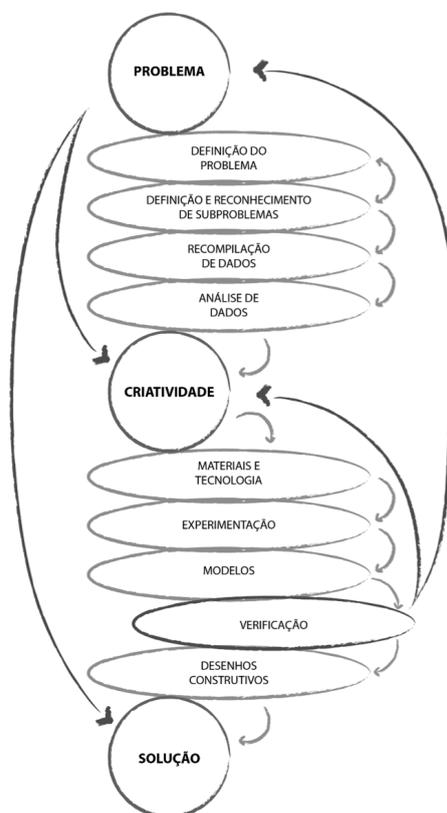
### 8.1.3 Solução

Por fim, temos a solução da problemática que nesse caso é a finalização do livro, tendo ele impresso e pronto obtendo assim um livro que cumpre os objetivos de valorização do artesanato, com uma revalorização do trabalho de mulheres artesãs, contando suas histórias, mostrando materiais e processos de como podem fazer uma peça artesanal, além de mostrar como o design pode contribuir para

valorizar esse trabalho manual. O livro “Entrelaços: A arte de se reconectar” teve uma escolha cuidadosa de papéis, acabamento e estrutura gráfica, pensando o livro como um objeto tátil, afetivo e lúdico, valorizando não apenas a leitura, mas o fazer manual, a participação ativa do leitor e a preservação do saber artesanal.

Portanto essa metodologia permitiu que o design fosse utilizado além de somente uma ferramenta de comunicação, mas também como meio de resgate cultural e reconexão entre pessoas e saberes manuais, segue abaixo uma imagem demonstrando visualmente a metodologia já explicada por Rodolfo Fuentes.

Figura 44. Metodologia por Rodolfo Fuentes.



Fonte: FUENTES, 2006, p. 28.

## 9 IDENTIDADE VISUAL

Desenvolver uma identidade visual para o livro foi de suma importância para uma comunicação visual com os elementos gráficos que transmitem a mensagem do

produto, pois desde a escolha da paleta de cores, tipografias, desenhos, como seria a aplicação, a diagramação, são todos componentes importantes para transmitir o conceito do livro de criatividade, lúdico, afetividade, aprendizados, tradições e laços de memórias.

### 9.1 Naming

O título “**Entrelaços**” foi escolhido por sua potência simbólica e afetiva, remetendo à ação de entrelaçar fios, linhas e histórias. Essa escolha foi de acordo com o resultado de um processo cuidadoso de pesquisa e testes, orientado pelas palavras-chave que sintetizam a proposta do livro no contexto do artesanato, entrelaçar é mais do que uma técnica: é um gesto que une passado e presente, tradição e inovação, saberes e pessoas. Ao acrescentar o subtítulo “**A arte de se reconectar**”, o livro reforça seu propósito central: promover a reconexão do indivíduo com sua criatividade, com suas raízes culturais e com outras pessoas por meio do fazer manual.

Ao resgatar técnicas artesanais como bordado, crochê, costura criativa e decoupage, a obra convida o leitor a se envolver com processos manuais como forma de expressão, cuidado e transformação. Assim, o significado desse título e subtítulo simbolizam tanto os encontros entre pessoas quanto os encontros com si mesmo que o artesanato pode proporcionar, funcionando como uma metáfora para o reencontro com o que é essencial.

### 9.2 Tipografias

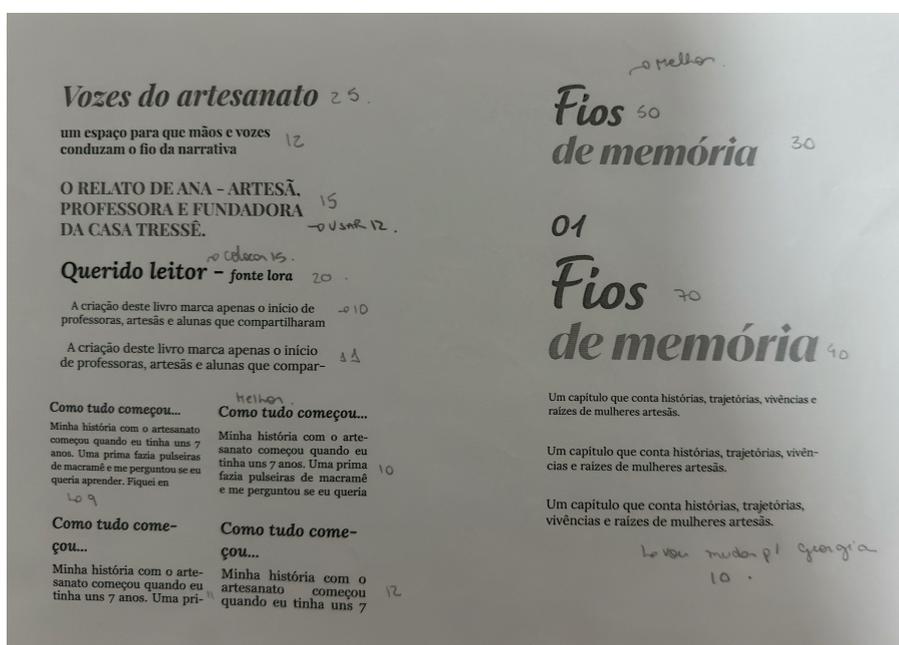
A escolha das tipografias utilizadas no projeto foi orientada pela intenção de alinhar forma e conteúdo, reforçando as mensagens centrais do livro. Inicialmente, foram realizados testes com diversas fontes a fim de identificar aquelas que melhor transmitisse os valores da obra, como acessibilidade, afeto e criatividade. Após a seleção das tipografias definitivas, foram realizados testes de impressão com variações de tamanho e peso, com o objetivo de garantir conforto visual ao leitor e uma experiência de leitura fluida.

As tipografias escolhidas possuem formas mais orgânicas e arredondadas, conferindo ao projeto um caráter acolhedor e acessível. Esse traço formal também

colabora para criar uma atmosfera coerente com a proposta sensível e manual do conteúdo. Além disso, as fontes como Playfair Display Bold Italic e Bold foram incorporadas para trazer equilíbrio e sofisticação, com suas linhas mais estruturadas, porém ainda descontraídas. Dessa forma, o conjunto tipográfico contribui para reforçar a identidade visual do livro, unindo legibilidade, expressividade e coerência com a narrativa proposta.

Foram realizados os seguintes testes de impressão e experimentações tipográficas.

Figura 45. Teste de impressão das fontes.



Fonte: Autoria própria.

Figura 46. Testes tipográficos.

*Entre laços*

**Entre laços**

*Entre laços*

*Entre laços*



Fonte: Autoria própria.

Segue a demonstração das tipografias escolhidas para o projeto e o título do livro.

Figura 47. Tipografias finais escolhidas.



Fonte:

Autoria própria.

Figura 48. Título escolhido.



Fonte: Autoria própria.

### 9.3 Título - Aplicação em bordado

Nesse sentido, o título previamente definido foi utilizado como base para a aplicação manual, respeitando o desenho original das tipografias e da ilustração da flor. O título foi bordado manualmente com o ponto haste, enquanto o subtítulo foi elaborado com o ponto atrás. Já a flor foi confeccionada utilizando a técnica do crochê.

Ao longo do processo, foram realizados diversos testes de bordado para definir a melhor combinação entre legibilidade, textura e estética. A escolha final considerou a harmonia visual com o projeto gráfico do livro, garantindo que o resultado comunicasse sensibilidade e coerência com o conteúdo.

O uso dessas técnicas artesanais como o bordado, crochê, encadernação artesanal e costura, foi pensado como forma de expressar, de maneira simbólica e visual, os temas centrais abordados no livro. Elas reforçam o conceito da valorização do fazer manual e estão presentes em diferentes etapas da construção do projeto editorial.

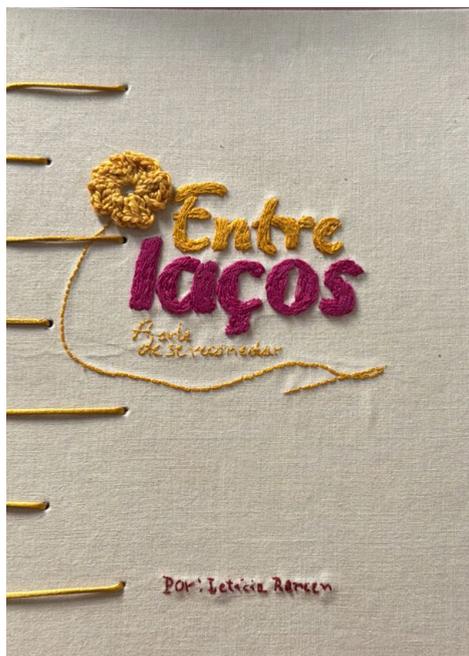
A seguir, apresentam-se algumas das aplicações realizadas.

Figura 49. Título e desenho com aplicação em bordado.



Fonte: Autoria própria.

Figura 50. Aplicação do bordado, flor de crochê, encadernação e costura na capa.



Fonte: Bordado autoria própria e flor de crochê produzida pela Karoline Yuka.

#### 9.4 Paleta de cores e textura

A paleta cromática deste projeto foi cuidadosamente selecionada com o objetivo de reforçar os conceitos centrais do livro. As cores escolhidas transitam entre tons terrosos, florais e naturais, criando uma harmonia visual que recorda sensações de acolhimento, afetividade e conexão com a natureza, elementos diretamente relacionados ao universo do artesanato manual.

As variações entre tons quentes e suaves transmitem proximidade, delicadeza e alegria, características que dialogam com a proposta de tornar o conteúdo acessível e convidativo ao leitor. O uso de cores mais claras e vibrantes também contribui para uma composição visual equilibrada e atrativa, promovendo leveza e estimulando a leitura.

Além das cores, a textura aplicada em alguns fundos ao longo dos capítulos, remete à um papel artesanal ou reciclado, foi escolhida para aprofundar ainda mais a linguagem tátil e sensorial do livro. Essa textura evoca memórias afetivas e aproxima o leitor do universo manual e do feito à mão, reforçando a proposta de um projeto que valoriza o toque, o tempo e o cuidado com os detalhes. Conforme isso,

as cores dos fios de meada escolhidas para fazer o bordado, foram baseadas nessa paleta de cores, foram usadas as linhas meadas da marca “Anchor”, primeiramente temos a cor corrente de código 00303, cor fúcsia - 00088 e cor marrom - 355. Assim, tanto as cores quanto a textura atuam de forma integrada na construção de uma identidade visual coesa, sensível e conectada com os valores do artesanato.

Figura 51. Paleta de cores e textura.



Fonte: Autoria própria.

## 9.5 Diagramação

A diagramação constitui um elemento essencial em projetos editoriais, pois influencia diretamente na forma como o conteúdo será percebido e experienciado pelo leitor. No desenvolvimento deste livro, optou-se por uma abordagem que valoriza tanto a funcionalidade da leitura quanto a expressividade visual, respeitando o ritmo do conteúdo e a proposta sensível do projeto.

Para o capítulo de entrevistas, foi adotado um modelo de diagramação em duas colunas, que facilita a leitura contínua e torna a organização das falas mais clara e fluida, além de transmitir uma sensação de conversa estruturada e acessível. Já nos demais capítulos, optou-se por uma diagramação mais livre, permitindo maior respiro visual e integração com as ilustrações e elementos gráficos. Essa escolha dialoga com a proposta artesanal do livro, mostrando a liberdade criativa presente nas práticas manuais.

A alternância entre estruturas mais rígidas e composições livres contribui para criar uma narrativa visual que reflete a essência do livro: a valorização do feito à mão, do processo, da diversidade de formas de expressão e da reconexão com o tempo e com o outro. A diagramação, portanto, não se limita à organização do texto, mas atua como ferramenta simbólica e afetiva, guiando o olhar do leitor e ampliando sua experiência com a obra.

## 9.6 Ilustrações

As ilustrações presentes neste livro foram concebidas com base nos processos das técnicas artesanais abordadas, como o bordado, crochê, costura criativa e decoupage. No Capítulo 2 do livro, que trata das técnicas e materiais, foi realizada uma curadoria cuidadosa dos pontos básicos e ferramentas essenciais, com o objetivo de auxiliar o leitor que deseja iniciar no universo do artesanato.

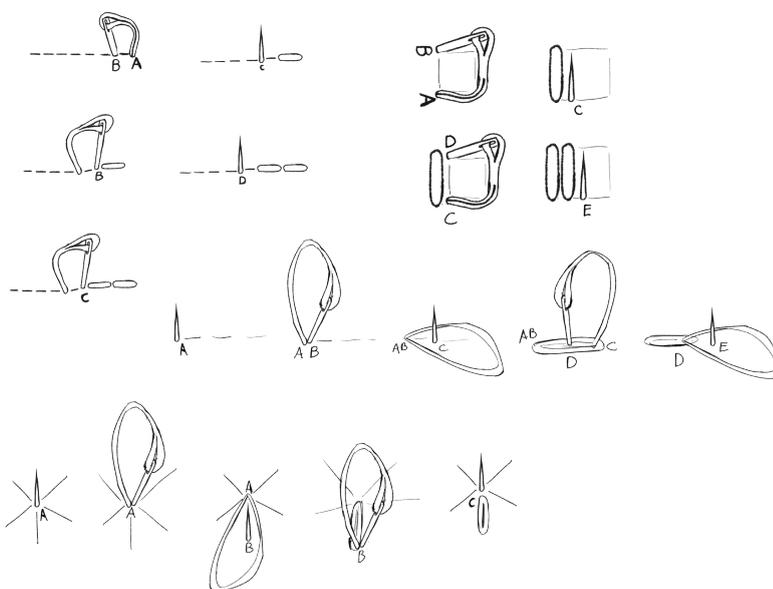
Durante esse processo, desenvolveu-se um trabalho colaborativo com o ilustrador, no qual foram discutidas e orientadas as composições visuais desejadas, tanto para os passo a passos quanto para os desenhos simbólicos que acompanham os desafios propostos nas cartas. Essa parceria foi fundamental para garantir que as ilustrações transmitissem, de maneira clara e sensível, às práticas manuais apresentadas.

Após a finalização dos esboços, as ilustrações foram vetorizadas e coloridas de forma a manter harmonia com a paleta do livro, reforçando sua identidade visual e a proposta acolhedora da obra. Assim, os desenhos não apenas complementam o conteúdo textual, mas também desempenham um papel didático, ampliando a experiência de quem lê e pratica.

---

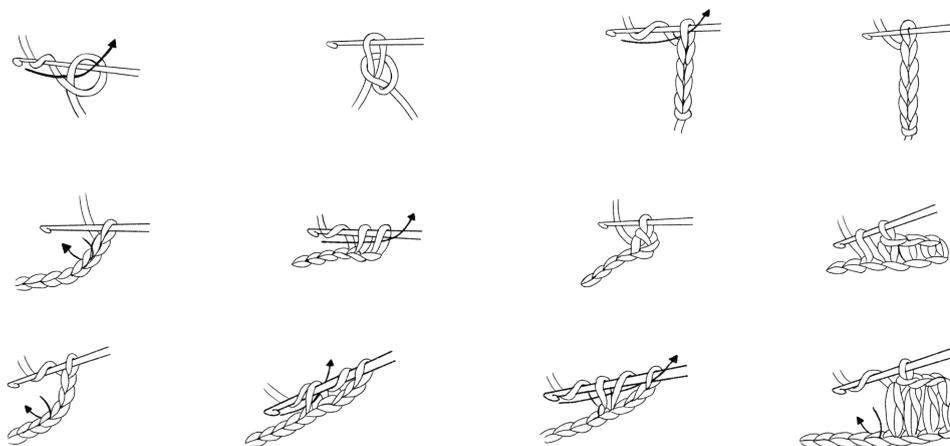
<sup>4</sup> O livro em pdf está inserido em anexo.

Figura 52. Ilustração, pontos básicos de bordado.



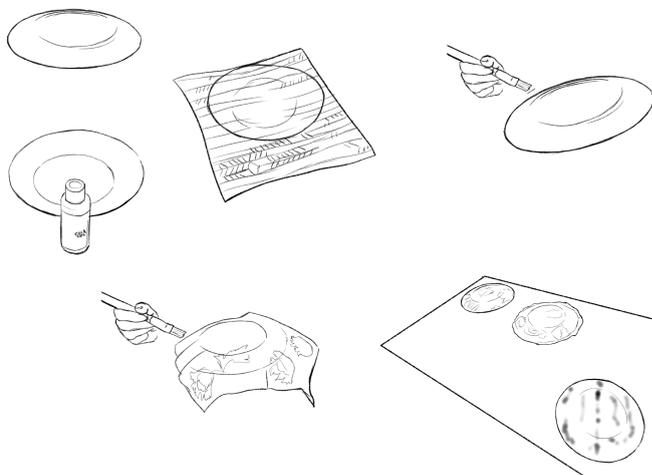
Fonte: Ilustração realizada por Odeni Ribeiro.

Figura 53. Ilustração, pontos básicos de crochê.



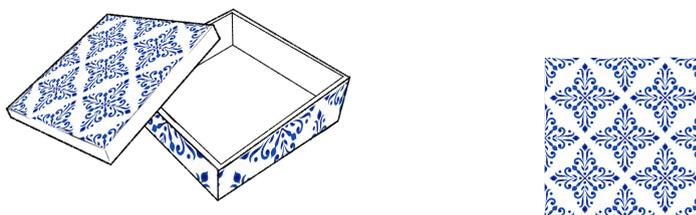
Fonte: Ilustração realizada por Odeni Ribeiro.

Figura 54. Ilustração, passo a passo prato com decoupage.



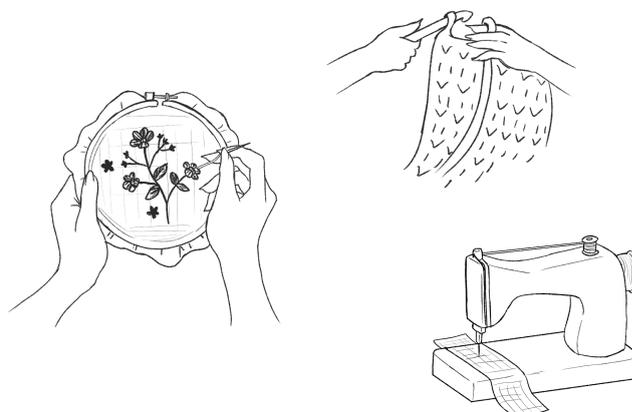
Fonte: Ilustração realizada por Odeni Ribeiro.

Figura 55. Ilustração das cartas de decoupage.



Fonte: Ilustração realizada por Odeni Ribeiro.

Figura 56. Ilustrações das cartas de bordado, crochê e costura criativa.



Fonte: Ilustração realizada por Odeni Ribeiro.

## 9.7 Cartas

Como recurso complementar ao conteúdo do livro, foram desenvolvidos cartões de desafios práticos, com o objetivo de incentivar o leitor a aplicar as técnicas artesanais apreendidas de maneira lúdica. Esses cartões fazem parte da proposta de transformar a leitura em uma experiência sensorial, acessível e criativa.

Cada carta possui o formato de 6,6 x 9,7 cm e foi impressa em papel texturizado SignaPlus Linno 180g na cor Naturale. A escolha desse material foi intencional: ao posicionar a face texturizada voltada para o lado do texto, remete simbolicamente à superfície do tecido, criando uma conexão tátil entre o leitor e o aspecto artesanal que o livro propõe. Além disso, foi usado um ilhós dourado para colocar todas as cartas juntas e na lateral teve a adição de um pingente decorativo de tassel rosa.

As cartas foram divididas por técnica, totalizando oito desafios práticos, dois para cada uma das quatro técnicas abordadas: bordado, costura criativa, crochê e decoupage. Para facilitar a identificação e criar uma linguagem visual coesa, cada técnica recebeu uma cor específica:

- Rosa para o bordado, representando delicadeza e afeto;
- Amarelo para a costura criativa, remetendo à criatividade e energia;

- Verde para o crochê, simbolizando tranquilidade e conexão com a natureza;
- Marrom para a decoupage, representando rusticidade e tradição.

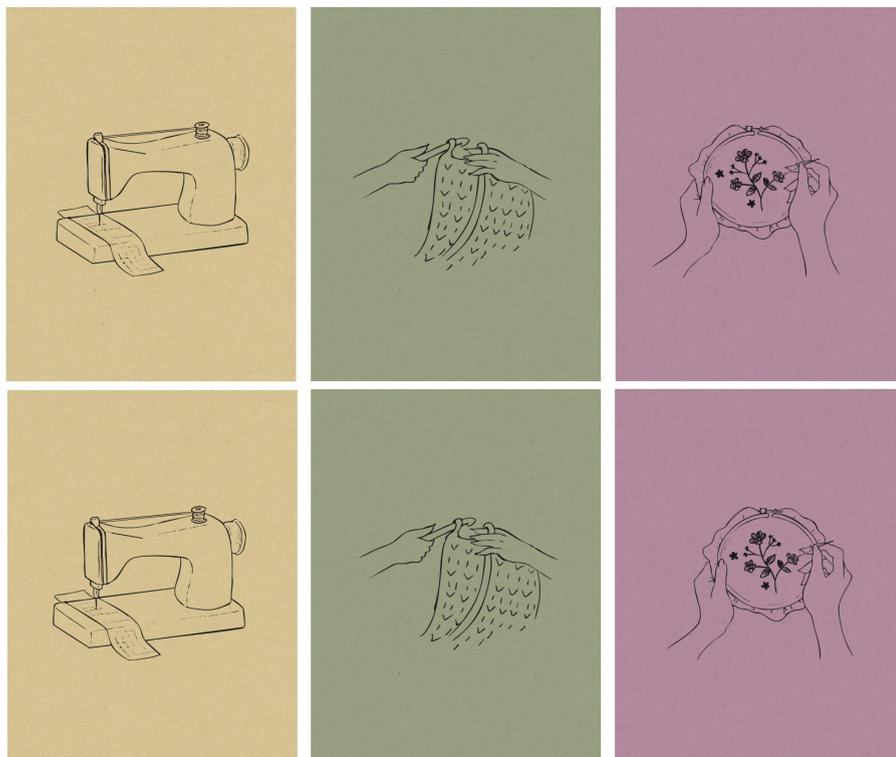
A face frontal das cartas apresenta o texto do desafio, com linguagem acessível e incentivo à prática. No verso, foram aplicadas ilustrações vistas anteriormente, relacionadas à técnica correspondente, tornando cada cartão uma pequena peça visual que reforça o conteúdo e estimula o engajamento do leitor com o fazer manual.

Figura 57. Cartas de desafios, vista frontal.



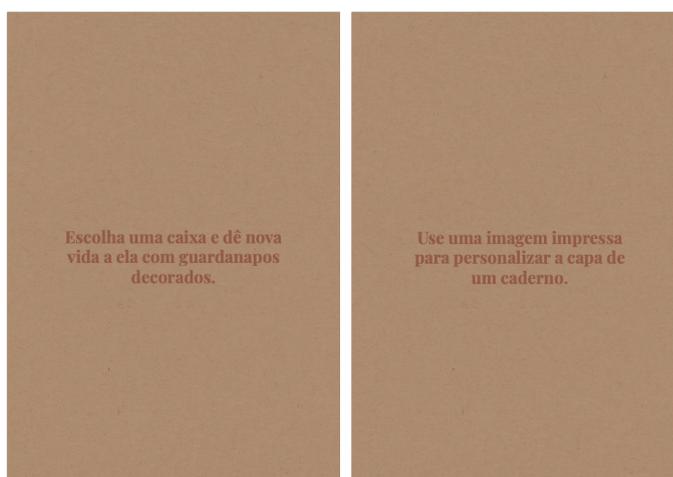
Fonte: Autoria própria.

Figura 58. Cartas de desafios, vista posterior.



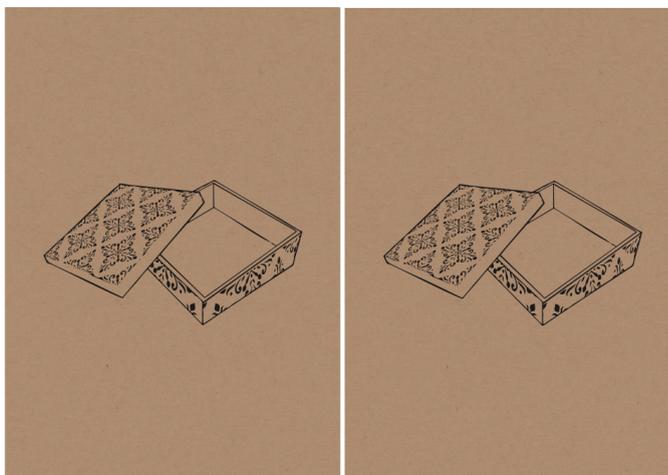
Fonte: Autoria própria.

Figura 59. Cartas de desafios, vista frontal.



Fonte: Autoria própria.

Figura 60. Cartas de desafios, vista posterior.



Fonte: Autoria própria.

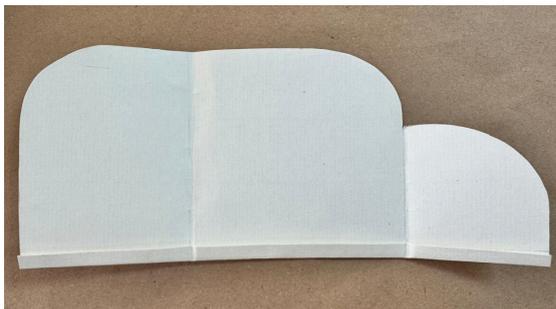
Figura 61. Fotografia das cartas.



Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Nesse contexto, foi desenvolvido um envelope feito com papel vergê 120g, para acondicionar os cartões de desafios, o qual foi inserido na contracapa do livro. A seguir, apresentam-se imagens do envelope e dos cartões, evidenciando sua aplicação e acabamento final.

Figura 62. Teste de dobradura do envelope.



Fonte: Autoria própria.

Figura 63. Envelope fechado.



Fonte: Autoria própria.

Figura 64. Fotografia do envelope e cartas.



Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Figura 65. Fotografia do envelope e cartas.



Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Figura 66. Fotografia do envelope e cartas.



Fonte: Fotografia por Luana Leite.

## 10 PRODUTO FINAL

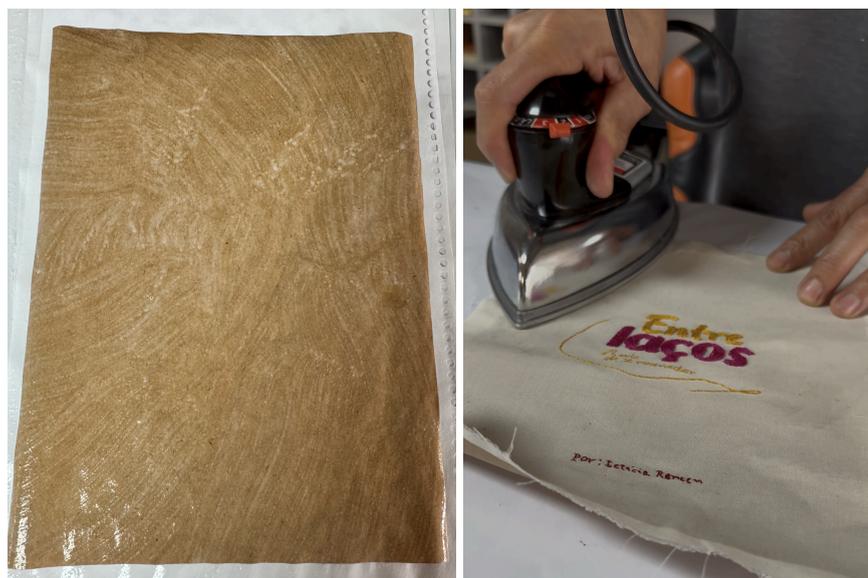
O livro *“Entrelaços: A arte de se reconectar”* foi produzido manualmente, com uma curadoria cuidadosa de materiais que dialogam diretamente com a proposta e a mensagem da obra. A capa foi confeccionada em tecido de algodão cru, bordada manualmente pela própria autora com fios de meada de algodão, reforçando o caráter artesanal e afetivo do projeto. Este tecido bordado foi colado sobre uma base de papel kraft, que, por sua vez, foi aplicada em uma estrutura de papelão paraná de

2,2 mm, conferindo ao livro uma capa dura e resistente. No revestimento interno das capas, utilizou-se papel Color Plus na gramatura 200 g/m<sup>2</sup>, em tom rosa alinhado à paleta de cores adotada no projeto gráfico, garantindo unidade visual e sensorial desde o primeiro contato com o livro-objeto.

Adicionalmente, para a impressão do conteúdo do livro, optou-se pelo papel Pólen Natural 80 g/m<sup>2</sup>, escolhido por seu toque suave e por apresentar uma tonalidade levemente amarelada, que remete a um aspecto antigo, proporcionando conforto visual ao leitor. O processo de montagem manual do exemplar foi desenvolvido com base nos conhecimentos adquiridos durante a Oficina de Papel da instituição, ministrada por Sérgio Ferreira. A partir dessa experiência, foi possível compreender técnicas específicas da produção artesanal, como a necessidade de colar previamente o tecido sobre o papel antes da fixação na capa, além da execução da costura copta (método de encadernação adotado neste projeto), que contribui para a estética e funcionalidade do livro.

Adiante algumas fotografias dos processos do produto.

Figura 67. Processos da capa.



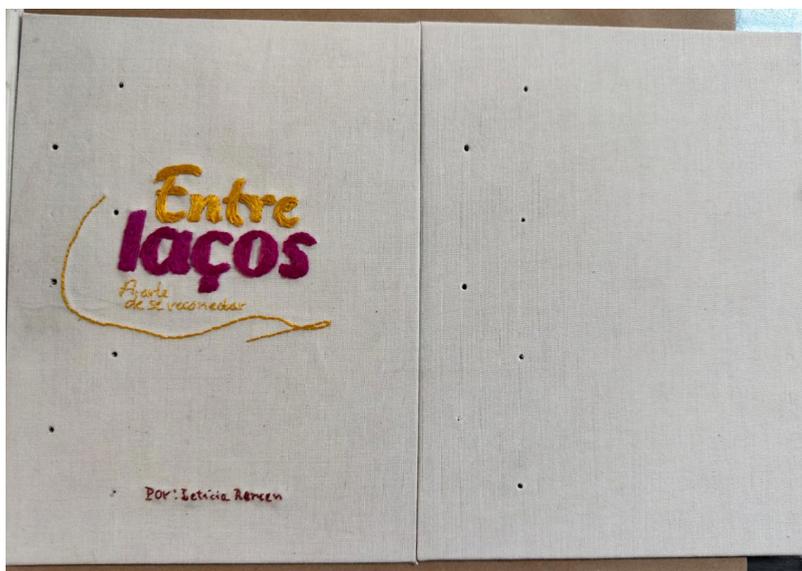
Fonte: Autoria própria.

Figura 68. Algodão cru colado em papelão paraná.



Fonte: Autoria própria.

Figura 69. Capas encapadas.



Fonte: Autoria própria.

Figura 70. Capas internas.



Fonte: Autoria própria.

Figura 71. Impressão no papel pólen.



Fonte: Fotografia por Luana Leite

Para dar início ao processo de encadernação com a técnica da costura copta, foram confeccionados sete cadernos individualmente, com as páginas organizadas de acordo com a sequência necessária para a costura. Em seguida, realizaram-se sete furos com espaçamento de 2,5 cm entre eles, utilizando-se um agulhão (furador manual). Para a etapa de costura, foi empregada uma agulha curva usada

normalmente em encadernação, na qual foi inserido um cordão de seda dourado com 2mm, escolhido por deslizar mais facilmente para costurar e por agregar valor estético (entretanto, devido o fio de seda deslizar facilmente, foram feitos nós na costura para reforçar e não ter risco de soltar), contribuindo com o acabamento delicado e artesanal do projeto.

Abaixo fotos do processo da costura copta.

Figura 72. Furos com agulhão.



Fonte: Autoria própria.

Figura 73. Processos da costura copta.



Fonte: Fotografias por Luana Leite.

Figura 74. Costura copta.



Fonte: Autoria própria.

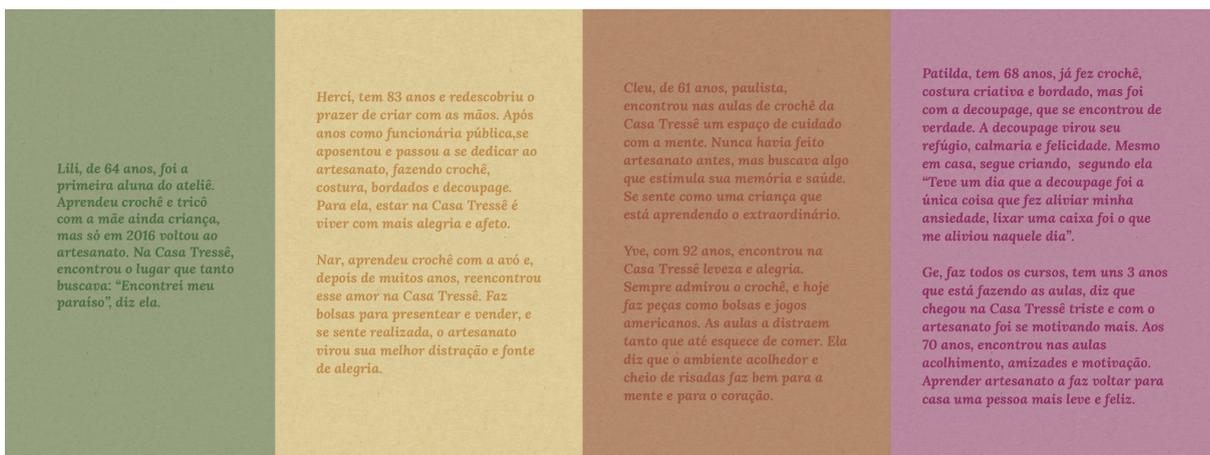
Figura 75. Produção de três livros costurados.



Fonte: Autoria própria.

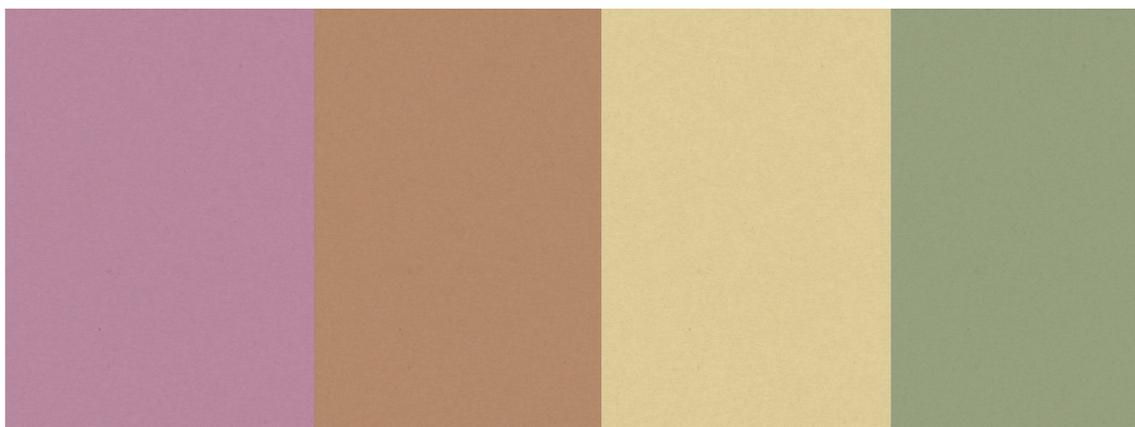
Por fim, os depoimentos das alunas das professoras artesãs que contribuíram para esse projeto, foram expostos em uma dobradura colorida medindo 29,7x10,5cm, impresso em papel pólen natural 80g.

Figura 76. Dobradura interna com os depoimentos.



Fonte: Autoria própria.

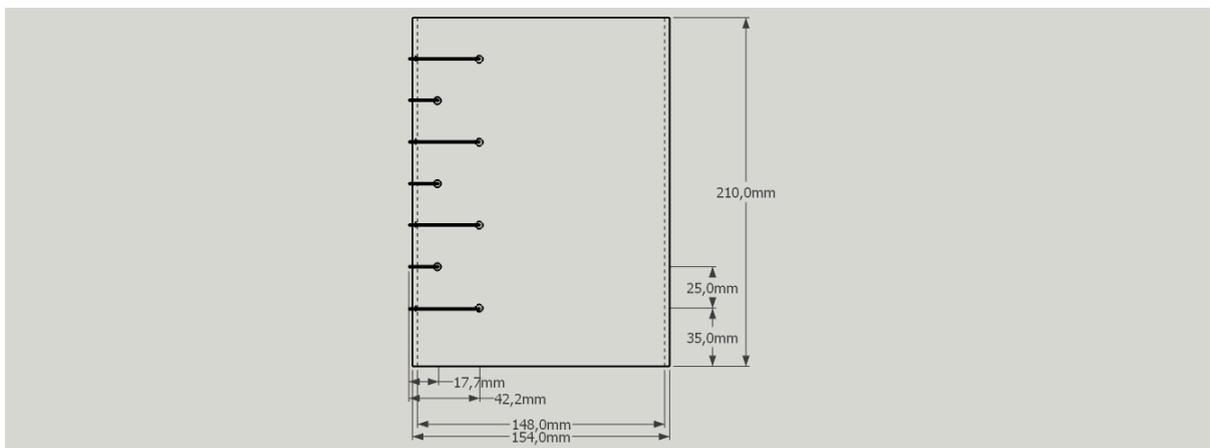
Figura 77. Dobradura vista posterior.



Fonte: Autoria própria.

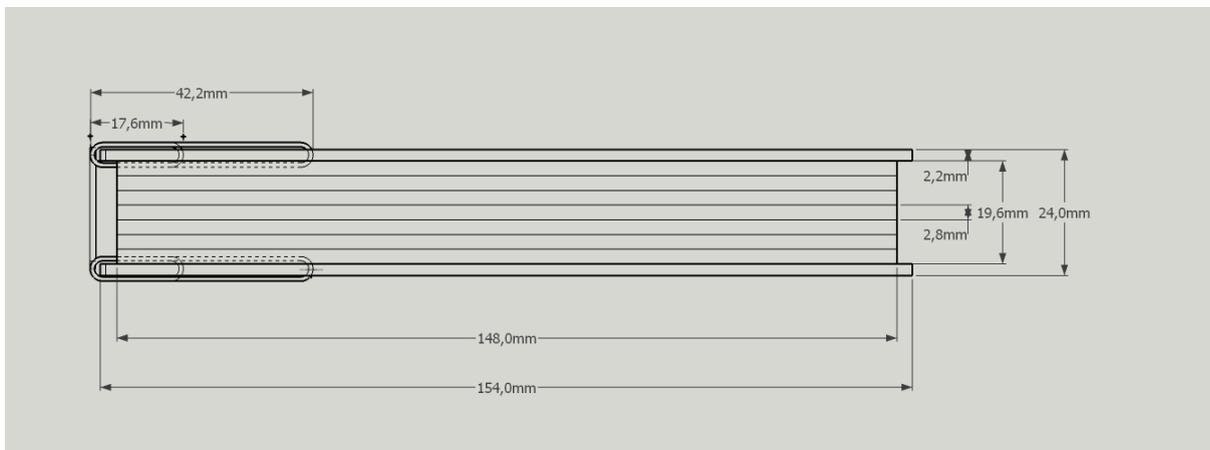
Logo abaixo, nota-se algumas vistas com as medidas do livro e as fotografias do produto final.

Figura 78. Vista do topo.



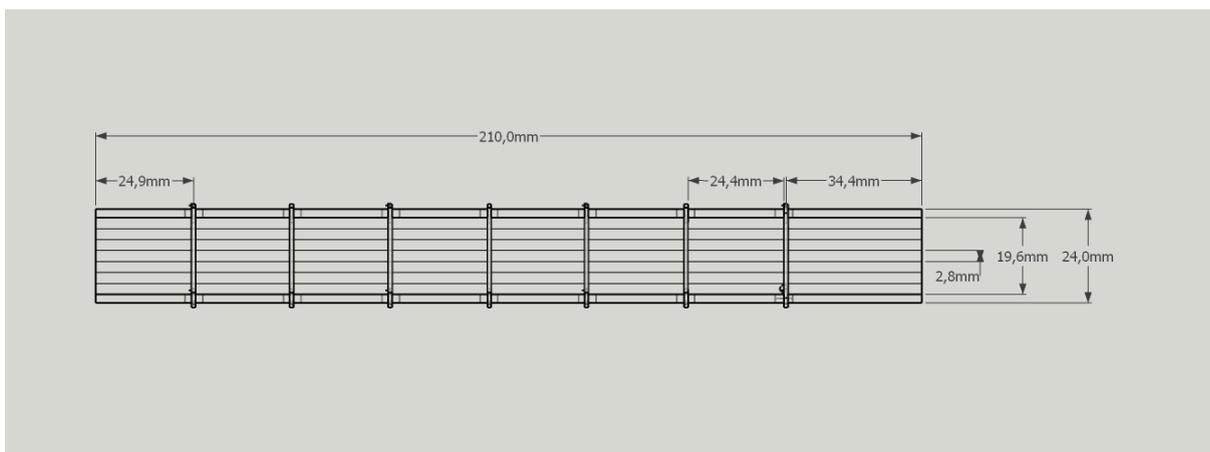
Fonte: Desenho técnico feito por Karoline Yuka.

Figura 79.Vista frontal.



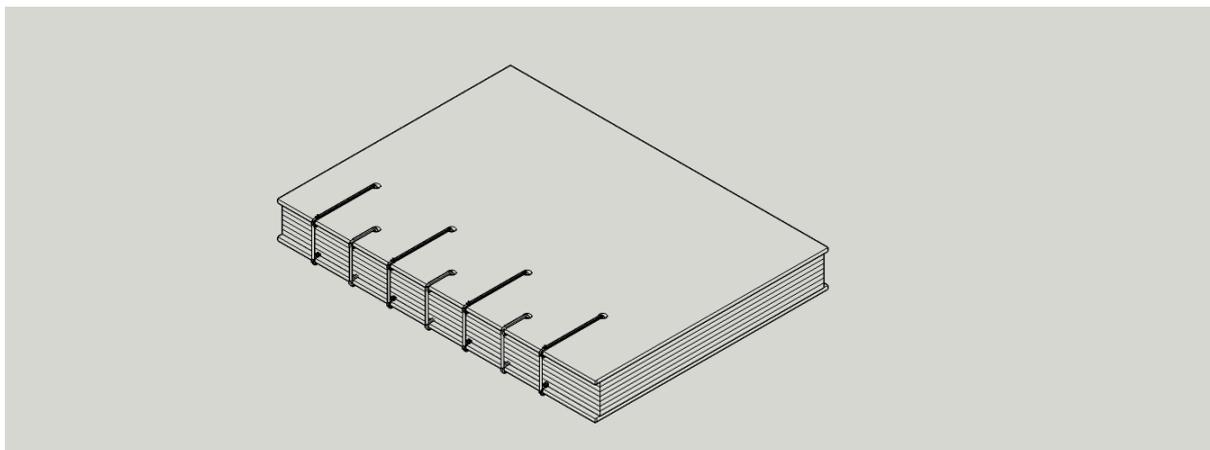
Fonte: Desenho técnico feito por Karoline Yuka.

Figura 80.Vista lateral.



Fonte: Desenho técnico feito por Karoline Yuka.

Figura 81.Vista superior sem capa.



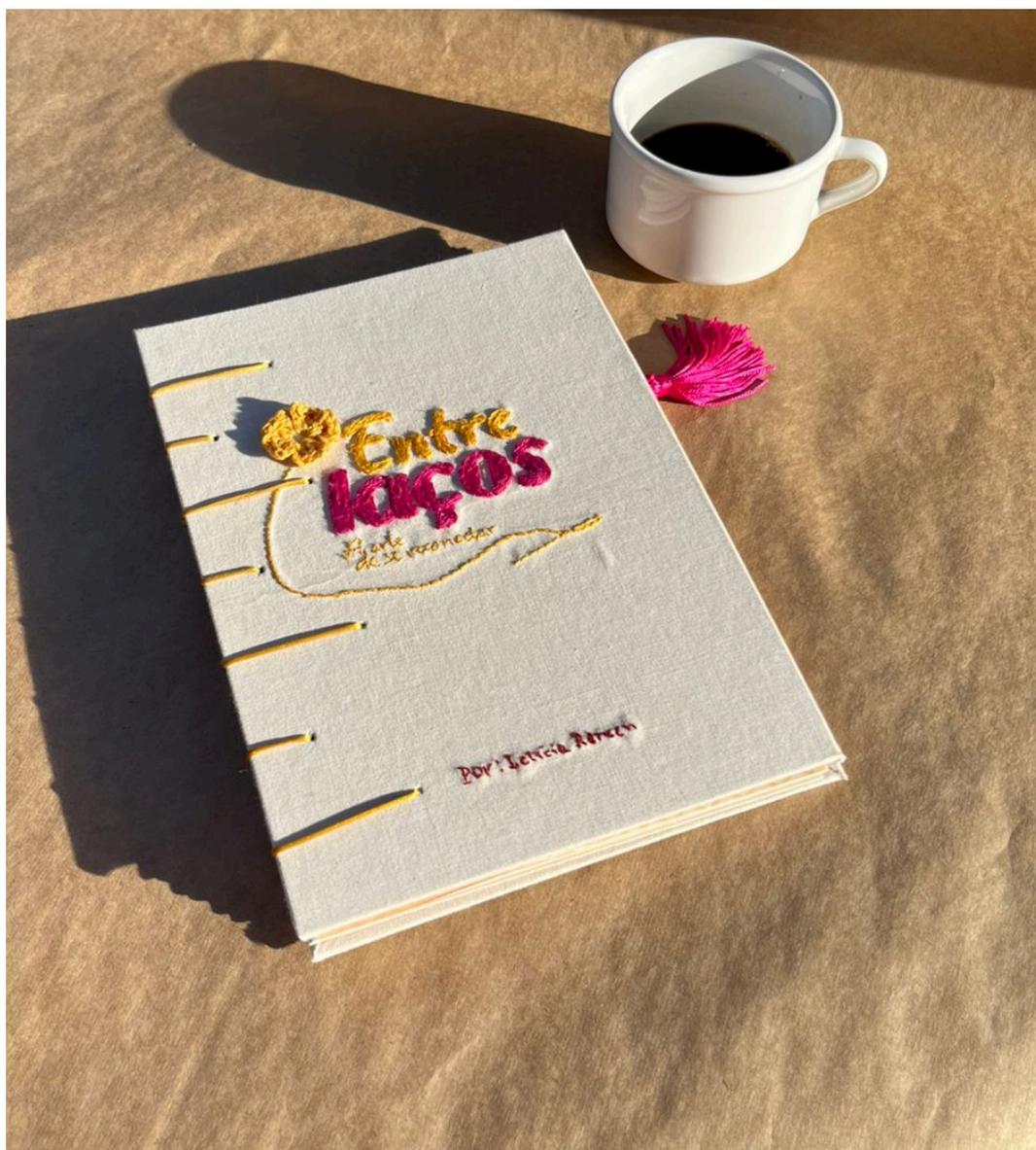
Fonte: Desenho técnico feito por Karoline Yuka.

Figura 82. Vista superior com a capa.



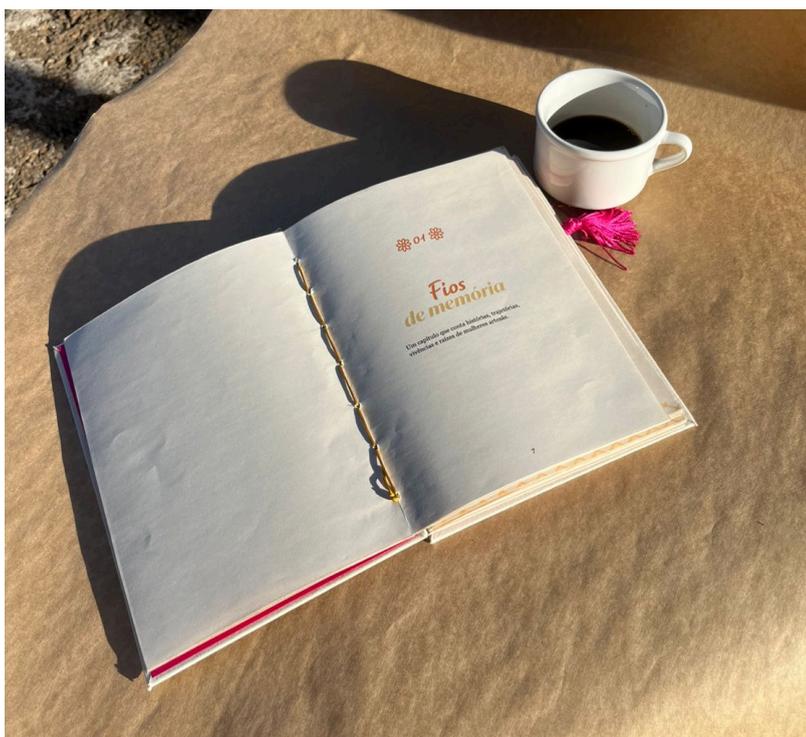
Fonte: Desenho técnico feito por Karoline Yuka.

Figura 83. Livro finalizado.



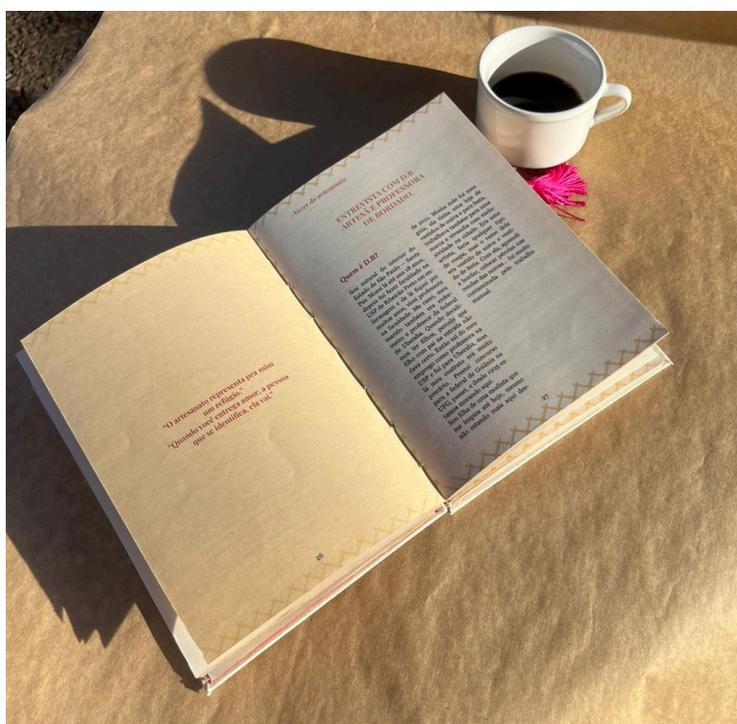
Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Figura 84. Livro finalizado.



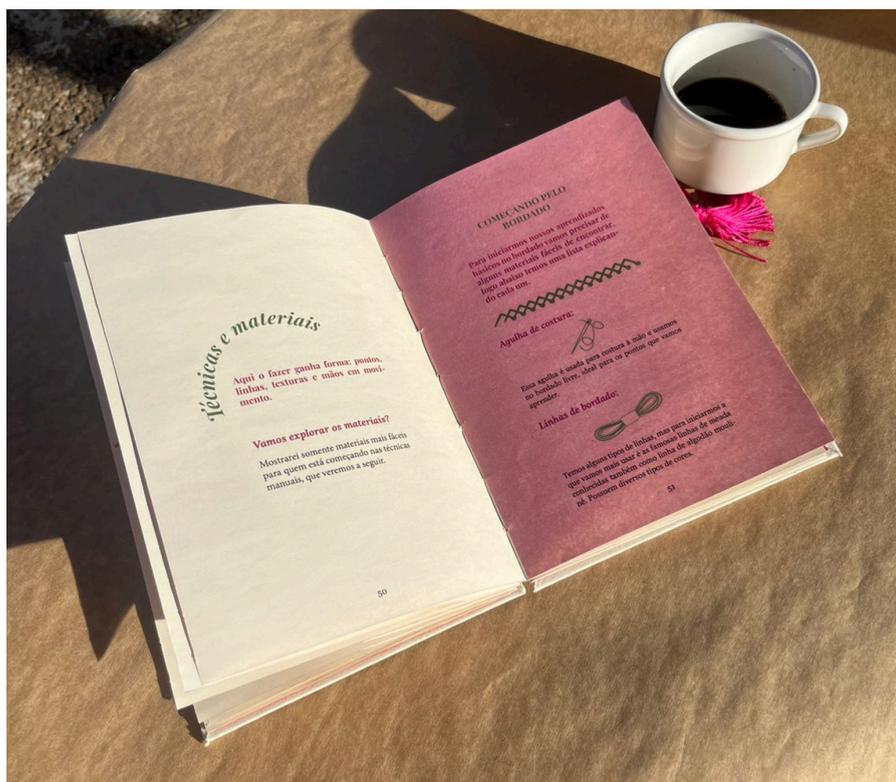
Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Figura 85. Livro finalizado.



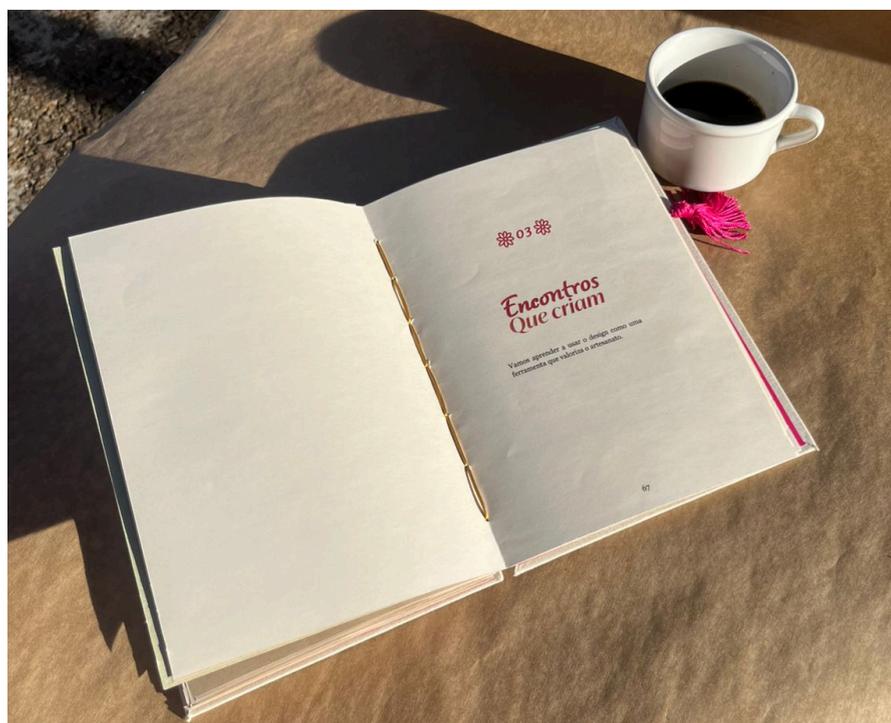
Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Figura 86. Livro finalizado.



Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Figura 87. Livro finalizado.



Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Figura 88. Livro finalizado.



Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Figura 89. Livro finalizado.



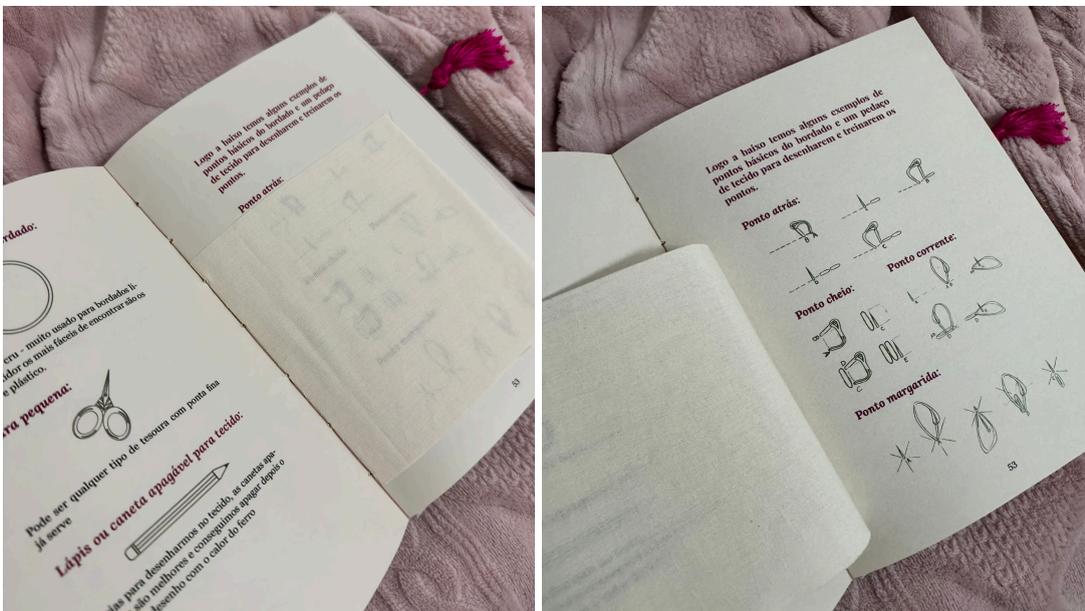
Fonte: Fotografia por Luana Leite.

Figura 90. Livro finalizado - costura e dobraduras.



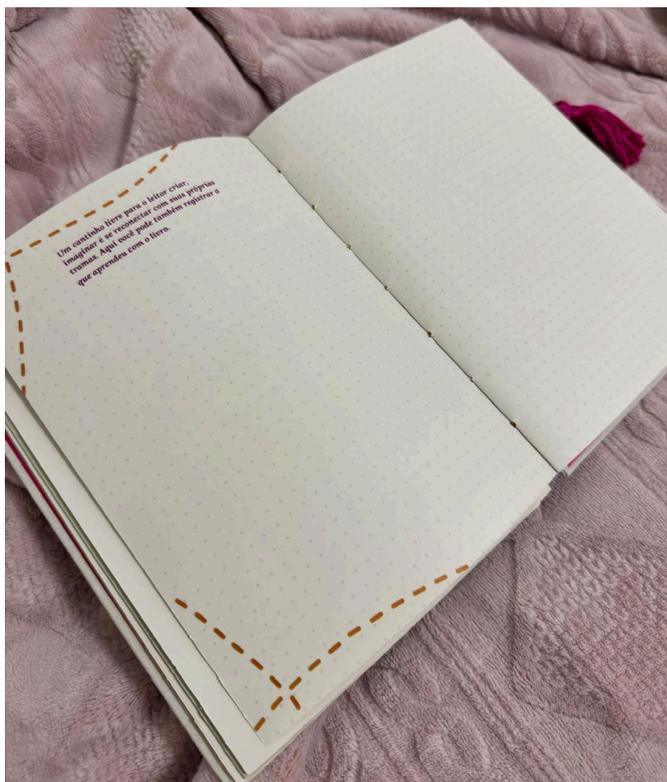
Fonte: Autoria própria.

Figura 91. Página com pedaço de algodão cru.

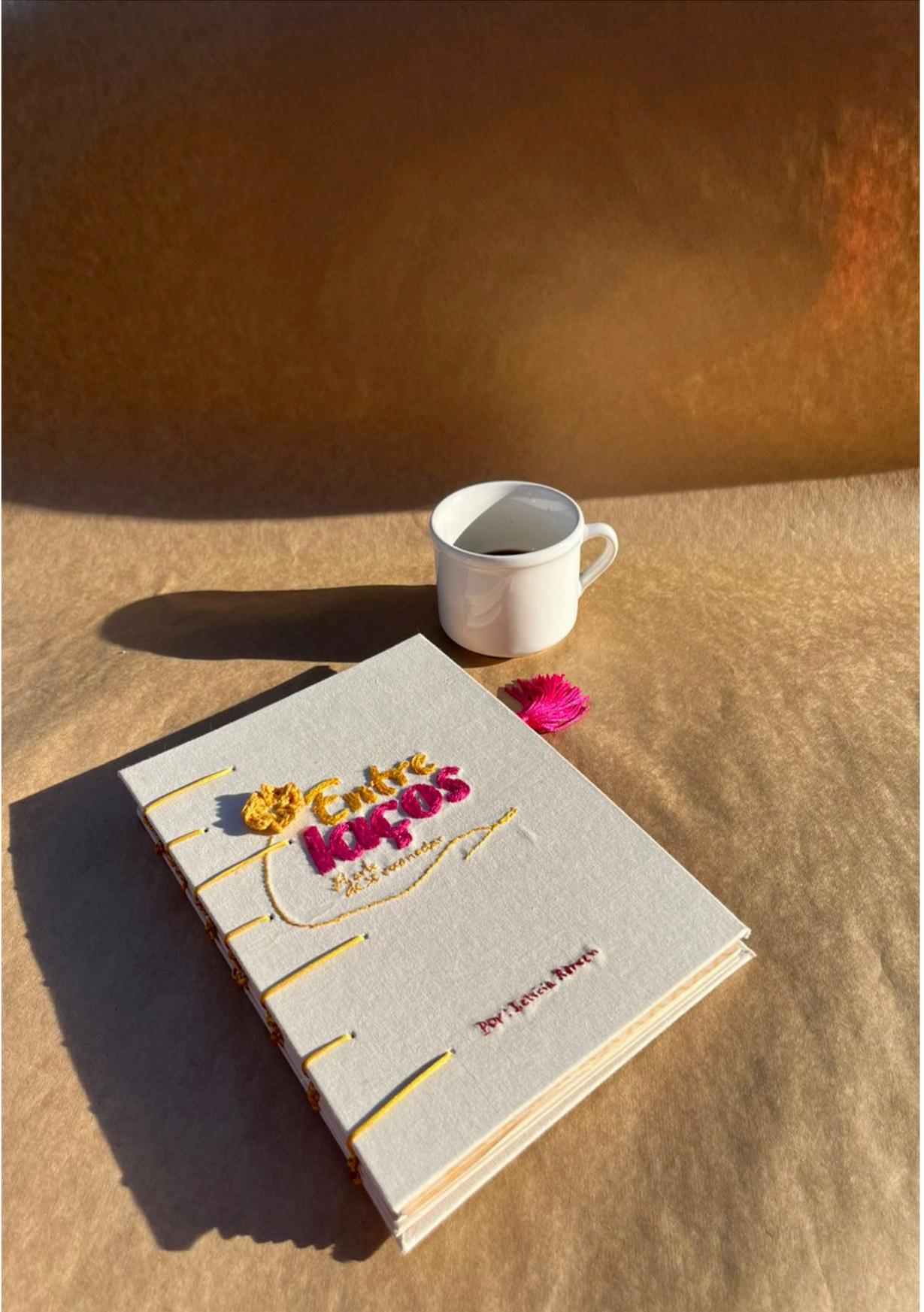


Fonte: Autoria própria.

Figura 92. Livro finalizado - local para anotações e criações.



Fonte: Autoria própria



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do livro “Entrelaços: A arte de se reconectar”, teve como principal objetivo utilizar o design como ferramenta de valorização do artesanato manual através de um projeto de livro-objeto lúdico, aproximando o leitor das técnicas e saberes populares que, muitas vezes, são esquecidos ou desvalorizados. A proposta partiu da intenção de reconectar as pessoas com a prática artesanal, criando laços afetivos com suas próprias histórias, com suas memórias e com outras gerações por meio do fazer manual.

O projeto foi estruturado de forma a proporcionar uma experiência sensível e acessível, tanto para quem está iniciando no artesanato quanto para quem já tem familiaridade com essas técnicas. Por isso, o livro apresenta conteúdos explicativos sobre bordado, crochê, costura criativa e decoupage, além de desafios práticos, cartas interativas e entrevistas com artesãs, que ilustram a importância social, cultural e econômica do fazer artesanal.

A conceituação teórica foi essencial para fundamentar todas as escolhas do projeto, desde o conteúdo até os aspectos gráficos e materiais. A pesquisa permitiu compreender a relevância do design como mediador de saberes e como agente de transformação social, cultural e afetiva. A produção manual do livro, incluindo a capa bordada, a costura copta, os papéis texturizados e as cartas coloridas com desafios, reforça os propósitos do projeto e transforma o livro em um objeto que convida à experimentação, ao toque e ao envolvimento emocional. Dessa forma, o “Entrelaços” não é apenas um produto editorial, mas uma ferramenta educativa, afetiva e simbólica. Ao reunir teoria, prática, memória e criatividade, o projeto buscou promover o artesanato como linguagem expressiva e como meio de autonomia e geração de renda.

Por fim, vale destacar que esse é um projeto com potencial de continuidade. A intenção é que ele tenha outras edições, sempre em pequena escala, acolhendo novos artesãos e técnicas em diferentes contextos. Assim, este trabalho representa não apenas uma conclusão de curso, mas o início de uma trajetória que pretende

seguir contribuindo para a valorização do artesanato e para o fortalecimento de redes de criação, ensino e partilha.

## REFERÊNCIAS

SANTANA, Maira Fontenele. **Design de superfície como ferramenta para a valorização do artesanato têxtil do povo Kariri-Xocó**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) – Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia, Universidade de Brasília, Planaltina, 2020. Disponível em: [http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/40378/1/2020\\_MairaFonteneleSantana.pdf](http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/40378/1/2020_MairaFonteneleSantana.pdf).

Acesso em: 10 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **História Contemporânea I – Aula 4**.

Disponível em:

[https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/08395302122015Historia\\_Contemporanea\\_I\\_Aula\\_4.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/08395302122015Historia_Contemporanea_I_Aula_4.pdf). Acesso em: 5 outubro 2024.

RODRIGUES, Ari. **As origens do artesanato e do Dia do Artesão. Rede Artesanato Brasil**, 18 mar. 2022. Disponível em:

<https://redeartesanatobrasil.com.br/2022/03/18/origens-do-artesanato/>. Acesso em: 15 fevereiro 2025.

MANIÒ. **Arte indígena brasileira: características e curiosidades**. Disponível em:

<https://www.manio.com.br/pages/arte-indigena-brasileiras>. Acesso em: 10 fevereiro 2025.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÂNIA. **Arte indígena. Conexão Escola SME**. Disponível em:

[https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino\\_fundamental/arte-indigena/](https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/arte-indigena/).

Acesso em: 18 março. 2025.

UOL EDUCAÇÃO. **Artesanato: cerâmicas, rendas e outros tipos de artesanato brasileiro**. Disponível em:

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/artesanato-ceramicas-rendas-e-outros-tipos-de-artesanato-brasileiro.htm>. Acesso em: 5 março 2025.

JORNAL USP. **Arte rupestre pode ajudar a entender como linguagem humana evoluiu**. Jornal da USP, 2020. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/arte-rupestre-pode-ajudar-a-entender-como-linguagem-humana-evoluiu/>. Acesso em: 20 abril 2025.

CASA VOGUE. **Qual a diferença entre artesanato, arte e design e como essas áreas se entrelaçam.** Casa Vogue, 2020. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Colunas/noticia/2020/08/qual-diferenca-entre-artesanato-arte-e-design-e-como-essas-areas-se-entrelacam.html>. Acesso em: 5 abril 2025.

SIGNIFICADOS. Arte. Disponível em: <https://www.significados.com.br/arte/>. Acesso em: 5 abril 2025.

FADC. 100 anos da Semana de Arte Moderna: o conceito de arte e suas formas de expressão. **Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.** Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/100-anos-da-semana-de-arte-moderna-o-conceito-de-arte-e-suas-formas-de-expressao>. Acesso em: 1 junho 2025.

VIVA BEM EM CASA. **O que é artesanato e arte?** Disponível em: <https://vivabememcasa.com.br/o-que-e-artesanato-e-arte/>. Acesso em: 1 junho 2025.

REDE ARTESANATO BRASIL. **Base conceitual.** Disponível em: <https://redeartesanatobrasil.com.br/2021/10/20/base-conceitual/>. Acesso em: 5 junho 2025.

PORTAL EDUCAÇÃO PE. **Artesanatos e culturas.** Disponível em: <https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2024/05/Artesanatos-e-Culturas.pdf>. Acesso em: 5 junho 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Especial LabSol: artesanato no Ano Internacional da Economia Criativa.** *Boletim de Referência Informativa*, 2021. Disponível em: <https://bri.ifsp.edu.br/index.php/informativos/2080-especial-labsol-artesanato-no-ano-internacional-da-economia-criativa>. Acesso em: 5 junho 2025.

FASHION REVOLUTION. **Artesãos do Brasil: pela valorização do legado sociocultural e histórico do fazer manual.** Disponível em: <https://www.fashionrevolution.org/artesaos-do-brasil-pela-valorizacao-do-legado-sociocultural-e-historico-do-fazer-manual/>. Acesso em: 5 junho 2025.

AGÊNCIA GOV. **Arte popular é o cartão de visita do turismo regional.** Disponível em:

<https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202403/arte-popular-e-o-cartao-de-visita-do-turismo-regional>. Acesso em: 5 junho 2025.

VOGUE. **Jum Nakao apresenta a coleção e filme Caelestis.** *Vogue Brasil*, 2024. Disponível em:

<https://voguemagazine.com.br/moda/noticia/2024/10/jum-nakao-apresenta-a-colecao-e-filme-caelestis.html>. Acesso em: 5 junho 2025.

ARTESANATO DA BAHIA. **Berimbau pintado.** Disponível em: <https://artesanatodabahia.com.br/vitrine/berimbau-pintado/>. Acesso em: 5 junho 2025.

CAPOEIRA DO BRASIL. **Origem do berimbau.** Disponível em: <https://capoeiradobrasil.com.br/instrumento/origem-do-berimbau/>. Acesso em: 5 junho 2025.

FUNAI. **Funai incentiva produção de artesanato por comunidades indígenas.** *Fundação Nacional do Índio*, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2021/funai-incentiva-producao-de-artesanato-por-comunidades-indigenas>. Acesso em: 5 junho 2025.

AGÊNCIA SEBRAE. **Obras de artista goiano decoram novela Terra e Paixão.** Disponível em: <https://go.agenciasebrae.com.br/cultura-empresaria/obras-de-artista-goiano-decoram-novela-terra-e-paixao/>. Acesso em: 5 junho 2025.

PARAÍBA. Portaria nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018. Dispõe sobre o **Programa do Artesanato Paraibano.** *Diário Oficial da Paraíba*, 2018. Disponível em: <https://pap.pb.gov.br/institucional/documentos-do-programa-do-artesanato-paraibano/portaria-no-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-imprensa-nacional.pdf>. Acesso em: 5 junho 2025.

BRASIL. Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015. Dispõe sobre a **atividade de artesão e os requisitos para a sua formalização.** *Diário Oficial da União, Brasília-DF*, 23 out. 2015. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13180.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13180.htm). Acesso em: 5 junho 2025.

BRASIL. Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995. **Regulamenta o Programa do Artesanato Brasileiro**. *Diário Oficial da União, Brasília-DF*, 1 jun. 1995. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1995/d1508.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1995/d1508.htm). Acesso em: 5 junho 2025.

PAULINAS WEB TV. **Reportagem – Arte Indígena**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YpMIFQe5teM>. Acesso em: 5 junho 2025.

CRAB SEBRAE. **Saberes e fazeres do artesanato goiano**. Brasília: Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro, 2020. Disponível em: <https://crab.sebrae.com.br/artesanato-brasil/artesanato-de-goias/goias/>. Acesso em: 6 junho 2025.

BRASIL. Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. **Dia do artesanato é celebrado com valorização e apoio do Ministério do Empreendedorismo**. 19 mar. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/memp/pt-br/assuntos/noticias/dia-do-artesao-e-celebrado-com-valorizacao-e-apoio-do-ministerio-do-empreendedorismo>. Acesso em: 6 junho 2025.

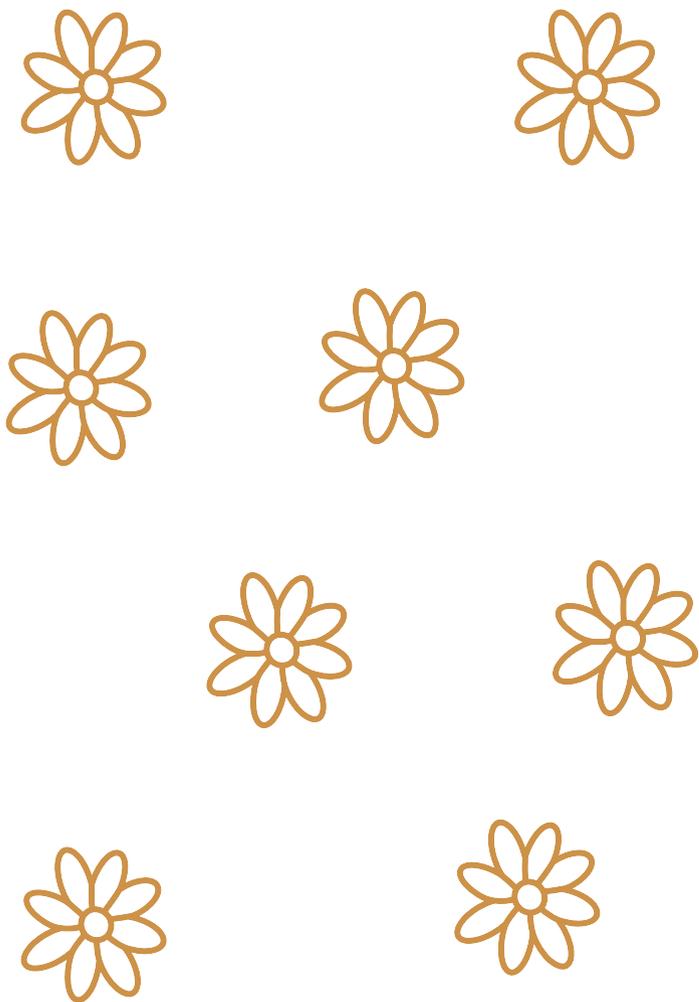
SOUZA, Denise Clementino et al. **Vozes femininas do barro: artesanato e gênero no Alto do Moura (Caruaru/PE)**. Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, João Pessoa, v. 29, n. 1, p. 117–139, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/65416/37433>. Acesso em: 7 junho 2025.

SILVA, Márcia Alves da. **Trabalhos de mulher: artesanato, gênero e educação**. *Educação & Realidade, Porto Alegre*, v. 37, n. 3, p. 885–901, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/jPjKVMtsYxWtXznnXM9tT4D/>. Acesso em: 7 junho 2025.



*Entre*  
**laços**  
*A arte de se reconectar*

**Por: Leticia Roncen**



## *Sumário*



 <b>CAPÍTULO 01 - FIOS DE MEMÓRIA</b> .....	<b>7</b>
 <b>CAPÍTULO 02 - TECENDO SABERES</b> .....	<b>49</b>
 <b>CAPÍTULO 03 - ENCONTROS QUE CRIAM</b> .....	<b>67</b>
 <b>CAPÍTULO 04 - ESPAÇO ENTRE NÓS</b> .....	<b>73</b>

## Querido leitor

A criação deste livro marca apenas o início de um movimento de valorização do artesanato. Dedico minha profunda gratidão à A.V, fundadora do ateliê Casa Tressê, e a todas as professoras, artesãs e alunas que compartilharam suas histórias, saberes e tempo, permitindo que este projeto ganhasse forma e sentido.

Cada uma de vocês representa a força criativa que mantém viva essa arte ancestral. Mas antes mesmo desse caminho começar, existiram duas mulheres que me mostraram, desde cedo, o poder de transformar fios em afeto: minhas avós. Com suas mãos habilidosas e vidas entrelaçadas pelo feito à mão, fizeram do artesanato não apenas um sustento, mas um modo de existir, ensinar e transmitir cultura.

Este livro nasce inspirado por elas — e é nutrido por todas vocês. Ele é, acima de tudo, um eco do que aprendi: que criar com as mãos também é um ato de memória, resistência e afeto

✿ 01 ✿

## *Fios de memória*

Um capítulo que conta histórias, trajetórias,  
vivências e raízes de mulheres artesãs.

## Vozes do artesanato

um espaço para que mãos e vozes conduzam o fio da narrativa

### UMA CONVERSA COM A.V - ARTESÃ, PROFESSORA E FUN- DADORA DA CASA TRESSÊ.

#### Quem é A.V?

Tenho 58 anos, nascida e criada em Goiânia. Apesar de ser formada em Engenharia Civil e ter trabalhado muitos anos com isso, minha verdadeira paixão sempre foi o artesanato. Desde criança me encanto com trabalhos manuais — e nunca parei. Hoje, além de bordar, fazer macramê, crochê e costurar, sou fundadora da Casa Tressê, um espaço criado para acolher, ensinar e conectar pessoas por meio do faz com as mãos.

#### Como tudo começou...

Minha história com o artesanato começou quando eu tinha uns 7 anos. Uma prima fazia pulseiras de macramê e me perguntou se eu queria aprender. Fiquei encantada! Logo comecei a fazer e vender para a família, depois para a escola. A partir daí, o artesanato nunca mais saiu da minha vida. Fiz curso de pintura em tecido, aprendi tricô, ponto cruz — esse aprendi sozinha, errando muito e comprando muitas revistas. Na gravidez, bordei todas as lembrancinhas da maternidade. Sempre inventando algo. Cheguei a dar muitas aulas de scrapbook também. Depois, mergulhei

#### Como nasceu a ideia da Casa Tressê?

Foi um lindo presente do meu marido. Trabalhei 15 anos na Assembleia Legislativa, mas já não queria mais aquele ambiente. Um dia, no almoço de aniversário do meu marido, ele me disse: “Tá vendo essa casa da frente? Comprei pra você montar seu ateliê.” Fiquei sem palavras. Entrei na casa e, mesmo sendo escura e fechada, enxerguei tudo aberto, iluminado — como é hoje. Quando meu pai veio a falecer, ele deixou um dinheiro para eu montar um ateliê de scrapbook. Resolvi fazer mais: um espaço de artesanato completo. Um arquiteto que trabalhava comigo me ajudou a transformar tudo. Queria que quem passasse

na rua sentisse vontade de entrar. Que parecesse casa de vó, acolhedora, gostosa. E assim nasceu a Casa Tressê, em março de 2020.



#### Qual é a proposta da Casa Tressê?

A Casa Tressê não é uma escola profissionalizante. É um lugar para desligar a mente, aprender algo novo e estar com outras pessoas. Durante a pandemia, isso fez ainda mais sentido. Estávamos todos isolados, e ali surgiu um espaço de troca, de conversa, de aconchego. No início comecei a dar aula e contratei uma professora de costura. Com o tempo, fomos ampliando para outras técnicas.

### ***Você sempre quis ensinar?***

Gosto muito de ensinar. Comecei a ser professora quando abri a Casa Tressê, inclusive esse ano fizemos 5 anos desde que abri esse espaço. Não vendo muitas peças hoje — até porque não tenho tempo nem gente pra isso. Prefiro fazer modelos para mostrar o que é possível criar. Sempre gostei de ver o brilho nos olhos de quem aprende. Ver uma aluna dizendo “eu consegui fazer isso” é uma alegria sem igual.

### ***Como é o seu processo criativo?***

Vejo uma peça na internet e fico pensando: “Como será que foi feita? Será que consigo?” E aí começo a desenhar, adaptar, experimentar, sempre tentando alguma coisa.

### ***Quais são os grandes desafios?***

Trabalhar com clientes pode ser complicado. Tem gente que não entende o valor, o tempo, o carinho envolvido. Mas aqui, na Casa, é diferente. A proposta é outra. E percebo que quem não tem essa mesma energia, simplesmente não permanece. Existe uma troca ali que precisa ser verdadeira.

### ***Você já teve alguma dificuldade em vender suas peças?***

Sempre fui boa em vender e cobrar! [risos] Eu mesma falava: “Tia, tô te mandando a pulseirinha, pode ir me pagando que quando ela chegar aí o dinheiro já chegou aqui!” Mas, sinceramente? Prefiro ensinar. É mais gratificante ver alguém descobrindo que é capaz.

### ***O que te motiva a continuar?***

O prazer de fazer. A curiosidade de saber se consigo. Gosto de tentar. Não tem uma técnica que me deixa parada. Quero sempre aprender, testar, ir além. Tudo começa com o querer. E se você quer, você aprende. É só praticar.

### ***Como você imagina o futuro do artesanato?***

Acho que o artesanato está vivendo um momento lindo. Estamos vendo grandes marcas valorizarem técnicas manuais, trazendo o feito à mão para os desfiles, para o design. É algo que sempre mereceu valor, mas que por muito tempo foi deixado de lado. O artesanato é detalhe, é processo, é tempo. Não é uma máquina que faz cinquenta peças iguais, e sim algo manual pensado em cada detalhe, onde cada peça é única.

### ***Que conselho você daria para pessoas que querem começar no artesanato?***

Comece. Vai mudar sua vida. É terapêutico, é transformador. Muitas alunas me dizem: “Por que eu demorei tanto pra começar?” E é isso. Só quem faz, quem recebe um elogio sincero por algo feito à mão, entende o valor que isso tem. Não tem preço.

**“Respiro artesanato”.  
“Minha vida é isso. É o que me move.  
Quando chego em casa, não ligo uma  
televisão, pego um bordado e penso  
em criar”.**

*-Vozes do artesanato*

## **ENTREVISTA COM A P.T - ARTESÃ E PROFESSORA DE CROCHÊ.**

### **Quem é P.T?**

Tenho 36 anos, sou de Bela Vista de Goiás, mas moro em Goiânia desde os dois anos de idade. Apesar de ser formada em Tecnologia da Construção de Edifícios, minha paixão sempre foi o manual, o famoso “faça você mesma”. O artesanato sempre me atraiu, e foi nele que me encontrei profissionalmente a partir de 2017.

### **Como tudo começou...**

Minha história com o crochê começou bem cedo, aos 9 anos. Antigamente tinha uns programas do governo que ofereciam atividades após as aulas — foi ali que aprendi crochê. Mas antes disso, minha madrastra já tinha me ensinado ponto cruz. Eu bordava toalhinhas e até hoje uma tia-avó guarda algumas dessas peças que fiz quando era criança. Eu adorava as aulas de arte na escola e sempre fui aquela aluna que preferia decorar do que participar das feiras e festas da escola.

### **O que mudou?**

Eu e meu marido estávamos reformando nosso apartamento e me deparei com um vídeo ensinando a fazer uma capa de puff com carretel de fios. Fui atrás de todos os materiais, mas... nunca fiz o puff [risos]. Porém, ali nasceu algo. Comecei a fazer crochê com fios finos, mas era tudo muito demorado — dias para fazer uma peça. Quando conheci o fio de malha, minha

vida virou. Fiz um cesto em 30 minutos! Aquilo foi uma revolução pra mim. A partir dali fui experimentando materiais, ganhando prática e otimizando o tempo.

### **Quais são os grandes desafios?**

A maioria vai dizer que é a desvalorização — e é mesmo. Mas acredito que isso começa dentro da gente. A dificuldade de se valorizar, de saber falar com segurança sobre o nosso trabalho... isso impacta muito. Quando não temos esse embasamento, fica mais difícil mostrar para o outro o real valor da peça. Ter base, tempo calculado, materiais... isso ajuda muito na hora de precificar. Sempre falo: no mínimo, dois salários mínimos pra considerar um trabalho sério. Quando a pessoa entende o tempo que você gastou ali, ela começa a valorizar de verdade.

Além disso, às vezes fico insegura se estou ensinando certo. Por exemplo, quando minhas alunas demoram pra concluir uma peça, fico pensando: “Será que estou sendo

clara? Será que estou ensinando bem?” Uma vez, em uma aula da Casa Tressê, elas estavam fazendo uma bolsa minha, que normalmente leva 12h de produção. Achei que quatro aulas seriam suficientes, mas cada aluna tem seu ritmo — e muitas nem fazem para vender. Então entendi: o tempo delas é outro,

### **O que o artesanato representa pra você?**

Liberdade. Desde 2017, ele é minha principal fonte de renda. Comecei vendendo peças, depois dei aulas, produzi acessórios de bolsas, abri ateliê e viajei muito dando cursos — São Paulo, Brasília, Uberlândia... até expus na Mega Artesanal em 2019. A pandemia mudou muita coisa. Com ela, vieram mais alunas, mais vendas de acessórios, mas também mais desafios. No fim de 2021, engravidei, e em 2022 minha filha nasceu com trissomia 21. As demandas com ela são altas, então hoje preciso de flexibilidade. E o artesanato me dá isso. Posso ajustar

meus horários, dar aulas online, estar com minha filha. Se eu trabalhasse fora o dia todo, não conseguiria.

### **Você tem algum jeito especial de ensinar o crochê?**

Sim! Sempre que vamos começar um trabalho com correntinhas, já aviso: vamos pegar na terceira alcinha, na-quele “cocuruto” da alcinha de trás. Pode parecer engraçado, mas é assim que elas entendem na hora (risos). Gosto de ensinar de um jeito leve, com termos que façam sentido no dia a dia. E sou apaixonada por crochê harmonioso, que tenha propor-

### **E o que te motiva a continuar?**

Criar. Sem dúvida. Pensar em algo e ver aquilo tomando forma é muito gratificante. Gosto de pensar em soluções, em como algo pode ser feito, mesmo que não seja crochê. Em casa mesmo já fizemos um guarda-roupa para a minha filha, o aniversário dela também, gosto de fazer isso. Criar me move. Sempre tem uma ideia nova aqui na cabeça.

ção certinha, sabe? Nada fora do lugar!

### **Como é o seu processo criativo?**

Sou muito metódica. Gosto de categorizar, organizar tudo. Minhas peças sempre têm formas que se encaixam, partes que se unem direitinho. Contagem de pontos? Tem que estar certa! Isso vem muito da minha personalidade, e acaba se refletindo no que eu crio. Até quando não é crochê, eu estou criando. Em casa, fui eu que fiz o guarda-roupa da minha filha, a gente pinta as paredes, monta os móveis. Tudo feito por nós! Amo ver uma ideia tomando forma.

## **Como foi sua experiência ao entrar na Casa Tressê?**

Mudou tudo! Fiquei quase dois anos tentando vender um curso online, investi em uma plataforma de lançamento, mas as coisas não fluíam. Foi só quando comecei a dar aulas presenciais na Casa Tressê que tudo começou a caminhar mais naturalmente. E isso tem muito a ver com o prazer que senti ao voltar a ensinar. Quando a gente faz algo com prazer, tudo flui de forma mais orgânica. Mesmo com foco nas aulas, acabei recebendo encomendas, e virou quase um ecossistema.

## **Que conselho você daria para pessoas que querem começar no artesanato?**

Nós mulheres temos uma coisa chamada síndrome da impostora. E nós, mulheres, sentimos isso com muita força. Fazemos mil coisas, mas não damos valor. Achamos que é só obrigação. **O artesanato é diferente, ele te dá uma prova concreta de que você realizou algo com as próprias mãos.** É uma conquista visível. Além disso, precisamos ter um hobby, algo que seja nosso, um tempo só nosso. O artesanato pode ser esse espaço de realização e autocuidado.

## **O que você imagina para o futuro do artesanato?**

Acho que estamos num momento lindo de resgate. As pessoas estão valorizando mais, olhando para trás, pras tradições. E isso é importante! Só que também acho que não dá pra voltar no tempo. A ideia é modernizar o tradicional. É como misturar o ontem com o hoje. Dá pra manter a tradição e evoluir ao mesmo tempo.

**"O artesanato é o caminho para muitas mães estarem próximas dos filhos e ainda assim trabalharem"**

## ENTREVISTA COM A.P - ARTESÃ, PROFESSORA DE DECOUPAGE E ENCADERNAÇÃO.

### Quem é A.P?

Tenho 58 anos e sou de Goiânia, apesar de já ter morado em Campo Grande e Brasília. Sempre fui apaixonada por trabalhos manuais. Hoje sou professora de decoupage e encadernação na Casa Tressê, onde compartilho essa paixão com outras pessoas.

### Como tudo começou...

Estudei no Colégio Hugo de Carvalho, um semi-internato, onde além das disciplinas comuns, também tínhamos aulas técnicas. Foi ali que aprendi a desenhar, algo que me encantava profundamente. Meu pai também adorava desenho, e acho que herdei esse gosto dele. Mais tarde, cheguei a abrir uma marca de camisetas serigrafadas, tra-

balhando por um tempo com isso.

Em 2012, quando estudava Filosofia, conheci a decoupage por meio de uma colega de turma que tinha um ateliê. Resolvi fazer o curso para ensinar minha mãe, que sempre gostou de artesanato. Infelizmente, ela faleceu antes que eu pudesse mostrar o que aprendi. Fiz algumas caixas enquanto ela ainda estava adoentada, mas foi só algum tempo depois que o artesanato se tornou parte real do meu dia a dia.

Quando minha filha precisou fazer uma cirurgia e ficou em repouso por 45 dias, recebemos de presente um kit de decoupage enviado pela tia dela de Belo Horizonte. Eu disse: “Vamos fazer juntas”. Ela tinha 9 anos na época, e aquilo foi um momento de conexão muito especial. A partir daí,

nunca mais parei. No começo, fazia para dar de presente, até que minhas amigas começaram a pedir para comprar.

### Como você chegou até a Casa Tressê?

Foi por meio da minha amiga Lili, que me conhece há muito tempo. No final de 2024, ela me falou sobre a Casa Tressê e disse: “Você precisa conhecer esse lugar, você vai gostar muito”. Quando voltei de viagem, fui a uma reunião com a diretoria e levei algumas caixas para mostrar meu trabalho. A A.V gostou muito e, como eu viajaria em janeiro, começamos as aulas em fevereiro de 2025. Desde a primeira aula, já ofereci um kit para iniciantes e oriento onde encontrar os materiais. Gosto de deixar tudo acessível e acolhedor.

### O que o artesanato representa pra você?

O artesanato é uma terapia ocupacional. É uma forma de se desligar do mundo. Quando você está pintando, colando, criando, precisa estar 100% focada — e isso faz com que a mente descanse. É como uma pausa na correria do dia. Às vezes, quando termino uma aula ou uma peça, me sinto até mais disposta para encarar problemas que antes pareciam pesados.

### Qual é o seu diferencial?

Com o tempo, fui desenvolvendo meu próprio estilo. Tenho uma técnica de pintura com os dedos que dá um efeito muito bonito nas peças, e também gosto de colocar pezinhos de EVA nas caixas, o que dá um acabamento especial. Tenho uma enorme caixa plástica cheia de guardanapos — e quando digo cheia, é cheia mesmo! São guardanapos que coleciono de viagens: de Curitiba, da Itália, de Orlando... onde eu vou, procuro algo diferente para trazer. Meus guardanapos são organizados em pastas por estampas. Adoro buscar o que não se encontra facilmente aqui em Goiânia. Acho que esse cuidado com os detalhes é o que torna o artesanato tão especial.

### **Como é ensinar?**

Ensinar virou uma paixão. Gosto de juntar as alunas iniciantes com as mais avançadas, porque acredito na troca. Mas sempre dou atenção especial para quem está começando. Explico tudo com calma, sem pressa, de forma que todas se sintam acolhidas.

### **E os desafios?**

Um dos maiores desafios é a valorização do artesanato. Quem não conhece o processo, o tempo e o carinho envolvido, muitas vezes desvaloriza. Já vi gente pedindo desconto em peças feitas à mão — e isso me dói. Acho um insulto com quem se dedica tanto. Uma peça artesanal não é comparável a algo feito em série por máquinas. Cada detalhe importa, cada técnica exige estudo e prática.

Por isso, costumo dizer: se for colocar uma peça artesanal na sua casa, não misture com itens industrializados. Separe. Dê a ela o destaque que merece.

### **Como você vê o futuro do artesanato?**

Acredito que o futuro do artesanato é promissor. **Estive recentemente em Ancona, na Itália, e vi um cartaz que dizia: “Aqui as coisas são feitas à mão. E enquanto forem feitas à mão, as pessoas vão tendo aquela alegria de viver”.** Aquilo me tocou profundamente. O artesanato une as pessoas. Quando estamos reunidas em aula, há risos, histórias e trocas verdadeiras. Esse convívio é precioso.

Mas quem valoriza o trabalho à mão é quem conhece o trabalho que dá, quem valoriza o artesanato, valoriza também o tempo, a dedicação e a beleza de fazer algo com as próprias mãos. Já vi pessoas desvalorizando o trabalho manual pedindo desconto nas peças, isso é um insulto para o artista. Minhas clientes, por exemplo, geralmente nem perguntam o preço, porque isso não importa, já sabem o valor agregado nas minhas peças — às vezes pagam até mais do que eu cobro, porque enxergam o que está por trás de cada criação.

**“O artesanato é minha terapia,  
meu refúgio.”  
“Quando você faz algo com as  
mãos, você esquece do mundo.”**

*-Vozes do artesanato*

## ENTREVISTA COM A M.R – ARTESÃ E PROFESSORA DE COSTURA CRIATIVA

### Quem é M.R?

Moro em Goiânia, mas nasci em Pires do Rio. Mudei de lá quando me casei, e já faz quase 31 anos que trabalho aqui em Goiânia. No começo da minha trajetória profissional, fui estagiária na Caixa, mas tinha feito magistério e meu sonho era ser professora. No entanto, acabei desistindo por alguns motivos. Foi quando engravidei da minha filha que o artesanato entrou de vez na minha vida: comecei a fazer a maternidade dela e aprendi ponto cruz. Depois vieram as bonecas de pano e, com o tempo, cheguei na costura criativa técnica que trabalho até hoje.

### Como tudo começou...

Digo que o trabalho manual já estava no meu sangue. Minha família toda trabalha com trabalhos manuais, minhas tias costuram, fazem crochê, minha mãe também fazia e cresci vendo tudo isso. Quando comecei com o ponto cruz, fui testando técnicas, aprendendo o que aparecia pela frente. **A costura criativa me encantou porque é cheia de possibilidades.** Já costurei de tudo um pouco! E, mesmo pensando em definir um nicho, percebi que precisava atender diferentes pedidos, porque meus clientes pedem produtos diferentes.

### E como o artesanato te ajudou pessoalmente?

O artesanato é meu refúgio. Tem dias que estou estressada, e eu sento na minha máquina e me acalmo. Me traz paz. Além disso, é a minha fonte de renda, e isso me dá independência financeira e emocional. O ser humano precisa fazer algo com as mãos, não dá pra focar só em uma coisa o tempo todo a mente precisa de respiro.

### Como você começou a dar aulas?

Já dava aulas antes, inclusive comecei na Zigue-Zague. Mas um dia recebi uma mensagem da Ana (fundadora da Casa Tressê) e fui conhecer o espaço. Já tinha ouvido falar, mas nunca tinha ido. Quando entrei na casa, me encantei com o lugar e me senti acolhida. Foi no final de 2024. Conversamos e, no início de 2025, comecei a dar aulas por lá. As alunas adoraram e já pedem mais dias de aula! [risos]

### Qual é a proposta das suas aulas?

As alunas escolhem a peça que querem fazer e ensino tudo, sem esconder nada. Mostro o jeito que eu faço, mas incentivo que elas se adaptem e descubram o próprio caminho. O legal da costura criativa é isso: a liberdade de experimentar. Às vezes, as próprias alunas descobrem um jeito melhor de fazer — e eu falo: “pronto, é assim então!”. Cada peça é única. O artesanato é afeto, e carinho.

### Você sente que tem uma missão com isso?

Com certeza. Tenho um canal no YouTube e um Instagram onde ensino muito por lá e recebo mensagens emocionantes. Uma vez, uma pessoa disse: “Mônica, com seus vídeos, me curei de uma depressão.” Já ouvi de uma aluna: “**Você é o que você é.** Verdadeiro amor chega assim na pessoa, e sendo você, ajudou

alguém.” Isso me emociona demais.

Uma vez, fui dar um curso na Artesanal Centro-Oeste, e uma moça me pediu para gravar um vídeo para o sobrinho de 12 anos que adorava assistir meus vídeos — mesmo sem Instagram, ele pedia para ver pelo celular da mãe. Aquilo me tocou. A gente faz os vídeos sem imaginar onde eles vão chegar.

### **E os desafios no caminho?**

O maior desafio pra mim é a precificação. Muitas pessoas pedem desconto e não entendem tudo o que está envolvido: material, mão de obra, energia, internet, tempo. Com o tempo, fui aprendendo a valorizar meu trabalho. Hoje faço as contas e digo: “É esse o preço.” Porque se a gente cede, acaba desvalorizando demais. É um aprendizado constante. E claro, tem os comentários negativos nas redes, mas hoje filtro o que é bom e sigo focada. No começo me afetava, mas aprendi que o problema não está em mim.

### **Como é o seu processo criativo?**

Tento de tudo, gosto de experimentar, costura criativa tem muitas possibilidades, é tentando e descobrindo novas formas, porque nada fica exatamente igual, o artesanal é único, cada peça tem um diferencial porque é feita por uma pessoa, não por uma máquina. Nunca paro de aprender. Sempre surge uma técnica nova na costura e estou sempre curiosa. O artesanato é afeto, e carinho, receber um presente artesanal é muito bom.

### **Como você se sente ao ver o reconhecimento do seu trabalho?**

Quando uma cliente diz “nossa, era tudo o que eu precisava”, me dá uma alegria imensa. Às vezes faço a peça

até com dúvida, pensando “será que a pessoa vai gostar?”, mas quando vem um elogio sincero, tudo vale a pena. É uma satisfação gigante.

### **Como você vê o futuro do artesanato?**

Acredito que o artesanato cresceu muito nos últimos anos e continua crescendo. Não só a costura, mas também o crochê, o macramê... Já vi estudos mostrando como ele ajuda pessoas com Alzheimer, na coordenação motora e na memória. Precisava ser mais incentivado, especialmente nas escolas. Quando eu era criança, estudava de manhã e à tarde aprendia bordado e costurava em feltro com as freiras. Hoje isso sumiu, falta incentivo do governo, o artesanato pode transformar vidas, ser uma profissão, ajudar famílias, precisava ser mais valorizado.

### **Que conselho você daria para pessoas que querem começar no artesanato?**

Primeiro tem que querer e gostar de trabalhos manuais, seja o que for, tem que gostar e se dedicar. Quanto mais você pratica, mais a peça melhora e mais você cresce. Segundo você não vai aprender de primeira, no início as costuras ficam tortas e é normal, no início não conseguimos fazer perfeito, temos todo um processo, faz parte, tudo é assim. Muitas vezes nos tornamos tão críticos nos nossos

processos, depois que termino uma peça fico parece que não to gostando, aí vou mostrar para os meus filhos, eles falam mãe mas tá perfeita essa peça, isso é coisa da sua cabeça, meu filho fala “mãe tem hora que parece que você não tá confiando no seu serviço”, porque fica aquela dúvida, mas com persistência da tudo certo. Tem que ir testando, já fiz tricô, mas não me identifiquei, já fiz pintura também na maternidade das freiras, se for pra fazer eu gosto, mas não é minha paixão igual a costura.

**“O artesanato representa pra mim  
um refúgio.”**  
**“Quando você entrega amor, a pessoa  
que se identifica, ela vai.”**

*-Vozes do artesanato*

## **ENTREVISTA COM D.B - ARTESÃ E PROFESSORA DE BORDADO.**

### **Quem é D.B?**

Sou natural do interior do Estado de São Paulo — Santa Paz. Morei lá até uns 18 anos, depois fui fazer faculdade na USP de Ribeirão Preto em enfermagem e de lá fiquei por muitos anos, virei professora na faculdade. Me casei, meu marido também era enfermeiro e professor da federal de Uberaba. Quando decidimos ter filhos, percebi que filho com pai na estrada não dava certo. Então saí do meu emprego como professora na USP e fui para Uberaba, mas lá meu contrato era muito precário. Prestei concurso para a federal de Goiânia na UFG, passei, e desde 1995 estamos morando aqui.

Sou filha de uma modista que me inspira até hoje, mesmo não estando mais aqui des-

de 2011. Minha mãe foi meu guia, ela tinha uma loja de vestidos de noiva e para festa, trabalhava também para uma marca e revendia com exclusividade na cidade. Era uma artista, fazia qualquer tipo de roupa, mas o ramo dela era vestido de noiva e vestido de festa. Com ela, aprendi a bordar, colocar pérolas nas rendas das noivas... fui muito contaminada pelo trabalho manual.

## Como tudo começou...

Mesmo com toda essa influência, eu sempre tinha na cabeça que queria ser enfermeira, por causa da minha bisavó. Trabalhei na USP e, mesmo lá, fazia tiaras bordadas com pedrarias, a experiência com os bordados das noivas e vestidos de festa me ajudou, vendi muita coisa. Com o tempo, a universidade foi me exigindo mais: fiz doutorado, virei professora titular, assumi muitos cargos. Trabalhei muito em excesso. Por essa razão, planejei minha aposentadoria: quando completasse 35 anos de trabalho, aos 55 anos, eu sairia. Uns três anos antes de me aposentar, comecei a fazer crochê para um projeto de caridade. Lembrei do cro-

## E como o artesanato te ajudou pessoalmente?

Quando me aposentei, muita gente achava que eu ia adoecer. Diziam: “Você chegou no mais alto cargo que um professor pode ter. Como que, de repente, vai parar tudo isso?” Falavam que eu ia ficar maluca, mas eu tinha isso muito claro na cabeça. Foi quando comecei a frequentar um grupo que se chamava “Vamos Bordar na Praça”. As bordadeiras se reuniam em praças ou cafés e cada uma levava seu bordado. A partir desse contato, fiz um curso com as Matizes Dumont, uma família mineira

chê para fazer biquinhos nos enxovais de bebê doados às maternidades públicas. Aí gostei, comecei a fazer pano de prato, e minhas amigas da faculdade começaram a encomendar. Eu ia para as reuniões pesadas da pós-graduação com meu crochê do lado. Vendia muito pano de prato com biquinho, coisas simples e bem feitas.

Depois, comecei a ter Lesão do Esforço Repetitivo (LER) de tanto fazer crochê. Tinha uma ex-aluna enfermeira em Brasília que postava fotos dos bebezinhos prematuros sem toquinha, e comecei a fazer toucas. Fazia 100 toucas não me conformava com pouco. Fiz toucas para o Hospital Araújo Jorge, mandei para o Rio Grande do Sul, sempre me ocupando com o artesanato.

de bordadeiras de Belo Horizonte que roda o Brasil ensinando a técnica delas, o bordado livre.

O curso foi incrível, com alongamentos, poesias e partilhas. No final, tínhamos que mostrar o bordado feito, escolher um risco e contar sobre o processo, quando falei do meu bordado, senti minha mãe se aproximar de mim. **Ela já havia falecido, mas ali eu senti: “Ela veio aqui e está me acompanhando nesse momento.”** Foi aí que pensei: “Acho que encontrei, de fato, o que quero fazer para o resto da minha vida.”

## Como você se aprofundou no bordado?

Depois desse curso, me aprofundi. Fiz todo tipo de curso que aparecia. Conheci bordadeiras incríveis, e entre elas, Cici, que foi um divisor de águas para mim, vi que meu estilo era justamente não ter traço, Isso me libertou, foi ali que eu entendi que cada um tem sua assinatura, muita gente hoje vira e fala das minhas peças que é a minha cara, vejo que isso sou eu, não é só o traço, tem a forma como combino as cores e minha mãe está 100% nesse processo, ela tinha um bom gosto incrível, **um dia meu filho perguntou “mãe o que você está fazendo?” Eu disse “Tô conversando com o bordado e ele está conversando comi-**

go”, porque ele tá me falando o que é pra mim colocar aqui agora, essa peça eu não faço ela direto, não risco tudo, é muito legal isso de criar, eu não faço desenhos completos igual tem em um livro e minhas alunas acabam aprendendo isso comigo também e acho isso maravilhoso porque elas também podem criar e isso que acho muito incrível, rapidinho a gente consegue ali consertar um trabalho e as alunas ficam surpresas, mas são aprendizados que vamos descobrindo com o tempo.

## Como você começou a dar aulas?

Bordei tanto que já não tinha onde guardar minhas peças, então conheci uma pessoa do ateliê Jujulinha que dava aulas e comecei a levar meus

bordados lá, ela me incentivou a transformar em bolsas e fui aprendendo cada vez mais. Um dia ela me perguntou se eu queria ensinar bordado e assim comecei a dar aulas. Com o tempo a loja fechou porque ela se mudou e lá conheci a A.V, ela decidiu comprar os equipamentos e montou a Casa Tressê, só que logo em seguida veio a pandemia e eu fiquei só em casa e produzi bastante. Depois da pandemia voltei a dar aulas na Casa Tressê, onde estou até hoje, também vendo algumas peças e receber encomendas, isso preenche minha vida e me faz muito feliz. *Ver as pessoas gostando do meu trabalho me alimenta por dentro, me realizei tanto com isso, me sinto orgulhosa e penso nas coisas que sou capaz de fazer, hoje tenho peças em vários lugares do mundo, uma amiga e cliente leva sempre minhas criações para presentear no exterior. Já cheguei até o Japão, Canadá e em muitos outros lugares com o bordado.*

### **Como é ensinar?**

Nunca deixei minha essência de professora, era professora da área da saúde mental, na psiquiatria, e isso me ajuda muito. Cada aluno tem um ritmo, quando alguém nunca bordou, tento adaptar o ensino até ela conseguir. Algumas travam na técnica, outras têm mais facilidade, já chegam com capricho mesmo nas primeiras aulas. Ser da saúde me ensina a ter paciência e a perceber quando alguém precisa de mais atenção. Cada pessoa tem uma necessidade, e saber lidar com isso faz toda a diferença na sala de aula.

### **Que conselho você daria para pessoas que querem começar no artesanato?**

É preciso ter vontade e não ter medo de errar. O erro faz parte do processo e não existe bordado perfeito, cada peça tem sua beleza. Algumas pessoas alcançam uma precisão incrível, mas isso não deve ser uma exigência. O importante é aproveitar o momento, en-

tender que o artesanato pode ser uma companhia, algo que te acalma. Você pode levar pra qualquer lugar, personalizar coisas pra si mesma ou presentear alguém querido, o mais importante é não desistir no começo.

### **Como você vê o futuro do artesanato?**

Acredito que o artesanato nunca vai morrer, o bordado, por exemplo, está em alta e precisa apenas de mais incentivo. Mesmo com a tecnologia, o valor do feito à mão permanece, como no caso do sashiko, que nasceu da necessidade e hoje é uma arte mundial. *Se houvesse mais projetos para crianças, como os que já tivemos na Casa Tressê, veríamos esse saber sendo preservado desde cedo. O artesanato é também autonomia, ensinei meu filho a costurar o básico, pregar um botão, consertar um furo, em casa ele tem um kit de costura para emergências. As pessoas deveriam aprender ao menos isso.*

**“Minha mãe foi meu guia.”  
“Acho que encontrei, de fato, o  
que quero fazer para o resto da  
minha vida.”**

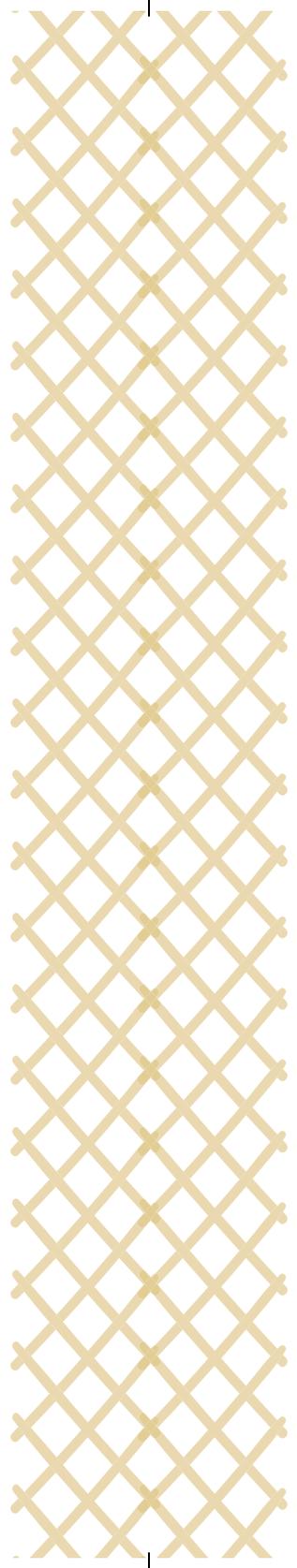
## *Catálogos*

**Vamos conhecer as lindas peças produzidas  
pelas vozes do artesanato?**



**Peças da artesã A.V.**

*Peças da artesã A.V.*



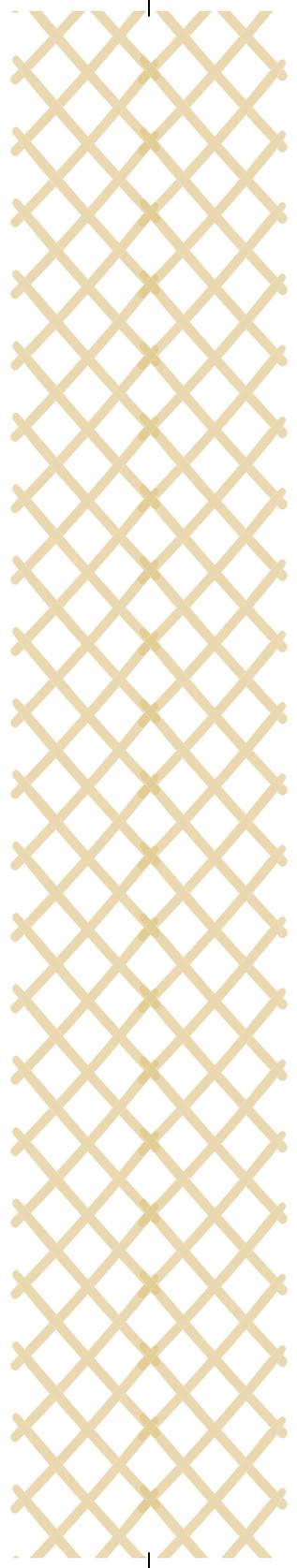
*Peças da artesã P.T.*

Abra aqui.

Peças da artesã P.T.



Peças da artesã A.P.



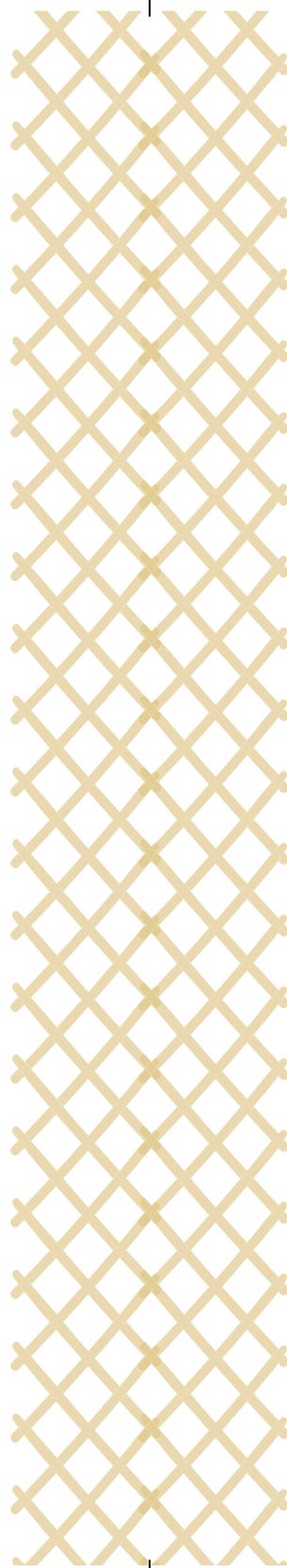
Peças da artesã A.P.

**Abra aqui.**



**Peças da artesã M.R.**

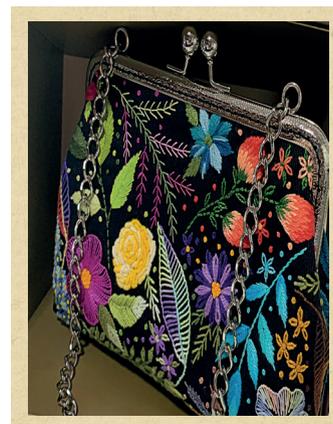
Peças da artesã M.R.



Peças da artesã D.B.

Abra aqui.

Peças da artesã D.B.



# *Depoimentos*

O que as alunas falam da Casa Tressê?

*Abra a dobradura ao lado para ver os depoimentos*

✿ 02 ✿

## *Tecendo Saberes*

Nesse capítulo vamos aprender técnicas e materiais básicos para fazermos alguns artesanatos.

## *Técnicas e materiais*

**Aqui o fazer ganha forma: pontos, linhas, texturas e mãos em movimento.**

### ***Vamos explorar os materiais?***

Mostrarei somente materiais mais fáceis para quem está começando nas técnicas manuais, que veremos a seguir.

## **COMEÇANDO PELO BORDADO**

**Para iniciarmos nossos aprendizados básicos no bordado vamos precisar de alguns materiais fáceis de encontrar, logo abaixo temos uma lista explicando cada um.**



### ***Agulha de costura:***



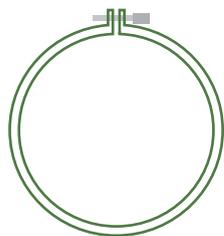
Essa agulha é usada para costura à mão e usamos no bordado livre, ideal para os pontos que vamos aprender.

### ***Linhas de bordado:***



Temos alguns tipos de linhas, mas para iniciarmos a que vamos mais usar é as famosas linhas de meada conhecidas também como linha de algodão mouliné. Possuem diversos tipos de cores.

### Tecidos e bastidor de bordado:



Tecido algodão cru - muito usado para bordados livres. Já o bastidor os mais fáceis de encontrar são os de madeira e plástico.

### Tesoura pequena:



Pode ser qualquer tipo de tesoura com ponta fina já serve

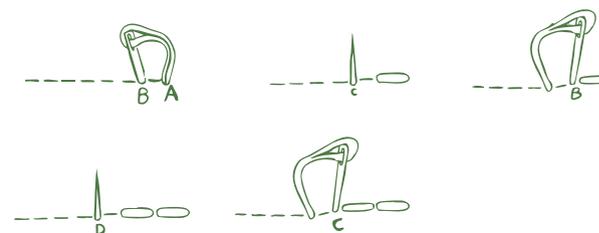
### Lápis ou caneta apagável para tecido:



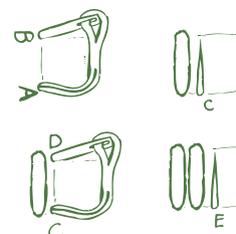
Ideias para desenharmos no tecido, as canetas apagáveis são melhores e conseguimos apagar depois o risco do desenho com o calor do ferro

Logo a baixo temos alguns exemplos de pontos básicos do bordado e um pedaço de tecido para desenharem e treinarem os pontos.

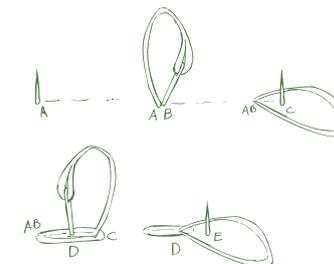
### Ponto atrás:



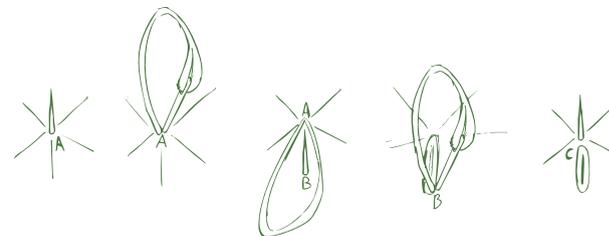
### Ponto cheio:



### Ponto corrente:



### Ponto margarida:

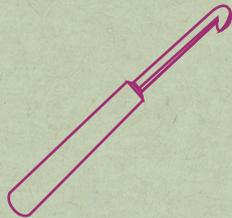


## CROCHÊ

Para quem está iniciando no crochê, não é necessário ter muitos materiais — com poucos itens já é possível criar peças lindas e funcionais. Abaixo, veja o que você precisa.



### Agulhas de crochê:



São feitas de metal, plástico ou bambu. Para iniciantes, depende muito da linha que você utilizar, nos rótulos da linha vem escrito a numeração da agulha, mas aqui vamos usar a agulha entre 3,5 mm e 4,5 mm que são ideais para o fio de número 6.

### Linhas e barbantes:



Você pode começar com o barbante número 6, que é mais grosso e facilita a visualização dos pontos. Também pode usar fio de algodão, que é macio e deslizando.

### Tesoura pequena:



Uma tesoura com ponta fina já ajuda a cortar os fios com precisão.

### Agulha de tapeçaria:



Usada para esconder as pontinhas de fio ao final do trabalho. Tem ponta arredondada e olho largo.

**Agora veja o passo a passo dos pontos básicos do Crochê e tente fazer.**

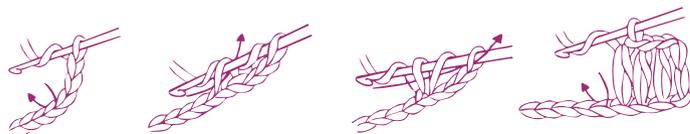
**Correntinha:**



**Ponto baixo:**



**Ponto alto:**



## COSTURA CRIATIVA

A costura criativa é uma técnica cheia de possibilidades: você pode fazer necessai-res, estojos, bolsas, itens para casa e mui-to mais. Para começar, separei os mate-riais mais simples e acessíveis que vão te ajudar a iniciar.



**Tecido:**



Pode pegar um retalho ou um tecido tricolore sem estampa para você visualizar melhor os pontos.

**Tesoura de tecido:**



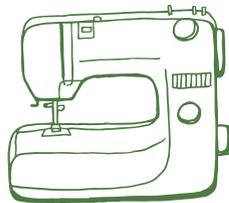
Essencial para cortes precisos. Use uma tesoura exclusiva para tecido (não use para papel, pois perde o fio rapidamente).

### ***Linha de costura:***



A linha 100% poliéster é uma das mais versáteis e resistentes, ideal para projetos variados.

### ***Máquina de costura doméstica:***



Não precisa ser sofisticada. Uma máquina com ponto básicos já atende à maioria dos projetos criativos.

### ***Fita métrica:***



Para poder medir.

**A seguir teremos alguns desenhos para você treinar algumas costuras, você pode desenhar esses exemplos em um retalho de tricoline e tentar costurar até conseguir deixar os preenchimentos mais retos e arredondados.**



## DECOUPAGE

A técnica de decoupage é ideal para quem quer começar no artesanato decorando objetos como caixas, potes, cadernos e até mesmo porta guardanapos, temos uma infinidade de possibilidades.

Aqui vou listar os materiais que servem para outras técnicas, mas são direcionados para fazer um prato de decoupage que é uma peça mais fácil para iniciantes.

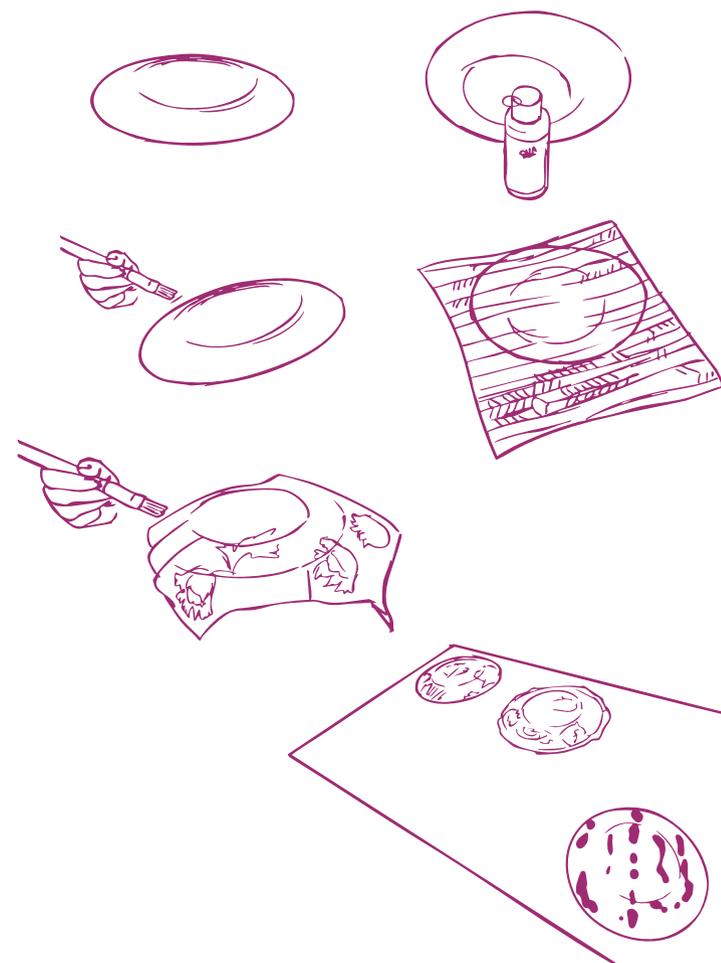


### Materiais:

- ◆ Prato de vidro duralex
- ◆ Guardanapos para decoupage estampados
- ◆ Tesoura
- ◆ Tinta pva branca
- ◆ Cola gel de decoupage
- ◆ Verniz acrílico fosco
- ◆ Pincel pra cola
- ◆ Pincel pra verniz
- ◆ Pincel pra tinta
- ◆ Rolinho de espuma para cola
- ◆ Rolinho de espuma para tinta
- ◆ Lixa de unha
- ◆ Lixa com espuma
- ◆ Plástico



A seguir o passo a passo do prato em forma de ilustração e logo em seguida teremos a descrição do processo.



### **Primeiro passo:**

Retirar os adesivos do prato, e limpar o prato, dos dois lados com álcool

### **Segundo passo:**

Coloque um suporte para colocar o prato, pode ser uma lata, uma caixa, ou outro objeto algo que seja difícil de escorregar. Coloque o prato voltado para baixo em cima desse suporte.

Escolha um guardanapo estampado, retire as duas películas \*brancas\* do guardanapo.

Com um pincel chato passe, sobre as costas do prato, a cola gel e em seguida o rolinho de espuma a cola com um pincel e depois passa o rolinho. Coloque o guardanapo, com o lado da estampa voltado sobre a cola do prato em cima

Sobre o guardanapo Coloque um plástico e pressione, com a ajuda de um papel ou tecido, o guardanapo sobre o prato para uniformizar e colar evi

tando a formação de bolhas sem textura. Retire o plástico com cuidado, observe se todas as partes foram coladas, se precisar, coloque novamente o plástico e pressione novamente

### **Terceiro passo:**

Para impermeabilizar, passe uma fina camada de cola gel sobre o guardanapo, com cuidado e observando para que chegue até a borda do prato. Depois já passa a cola com um pincel preenchendo tudo até as beiradas e colocando no sol para secar.

Quando estiver seco, confere se está tudo colado, inclusive as beiradas, e pegue uma tesoura para tirar os excessos ao redor de guardanapo e lixe (use lixa de unha) para terminar de tirar as beiradas de papel ao redor, sempre de fora pra dentro. Para um melhor acabamento, com o toque das mãos, percorra o prato e observe onde está áspero e passe a lixa de forma suave, inclusive nas bordas do prato.

### **Quarto passo:**

Se quiser deixar o prato mais transparente (estampa na parte de trás), passe uma demão de verniz, deixe secar naturalmente, pode ser sob o sol ou na sombra. Se for agilizar a secagem com o secador, use somente a opção de frio, e passe a segunda demão de verniz e deixe secar. E está pronto seu prato.

Obs:

Caso queira fazer o fundo pintado, passe tinta pva branca, sobre o guardanapo, deixe secar naturalmente (sob o sol ou sombra) coloque no sol e faça (repita outras demãos de tinta, até observar que o prato está com boa cobertura) esse processo até mais ou menos você colocar seu prato virado pro sol e ver que está sem manchas e depois lixe um pouco para ficar uniforme e depois passe as duas demãos de verniz (observando o tempo de secagem entre as demãos).

*Neste capítulo foi mostrado somente o início de como podemos começar trabalhos manuais e como o trabalho dessas artesãs são árduos, isso é somente o básico, existem tantas possibilidades e técnicas no artesanato. A Casa Tressê oferece todos os ensinamentos desses trabalhos manuais e temos que valorizar esses trabalhos lindos e artesanais.*

✿ 03 ✿

## *Encontros Que criam*

Vamos aprender a usar o design como uma ferramenta que valoriza o artesanato.

# Design e Artesanato

O elo entre o olhar criativo do design e a essência manual do artesanato.

- ✦ O design, muitas vezes associado ao universo da tecnologia ou da estética comercial, também pode ser um ato de cuidado. No contexto do artesanato, o design ganha um novo significado: ele passa a ser uma ferramenta que organiza, valoriza e expande os saberes manuais.
- ✦ Quando falamos de design aplicado ao artesanato, não falamos apenas de fazer algo “bonito”. Falamos de pensar em quem vai usar aquela peça, no conforto, na funcionalidade, na tradição que ela carrega e no futuro que ela pode construir. O design é, portanto, um aliado poderoso na preservação de técnicas e na valorização das mãos que criam.
- ✦ Neste capítulo, veremos formas práticas de como o design pode ser usado como ferramenta por artesãos(as), professores(as), estudantes e qualquer pessoa que deseje fortalecer ou iniciar seu trabalho manual com intenção.

## 1. Design como ferramenta de observação:

Antes de desenhar ou costurar, o primeiro passo é observar. Observar quem vai usar a peça. Qual será a função? Qual a idade da pessoa? Qual o contexto?

Artesãs como P.T. destacam a importância de pensar no tamanho de uma bolsa, no tipo de fechamento mais acessível, na simetria da costura. Isso é design: perceber e adaptar.

## 2. Harmonia de cores, formas e materiais:

A escolha de cores e texturas também envolve conhecimento e prática. O design pode te ajudar com algumas dicas.

Primeiro: evite misturar muitos elementos visuais se a peça for pequena.

Segundo: aposte em uma paleta de cores harmônica, olhar as combinações que existem com o círculo cromático pode ajudar, como as cores

### *Dica de prática:*

Monte combinações de tecidos ou linhas antes de começar a peça. Isso ajuda a visualizar o resultado final e tomar decisões mais assertivas.

### *3. O design que resgata histórias*

Cada ponto carrega uma memória. A aplicação do design não precisa apagar essa memória — ela pode, na verdade, evidenciá-la. P.T. mencionou o quanto tenta manter a tradição em suas criações, mas adaptando para o gosto atual. Isso pode ser feito reaproveitando técnicas antigas com novos formatos (como transformar um bordado em um aplique moderno, ou usar crochê em detalhes de uma bolsa contemporânea).

### *4. Design acessível: desenhar para todos*

O design também cuida quando pensa em acessibilidade. Pode ser uma boneca feita para crianças com deficiência visual, com texturas diferentes, ou um bordado com letras grandes para quem tem baixa visão. Esse cuidado é um diferencial — e é profundamente humano.

## *5. Ferramentas simples de design para começar*

Você não precisa ser designer gráfico para começar a aplicar design no seu fazer. Veja algumas ferramentas e práticas simples.

### *Caderno de ideias:*

Desenhar esboços antes de começar uma nova peça.

### *Medições básicas:*

Use régua, fita métrica e moldes simples para melhorar o acabamento.

### *Prototipagem rápida:*

Faça uma versão pequena ou de teste da sua ideia antes de produzir em quantidade.

### *Pesquisa de referências:*

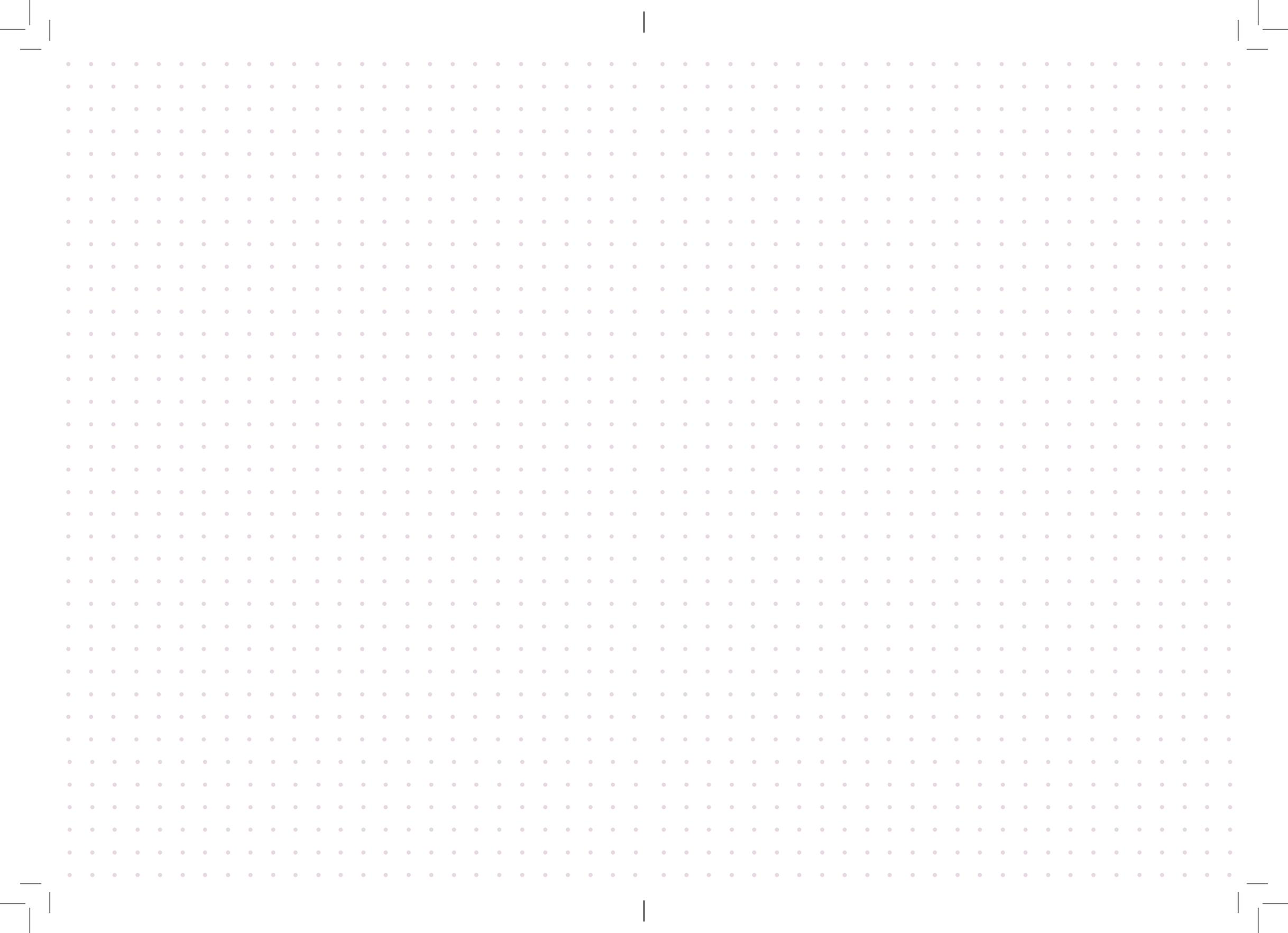
Crie pastas com imagens que te inspiram, no celular ou impressas.

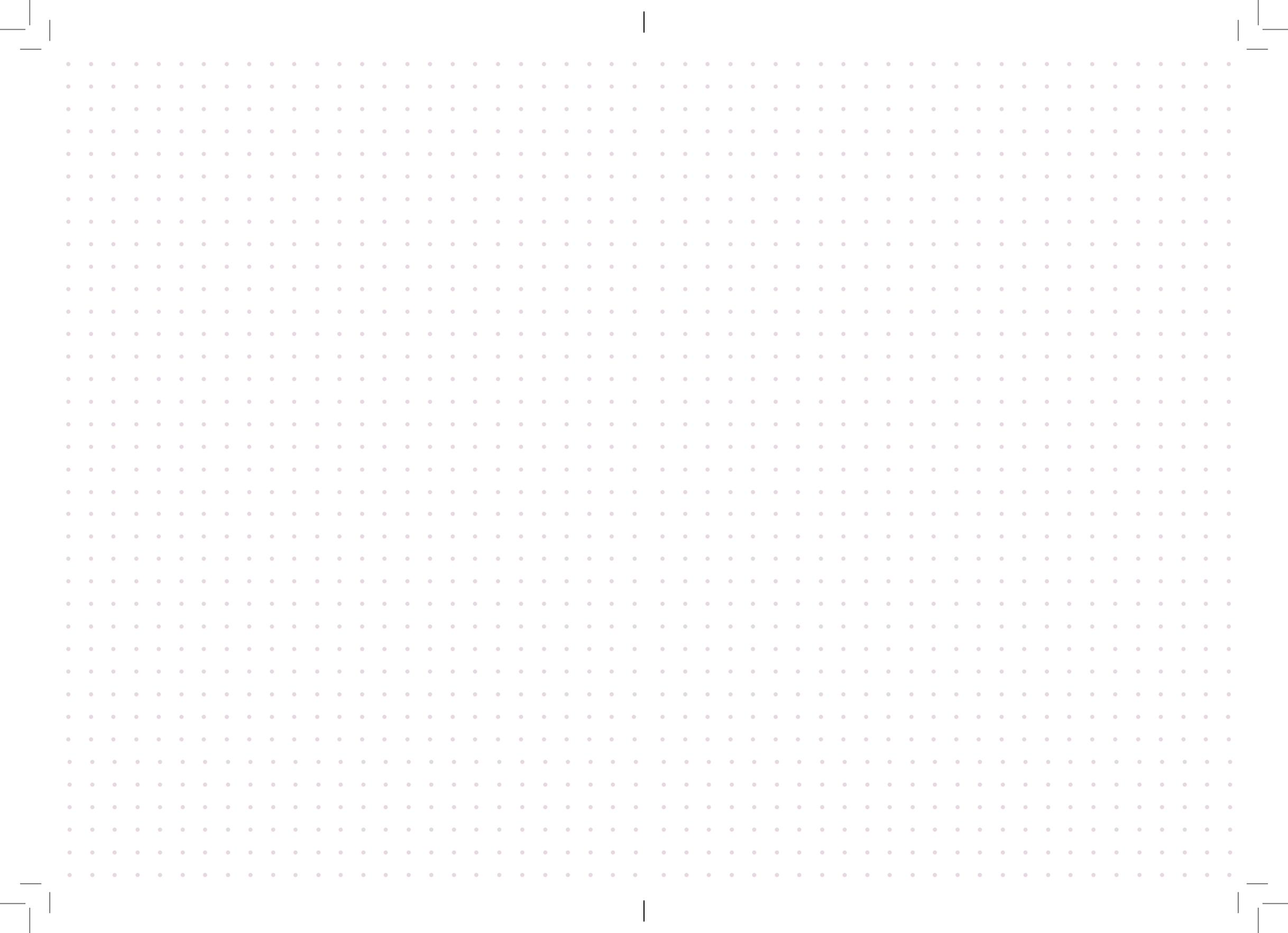
✿ 04 ✿

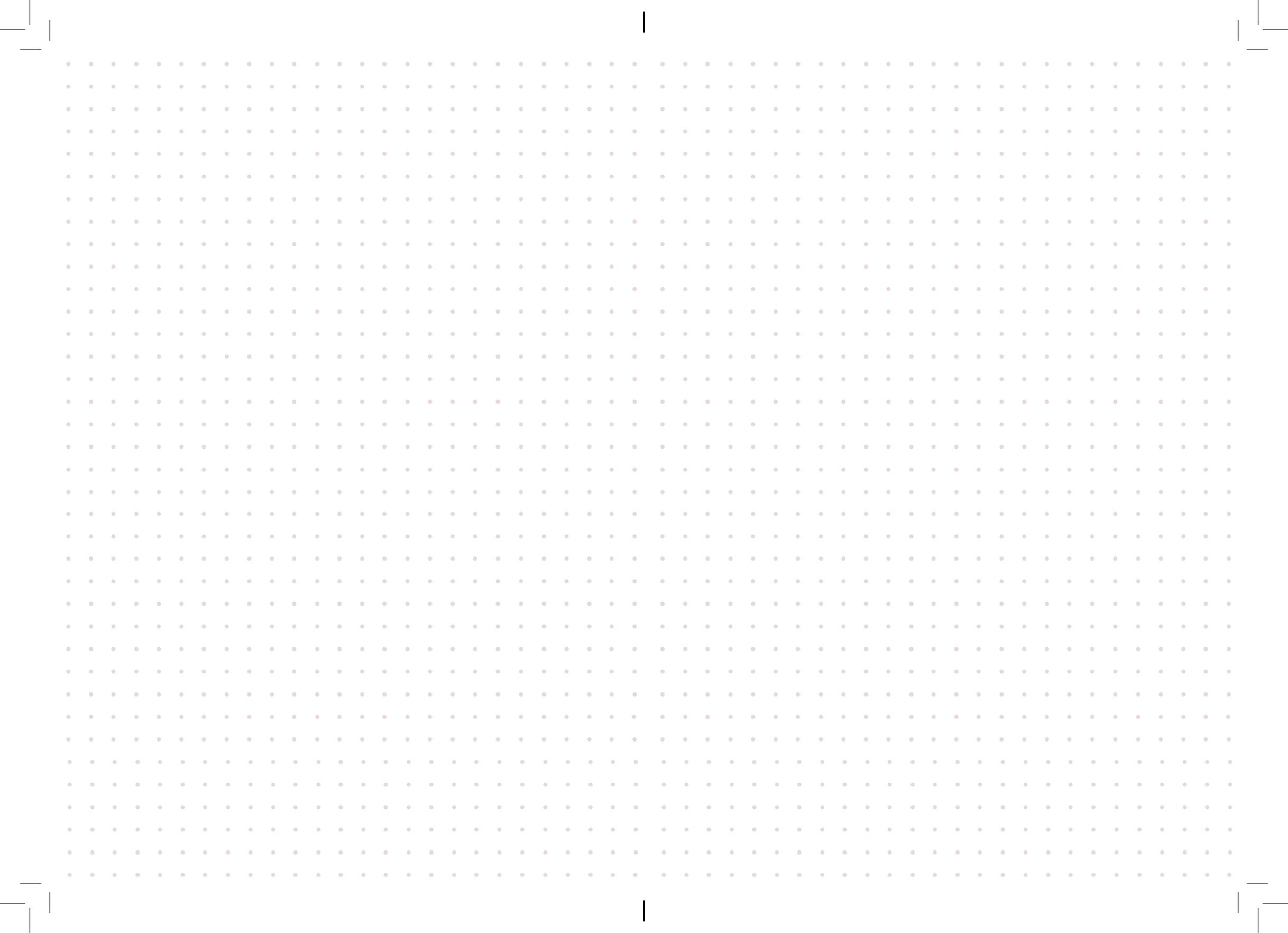
## *Espaço Entre nós*

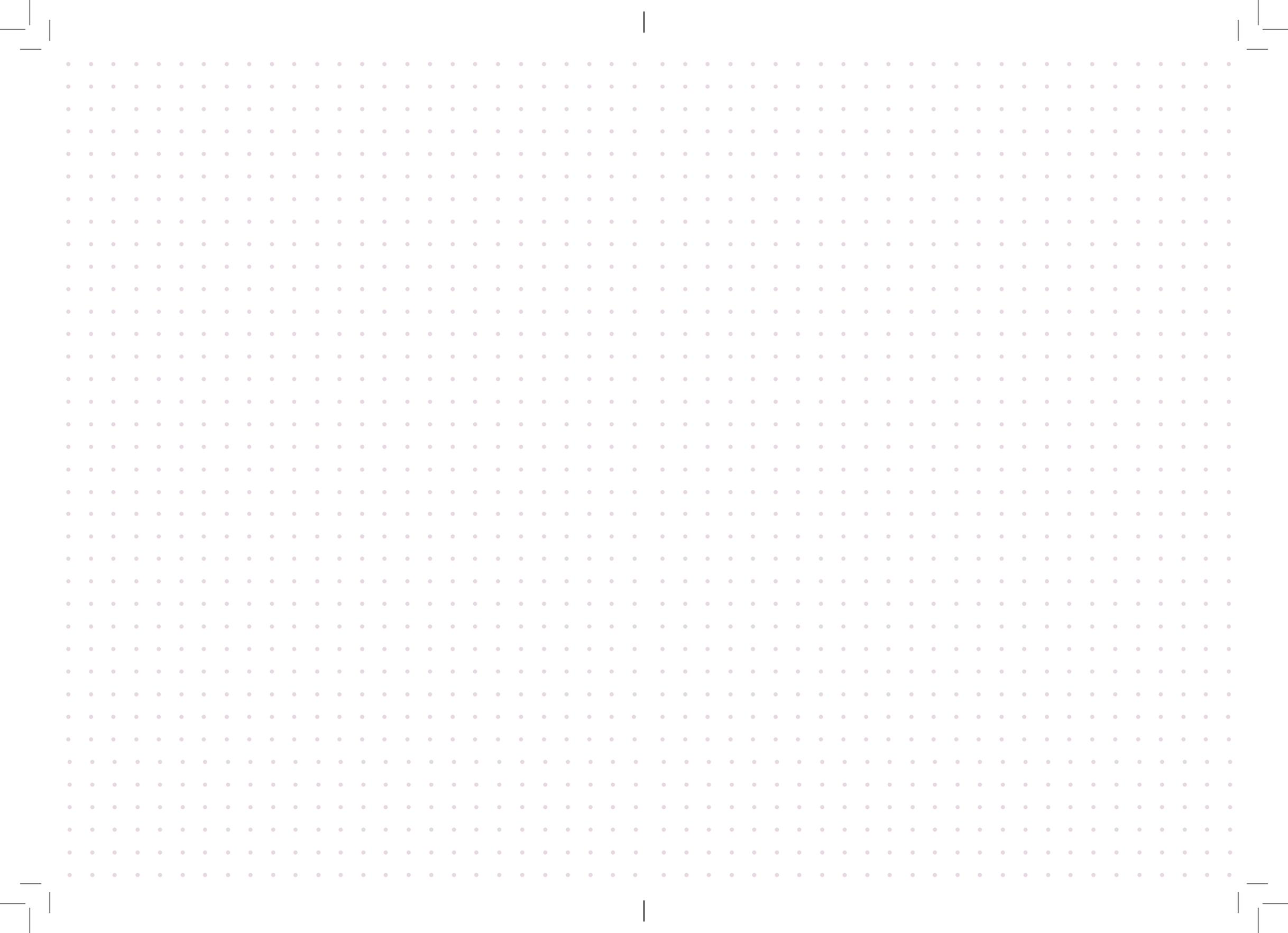
Um espaço para notações, ideias e rascunhos.

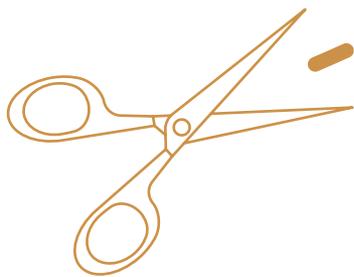
*Um cantinho livre para o leitor criar,  
imaginar e se reconectar com suas próprias  
tramas. Aqui você pode também registrar o  
que aprendeu com o livro.*











**Entrelaços: A arte de se  
reconectar.**

**Por: Leticia Roncen**